

GABRIELLE TOSON DE OLIVEIRA

**ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS: AS VOZES NARRATIVAS EM *MES QUATRE
FEMMES*, DE GISÈLE PINEAU**

PORTO ALEGRE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA DA LITERATURA

GABRIELLE TOSON DE OLIVEIRA

**ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS: AS VOZES NARRATIVAS EM *MES QUATRE
FEMMES*, DE GISÈLE PINEAU**

Dissertação de Mestrado em Letras, na área de Estudos de Literatura, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Karina de Castilhos Lucena

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Toson de Oliveira, Gabrielle
Entrelaçando Histórias: As Vozes Narrativas em Mes
Quatre Femmes, de Gisèle Pineau / Gabrielle Toson de
Oliveira. -- 2024.
95 f.
Orientadora: Karina de Castilhos Lucena.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Gisèle Pineau. 2. Mes quatre femmes. 3.
literatura antilhana. 4. história. 5. transgeracional.
I. de Castilhos Lucena, Karina, orient. II. Título.

GABRIELLE TOSON DE OLIVEIRA

ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS: AS VOZES NARRATIVAS EM *MES QUATRE FEMMES*, DE GISÈLE PINEAU

Dissertação de Mestrado em Letras, na área de Estudos de Literatura, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 5 de março de 2024.

Resultado: aprovada.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Karina de Castilhos Lucena

Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Ian Alexander

Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Júlia da Rosa Simões

Doutora em História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Vanessa Massoni da Rocha

Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense (UFF)

AGRADECIMENTOS

Pelo suporte incondicional, agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Lara, à minha irmã, Victória, e à minha tia-mãe, Lore, fundamentais em minha trajetória. Agradeço também às muitas amigadas que representaram espaços de amparo, empatia e escuta durante a elaboração desta pesquisa.

Pela acolhida, pela gentileza e pelos conhecimentos compartilhados ao longo dos últimos anos, agradeço à minha orientadora, Karina de Castilhos Lucena.

Pela inspiração, pelo incentivo inicial e por me mostrarem a importância de contribuir para o reconhecimento de culturas antilhanas no sul do Brasil, agradeço às queridas Graziella e Violaine.

E, por fim, agradeço à Gisèle Pineau, autora de palavras potentes, pela coragem em compartilhar suas histórias e personagens com o mundo.

*La mémoire est une geôle.
Là, les temps sont abolis.
Là, les morts et les vivants sont ensemble.
Là, les existences se réinventent à l'infini.*

Gisèle Pineau

RESUMO

Esta dissertação propõe uma análise de aspectos histórico-sócio-culturais na obra *Mes quatre femmes* (2007), de autoria da romancista e ensaísta franco-antilhana Gisèle Pineau. Esse *récit* apresenta uma narrativa entrecortada por diversas vozes, mesclando trechos de ficção e fatos reais, composta pelas recordações de quatro mulheres negras de diferentes gerações, mas conectadas por uma mesma linhagem familiar. Nesse contexto, à luz da noção de Crioulidade (1989) e das reflexões de Bernd e Soares (2016) acerca da transgeracionalidade, busca-se identificar nas lembranças, narrações e relatos das personagens elementos constitutivos das Antilhas Francesas, especialmente na sua relação com a França Hexagonal. Posteriormente, a partir dos apontamentos de Walter Benjamin (1985) e da complementação de Márcio Seligmann-Silva (2008), o intuito é refletir sobre a importância dos testemunhos memorialísticos na reconstrução de momentos minimizados ao longo da História. Para tanto, buscamos analisar a maneira como a narrativa testemunhal é incorporada na trama de Pineau, em uma perspectiva tanto estética quanto política, abordando sua escritura como uma forma de resistência às lacunas constitutivas da História tradicional e, também, como recurso para o resgate de vozes, subjetividades e identidades perdidas no tempo.

Palavras-chave: Gisèle Pineau ; *Mes quatre femmes* ; Literatura Antilhana ; História ; Transgeracional.

RÉSUMÉ

Ce mémoire propose une analyse des aspects historico-socio-culturels de l'ouvrage *Mes quatre femmes* (2007), écrit par la romancière et essayiste franco-antillaise Gisèle Pineau. Ce récit présente une narration entrecoupée par différentes voix, mêlant extraits de fiction et faits réels, composés des souvenirs de quatre femmes noires de générations différentes, mais liées par la même lignée familiale. Dans ce contexte, à la lumière de la notion de la Créolité (1989) et des réflexions de Bernd et Soares (2016) sur la transgénérationnalité, nous cherchons à identifier dans les mémoires, les narrations et récits des personnages des éléments constitutifs des Antilles françaises, notamment dans leurs relations avec la France Hexagonale. Par la suite, à partir des observations de Walter Benjamin (1985) et de la complémentarité de Márcio Seligmann-Silva (2008), l'objectif est de réfléchir sur l'importance des témoignages mémorialistes dans la reconstruction de moments minimisés tout au long de l'Histoire. Pour cela, nous cherchons à analyser la manière dont la narration testimoniale est incorporée dans l'intrigue de Pineau, dans une perspective à la fois esthétique et politique, en abordant son écriture comme une forme de résistance aux lacunes constitutives de l'Histoire traditionnelle et, aussi, comme un moyen de récupérer des voix, des subjectivités et des identités perdues dans le temps.

Mots-clés : Gisèle Pineau ; *Mes quatre femmes* ; Littérature antillaise ; Histoire ; Transgénérationnel.

Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO | 12

1 MAPEANDO SIGNIFICADOS: QUESTÕES, CONCEITOS E TERMINOLOGIA NA TRAMA SEMÂNTICA DAS ANTILHAS FRANCESAS | 17

1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E SOCIAIS | 18

1.1.1 Guadalupe | 21

1.2 ASPECTOS IDENTITÁRIOS, LITERÁRIOS E POLÍTICOS | 23

1.2.1 Da Negritude à Crioulidade | 23

1.2.2 Crioulidade, língua e literatura | 25

1.3 O GÊNERO *RÉCIT* | 28

2 ENTRE-LINHAS: A VIDA, A ANCESTRALIDADE E A FORMAÇÃO LITERÁRIA DE GISÈLE PINEAU | 30

2.1 DESLOCAMENTOS DOS PINEAU | 31

2.1.1 Anos 40 e 50 | 32

2.1.2 Anos 60 | 40

2.1.3 Vida adulta | 45

2.2 O LUGAR DE GISÈLE PINEAU NA LITERATURA CRIOULA | 47

3 O TRANSGERACIONAL EM GISÈLE PINEAU | 52

3.1 AS NARRATIVAS FAMILIARES EM GISÈLE PINEAU | 50

3.2 *MES QUATRE FEMMES* | 54

3.2.1 Gisèle (1922-1949) | 56

3.2.2 Julia (1898-1976) | 59

3.2.3 Daisy | 61

3.2.4 Angélique (1792-1852) | 64

3.3 PAÍS, LÍNGUA, NOME E SOBRENOME | 67

4 HISTÓRIA E HISTÓRIAS | 73

4.1 AS HISTÓRIAS EM *MES QUATRE FEMMES* | 74

4.1.1 Sistema colonial-escravista nas Antilhas | 75

4.1.2 Primeira e Segunda Guerras Mundiais | 78

4.2 MEMÓRIA, TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA | 81

4.2.1 Testemunho e trauma | 82

4.2.2 Os testemunhos na narrativa de Pineau | 85

4.2.3 As muitas mulheres de Gisèle Pineau | 87

CONSIDERAÇÕES FINAIS | 89

REFERÊNCIAS | 92

ANEXOS | 95

INTRODUÇÃO

Produções literárias e suas relações com diferentes contextos históricos, sociais e culturais sempre despertaram minha curiosidade e meu entusiasmo. Jornalista diplomada e atualmente professora na área de Linguagens, considero a literatura um importante recurso para compreender o passado e promover mudanças no presente e no futuro, desempenhando um papel fundamental em nossa evolução intelectual, emocional e humana. Nesse sentido, alinhada à minha prática no ensino-aprendizagem de idiomas, como pesquisadora, busco aprofundar-me em perspectivas que abordem tais questões de maneira plural, descentralizada, diversificada e inclusiva, frequentemente priorizando a leitura e interpretação de textos que se encontram à margem do cânone literário predominante.

Esses interesses se entrecruzaram em 2018, quando fui selecionada em um programa de mobilidade promovido pela *France Éducation internationale* para lecionar língua portuguesa em escolas da ilha de Martinica, um departamento-região ultramarino francês localizado no Caribe, mais precisamente nas Antilhas Francesas¹. Até então, ainda que indiretamente inseridos em meu percurso acadêmico no curso de Letras, os territórios franceses situados fora do continente europeu me eram praticamente desconhecidos, de forma que somente a partir dessa experiência pude verdadeiramente conhecer as histórias, as sociedades e o caráter multicultural da região².

A partir desse momento, passei a enxergar os espaços que compõem a França ultramarina como lugares marcados por uma série de contrastes de ordem ambiental e, principalmente, identitária. Também identifiquei inúmeras semelhanças com o Brasil, em especial no que se refere às nossas origens, à nossa cultura e à nossa História. Nesse ínterim, entrei em contato pela primeira vez com a literatura antilhana de expressão francesa e com autoras e autores cuja existência, até então, eu também ignorava. Dando seguimento às inclinações que vinham me movendo, busquei me inteirar sobre as literaturas antilhanas produzidas por mulheres, chegando, assim, às obras de Gisèle Pineau.

¹ Antigo *Centre international d'études pédagogiques (CIEP)*, a *France Éducation internationale (FEI)* é um estabelecimento público associado ao Ministério da Educação Nacional na França. O programa em questão está em vigor desde 1905 e se chama *programme des assistants de langues*.

² Um relato da minha experiência nas Antilhas Francesas foi publicado em 2020 na *Parêntese*, revista vinculada à *Matinal*, uma plataforma de jornalismo e cultura de Porto Alegre. Disponível em <<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/ensaios-fotograficos/gabrielle-toson-martinica/>>.

Refiro-me a essas experiências *in loco*, pois acredito que, sem elas, esta dissertação certamente não existiria. Sem desconsiderar meu comprometimento pessoal ou a importância da formação qualificada que venho recebendo em solo brasileiro, notadamente na UFRGS, considero que a imersão proporcionada pelo programa francês foi fundamental para ampliar minha forma de pensar acerca desses temas. Nesse sentido, espero que meu trabalho possa contribuir para fortalecer o fomento a pesquisas nessa área dentro e fora do Brasil.

Estudar obras antilhanas, particularmente aquelas que retratam uma parte significativa da História, é também uma forma de repensarmos a própria identidade brasileira. Visto que ao identificarmos semelhanças, criamos pontes entre culturas distintas, mas interligadas por um mesmo processo constitutivo, frequentemente apagado pelo pensamento hegemônico eurocêntrico. Essa perspectiva vem suscitando debates e se firmando progressivamente em âmbito acadêmico ao longo das últimas décadas, principalmente por meio do pensamento decolonial, que se propõe a subverter concepções de conhecimento há muito enraizadas nas histórias marcadas pela colonialidade. A respeito dessa noção, Mignolo (2017, p.15) explica que a decolonialidade

não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas.

Nesse segmento, além de valorizar autorias de regiões colonizadas sob uma ótica decolonial, considero igualmente importante dar ênfase às narrativas essencialmente femininas. Para tanto, é fundamental o reconhecimento coletivo de que, historicamente, tem sido negado às mulheres o seu papel na construção de identidades, inclusive literárias. Portanto, a busca por espaços para discussões voltadas à inclusão de obras de autoria feminina, tanto brasileiras quanto estrangeiras, na academia, deve ser obstinada e constante. Afinal,

optar por esse caminho pode significar uma intervenção transformadora nos discursos da genealogia da cultura e literatura, com repercussões sobre o nosso entendimento sobre como imaginários sociais foram produzidos e como identidades e tradições foram instituídas (Schmidt, 2008, p.137).

Nessa abordagem, convém privilegiar a análise de representações de sujeitos femininos construídos por mulheres escritoras, uma vez que a decisão de representá-los através de um processo de significação com base na mulher e livre das distorções impostas pelo sistema patriarcal, é, antes de tudo, política (Schneider, 2000). Com base nessa premissa, ampliar horizontes para além da perspectiva branca e colonialista, mas também masculina, é essencial. Como pontua hooks (1995, p. 468), de fato, “dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente”, tornando “o domínio intelectual um lugar interdito”.

À vista disso, esta dissertação propõe um cruzamento entre literatura antilhana em língua francesa, narrativas produzidas e compartilhadas por mulheres e elementos históricos por meio da análise de *Mes quatre femmes*³, *récit* escrito pela guadalupense Gisèle Pineau. O livro, publicado originalmente em 2007 e reeditado em 2021 pela editora francesa *Philippe Rey* (ANEXO A), apresenta um texto polifônico que mistura ficção e realidade em meio às recordações de quatro ancestrais da autora ao longo de três séculos.

O principal objetivo é identificar, por meio das memórias transgeracionais das testemunhas-personagens, componentes constitutivos das Antilhas Francesas, sobretudo em sua relação com a França europeia. Para tanto, busco pensar a escrita literária não apenas como uma manifestação crítica em relação às lacunas da História tradicional, mas também como um recurso para recuperar vivências, identidades e discursos que têm sido suprimidos pela cultura ocidental. Paralelamente, o intuito é contribuir com a visibilidade das narrativas (re)produzidas por mulheres e, mais especificamente, por aquelas à margem e, no caso das antilhanas, pouco conhecidas na cultura brasileira.

Nesse sentido, é relevante sublinhar que a escolha de uma obra que faz referência clara à experiência de mulheres como foco deste estudo não foi ocasional. Além de dialogar com interesses prévios, também considero que, como será demonstrado ao longo das próximas páginas, no que concerne às produções antilhanas, o discurso predominante ainda está bastante limitado a uma visão de mundo predominantemente masculina.

³ “Minhas quatro mulheres”, em tradução literal para o português. Para facilitar a leitura, traduzi todos os depoimentos, trechos literários e citações bibliográficas que compõem este trabalho, indicando também os textos de partida em língua francesa.

Esses elementos serão explorados no primeiro capítulo. Com esse propósito, é necessário, antes de qualquer coisa, que se pense a localização geográfica e os contextos histórico, político e principalmente literário no qual se insere a maior parte da obra de Pineau, sobretudo a partir dos estudos de Eurídice Figueiredo em *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998). Em um segundo momento, buscando pensar tais características em contraste com a tradição literária europeia, serão traçadas algumas considerações a partir de *Elogio da Crioulidade* (1989), de Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant. Por fim, proponho uma breve reflexão acerca do gênero *récit*.

Gisèle Pineau se autodefine, acima de tudo, como uma contadora de histórias. Nessa mesma lógica, ela destaca que todas essas histórias ecoam sua própria trajetória (2022). Com mais de 20 livros em seu repertório, que engloba romances, contos, novelas e ensaios, suas obras abordam temas como aculturação, racismo, intolerância, violência e diversos preconceitos enraizados nas sociedades francófonas, promovendo uma visão de mundo descentralizada e, em consonância com a proposta deste estudo, decolonial. Além disso, Pineau se utiliza de elementos como fotografias, artigos de jornais e outros recursos para embasar sua escrita, consolidando assim uma literatura que dialoga de maneira significativa com o documental. Apesar de um percurso constante e substancial tanto como escritora quanto como pesquisadora, no entanto, sua inserção no circuito literário dominante tem sido marcada por uma série de desafios.

A partir dessa percepção, o segundo capítulo abordará a biografia e trajetória de Pineau. Para fundamentar esta seção, foram consultadas entrevistas, relatos e obras integral ou parcialmente autorreferenciais de sua autoria, com destaque para: *Un papillon dans la cité* (1992), *L'Exil selon Julia* (1996), *Mes quatre femmes* (2007) e *Folie, aller simple: Journée ordinaire d'une infirmière* (2009). Esses livros, bastante representativos de sua escrita, evidenciam o interesse da autora pelos estudos genealógicos e pela busca de suas próprias raízes, associando elementos memorialísticos e documentais à narrativa crioula característica das linhagens femininas antilhanas. Cumpre destacar que optei por recorrer a essas fontes considerando: a pouca disponibilidade de informações acerca de Gisèle Pineau na ocasião da redação desta pesquisa; a perspectiva de entrelaçamento entre o ficcional e o real, explorada neste trabalho e intrinsecamente relacionada a questões (auto)biográficas; e a disponibilidade e constante reflexão da autora sobre seu

processo criativo e o papel da escrita em sua existência, tornando-se uma fonte valiosa sobre sua própria persona.

No terceiro capítulo, será realizada a análise da obra *Mes quatre femmes*, uma das mais representativas da prosa de Pineau. Para isso, por meio das ideias de Bernd e Soares (2016), busco demonstrar que o resgate memorialístico presente no texto em questão pode ser associado a um modo específico de transmissão de memória: o transgeracional. Além disso, o objetivo é identificar possíveis associações entre os registros da anterioridade e os elementos factuais e documentais presentes na narrativa pineauniana.

No último capítulo, abordarei as “pequenas histórias” trazidas à tona por meio das memórias, dos traumas e da narração, especificamente entre mulheres. Para tanto, busco refletir a maneira como a experiência traumático-catastrófica e a narrativa testemunhal são incorporadas e constituem textos literários em uma perspectiva estética e política, com ênfase nos escritos de Pineau. Além disso, e conseqüentemente, busco pensar a literatura tanto como manifestação de descontentamento em relação às ausências constitutivas da História tradicional, quanto recurso de recuperação de discursos que dela foram eliminados.

Ao final deste trabalho, intento suscitar debates em direção à inserção de culturas ditas marginalizadas, orais, ancestrais, de mulheres, a uma tradição literária construída a partir de uma perspectiva masculina, branca, ocidental. Nessa mesma linha, espero que os recortes apresentados contribuam para a ampliação dos estudos de literaturas em língua francesa para além da França dentro da Europa.

1 MAPEANDO SIGNIFICADOS: QUESTÕES, CONCEITOS E TERMINOLOGIA NA TRAMA SEMÂNTICA DAS ANTILHAS FRANCESAS

Discorrer sobre as literaturas das Antilhas Francesas requer uma alternância complexa e constante entre perspectivas intrínsecas e extrínsecas a essa região. Primeiramente, em virtude da multiplicidade de elementos que compõem sua extensão. Em segundo lugar, devido à quantidade ainda limitada – embora se observe um aumento gradual – de textos e estudos especializados nesse campo, sobretudo em língua portuguesa. De acordo com Eurídice Figueiredo em *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998), a temática vem sendo introduzida em cursos de pós-graduação do Brasil desde a década de 1970, com destaque para trabalhos pioneiros realizados em universidades do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Passados mais de 50 anos, no entanto, as produções críticas e literárias das Antilhas ainda são frequentemente associadas a uma subárea da literatura francesa ou francófona, dificultando um reconhecimento mais significativo tanto no meio acadêmico quanto no editorial. Gisèle Pineau figura entre os poucos nomes que vêm sendo objeto de estudo nesse segmento em universidades do país ao longo dos últimos anos, como, por exemplo, nas dissertações de mestrado de Karolyne Porpino de Araújo (2023) e de Novalca Seniw Ribeiro (2013) e na tese de doutorado de Humberto Luiz Lima de Oliveira (2009). Contudo, e mesmo se tratando de uma autora contemporânea, prolífica e premiada, suas obras ainda não foram apresentadas aos leitores brasileiros.

Ao refletir sobre os porquês do pouco interesse na temática como um todo e, mais especificamente, nas obras da escritora, é inevitável deparar-se com uma série de questionamentos de ordem conceitual e terminológica. Estes, em muitos sentidos, refletem o intrincamento de um tema que abrange diferentes momentos históricos, perpassando os continentes africano, americano, europeu e asiático, e, não menos importante, questões de raça, classe e gênero. Diante disso, e sem qualquer pretensão de encerrar a discussão, apresento algumas premissas que considero fundamentais para a leitura e interpretação de textos literários produzidos nas e sobre as Antilhas Francesas, e, por conseguinte, para a compreensão das escolhas narrativas de Pineau.

1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E SOCIAIS

Localizadas na extremidade oriental do Mar do Caribe, as Antilhas Francesas correspondem atualmente ao grupo insular formado principalmente por Guadalupe, Martinica, São Bartolomeu e São Martinho. Em língua francesa, os *Outre-mer* ou DROM-COM⁴. Guadalupe e Martinica são departamentos-regiões ultramarinos da França, e São Bartolomeu e São Martinho, antigas dependências de Guadalupe, são coletividades ultramarinas da França. Embora as nomenclaturas impliquem diferenças, ambas as expressões se referem a colônias, ex-colônias e possessões que continuam vinculadas à França Metropolitana (*Outre-mer*, 1980). Os DROM-COM surgiram com a lei de departamentalização de 1946⁵, a qual determinou que esses e outros territórios agrupados sob o mesmo termo passariam a ser administrados por prefeitos subordinados ao Ministério do Interior da França. Conseqüentemente, essas regiões têm a mesma organização política e a mesma moeda, o euro. O idioma oficial é o francês, mas diferentes variações de crioulo de base francesa também são comumente faladas.

Neste ponto, é importante frisar que o crioulo é uma língua oral, falada em diversos países e que compreende em si um sortimento inesgotável de diferenças lexicais. À parte de alguns poucos registros anteriores, somente em 1975, com a fundação do *Groupe d'études et de recherches en espace créolophone (GEREC)* por Jean Bernabé, o crioulo antilhano passou a ser decodificado, transcrito e traduzido. Sendo assim, ainda que compartilhem uma mesma raiz, a variação falada em Guadalupe difere daquela falada em Martinica, assim como difere das variações faladas no Haiti, na Guiana Francesa ou em Cabo Verde.

Nas Antilhas, o crioulo se manteve como idioma mais amplamente utilizado até 1871, quando a criação do ensino primário gratuito e laico possibilitou que a totalidade da população tivesse acesso à educação considerada formal. É crucial considerar o impacto cultural e socioeconômico dessa mudança, uma vez que a

⁴ “Além-mar” ou DROM-COM, abreviação de *Départements ou Régions français d’Outre-Mer et Collectivités français d’Outre-Mer*, termo que vem sendo utilizado desde 2003 em substituição a DOM-TOM, abreviação de *Départements d’Outre-Mer et Territoires d’Outre-Mer*. Importa mencionar que essas e outras expressões francesas englobam 12 diferentes territórios ultramarinos da França localizados em diferentes partes do mundo; porém, por serem eurocentradas, não abrangem completamente as diversidades geográficas, humanas, históricas, sociais e políticas dessas regiões.

⁵ Esta lei foi defendida pelo martinicano Aimé Césaire, que, ainda no início de sua carreira política, temia que os descendentes brancos dos colonizadores assumissem o controle da região em detrimento dos negros descendentes de escravizados (Figueiredo, 1998).

ascensão social sempre esteve condicionada ao aprendizado do francês e à renúncia ao “crioulo falado em casa, língua considerada subalterna, incapaz de exprimir os conceitos ou sentimentos sofisticados, língua ágrafa e, portanto, sem o prestígio do francês” (Figueiredo, 1998, p. 25).

Outro marco significativo nesse contexto foi a criação da Universidade das Antilhas, anteriormente associada à Guiana Francesa, oficialmente estabelecida como instituição pública em 2015. Atualmente, a instituição possui três campi, sendo dois localizados em Guadalupe e um em Martinica. Contudo, apesar de representar um avanço significativo para a região, é comum observar que, mesmo entre os antilhanos, se confira maior apreço a uma formação superior na França Hexagonal.

De forma geral, as ilhas que compõem as Antilhas Francesas compartilham aspectos de um desenvolvimento histórico-social derivado do sistema de plantação escravagista implantado no Caribe durante o Período Colonial, caracterizado, dentre outras ocorrências: pelo extrativismo, pelo genocídio de povos indígenas, pela escravização de africanas e africanos e pela imposição não apenas do idioma, mas também das crenças, dos costumes e da estética dos colonizadores. Ademais, ao longo do século XIX, houve um significativo movimento de imigração de grupos de diferentes partes do mundo, sobretudo da Ásia, contratados para substituir a mão de obra escrava nas plantações.

Concisa e fundamentalmente, a economia das Antilhas está alicerçada na indústria agroalimentar, na pesca, na pecuária e no turismo, sendo que quem detém o poder nesse âmbito são membros de famílias herdeiras dos antigos colonizadores franceses, os *békés*, ou pessoas brancas nascidas na França Metropolitana, os *métros*. Dessa forma, é notável que as relações de poder que advém do Período Colonial perduram, de certa forma, até a atualidade. A população tem uma qualidade de vida superior, por exemplo, à das ilhas vizinhas, mas inferior à da Europa, pois não se considera autossuficiente e depende da importação de praticamente tudo: comida, combustível, automóveis, roupas, e materiais de construção; sendo a França o seu principal parceiro comercial (Figueiredo, 1998). Tais características culminam na coexistência, em uma mesma região, de uma diversidade que ainda hoje divide a população entre dominadores e dominados.

Ainda no tocante às questões terminológicas, cabe ressaltar que as Antilhas Francesas estão localizadas na região das Pequenas Antilhas, uma subdivisão das Antilhas, ou seja, expressões que se referem primordialmente à localização

geográfica. Por outro lado, a expressão “Caribe francófono”, embora também pressuponha um lugar específico, refere-se às áreas do Caribe onde o francês é a língua oficial ou predominante. Em síntese, alguns dos territórios do Caribe francófono estão localizados nas Antilhas, mas nem todas as ilhas das Antilhas são parte do Caribe francófono.

Outro ponto pertinente é que o termo Antilhas-Guiana vem sendo utilizado a fim de aproximar cultural e historicamente as ilhas de Guadalupe e Martinica da Guiana Francesa, situada na América do Sul. É crescente o número de estudos que incorporam as ilhas caribenhas ao contexto das Américas, principalmente no que diz respeito à sua formação do ponto de vista histórico e identitário. Embora este trabalho não objetive discutir esses recortes de forma mais aprofundada, é importante salientar que tais associações são válidas e apresentam uma lógica coerente, diferentemente de perspectivas que interpretam essas regiões unicamente sob a ótica do pensamento europeu.

Em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, Grada Kilomba (2019, p. 12-13) defende que

uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. [...] Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento.

Caberia pensar que mesmo o termo “francofonia”, que culminou na criação da Organização Internacional da Francofonia (OIF) em 1970, frequentemente utilizado para se referir à comunidade linguística e cultural composta por países e regiões onde a língua francesa é uma língua oficial ou adicional, pode ser problematizado. Isso ocorre porque, embora o objetivo seja promover a cooperação e a compreensão mútua entre esses lugares, independentemente de sua localização geográfica, trata-se de uma designação que pode ser tanto inclusiva quanto centralizadora ao deixar de abordar, por exemplo, as origens ligadas à expansão do Império Francês e à disseminação compulsória da língua francesa. Pois,

a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos

constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (Kilomba, 2019, p. 15).

Isto posto, é interessante pensar que as obras produzidas nas Antilhas atravessam um campo semântico e uma série de conceitos-chave que, não raramente, dificultam sua catalogação e mesmo seu acesso, sobretudo à vista dos métodos de organização da tradição canônica. Isso significa, por exemplo, que a autora analisada nesta dissertação poderia integrar coletâneas de literatura francófona, literatura antilhana, literatura caribenha, literatura crioula, ou mesmo literatura guadalupense.

1.1.1 Guadalupe

Quando indagada sobre sua nacionalidade, Gisèle Pineau se autodenomina “uma guadalupense nascida em Paris” (Pineau, 2023). Na sua percepção, especialmente no que se refere à noção de pertencimento, há uma distinção claramente marcada entre Guadalupe e a França Metropolitana. Independentemente da problemática inerente a essa separação, acredito que a autora sustenta seu ponto de vista por meio de seus escritos, como explicitado nos capítulos 2 e 3.

Guadalupe é um arquipélago das Pequenas Antilhas localizado entre o Mar do Caribe e o Oceano Atlântico, a sudeste de Porto Rico e ao norte de Dominica. Ainda que usualmente precedida por um artigo feminino no singular, “a” Guadalupe é composta, na verdade, por cinco grandes ilhas, *Grande-Terre* e *Basse-Terre*, separadas por um estreito chamado *Rivière Salée*, *Les Saintes*, *La Désirade* e *Marie-Galante*; e por algumas ilhotas desabitadas. O clima é tropical, com temperatura média de 27°C e pouca diferença entre os meses mais ou menos quentes. Existem apenas duas estações na região: a seca, chamada de *carême*, e a chuvosa, chamada de *hivernage*. Terremotos, furacões, ciclones e tsunamis são comuns, especialmente entre os meses de junho e outubro. A natureza é diversa⁶ e composta por diferentes espécies de animais, vegetação abundante, cachoeiras, rios, praias, recifes de coral e um vulcão em atividade, o *Soufrière*.

⁶ *Grande-Terre*, na parte oriental, é uma zona de pouco relevo, onde reside a maior parte da população e onde se encontram as plantações de cana-de-açúcar, a capital, de mesmo nome, e a cidade de *Pointe-à-Pitre*, considerada o centro econômico e cultural de Guadalupe. *Basse-Terre*, na parte ocidental, é montanhosa, caracterizada principalmente pelas plantações de banana e pelas florestas tropicais.

Estima-se⁷ que os primeiros habitantes de Guadalupe foram os índios Arawak, vindos do continente latino-americano entre 3.000 e 3.500 a.C, sucedidos pelos Kalinas e pelos Caraíbas. Durante o processo de colonização, os povos indígenas foram dizimados por massacres e pela disseminação de doenças, epidemias e álcool. Os poucos sobreviventes fugiram para as ilhas vizinhas, como Dominica.

Conforme informações do *Institut national de la statistique et des études économiques (Insee)*⁸ e do Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe⁹, o arquipélago abrange uma extensão territorial total de 1.628,4 km², com uma população atualmente estimada em 383.600 habitantes, predominantemente composta por negros e mestiços de negros (90%), e minoritariamente por brancos (5%) e indianos, libaneses e chineses (5%).

Especialmente nas comunas afastadas do centro, é comum que as pessoas atendam às suas necessidades alimentares básicas por meio daquilo que plantam em seus *jardins créoles*, na própria casa e de forma autossustentável, uma prática que reflete muito da subsistência e da tradição antilhanas. Neles, além de flores, há uma variedade de legumes, frutas tropicais e ervas para uso culinário, medicinal ou ritualístico. Esses jardins também podem incorporar design e características arquitetônicas típicas, como caminhos sinuosos, vegetação ornamental, fontes e outras estruturas decorativas, destacando a conexão entre a natureza, a cultura local e a prática agrícola em determinadas regiões caribenhas. Em relação a isso, é interessante pensar que essa prática remonta a outros tempos e pode ser associada a dos quintais, bastante característica na América do Sul.

Com base nessas informações e nas descrições de Pineau, torna-se evidente a existência de muitas disparidades entre Guadalupe e a França, desde as mais evidentes àquelas implicitamente integradas aos seus modos e comportamentos. Não se pode negar que o ambiente, o clima e a transição das estações afetam diretamente a vida das pessoas, tanto em termos de questões sensoriais quanto na vida prática. Para além disso, porém, há toda uma gama cultural e social de Guadalupe que é essencialmente diferente daquela da França, mesmo existindo

⁷ De acordo com informações do *Ministère de l'Intérieur et des Outre-Mer*. Disponível em <<https://www.outre-mer.gouv.fr/territoires/guadeloupe>>.

⁸ Disponível em: <<https://www.insee.fr/fr/statistiques/4481456#titre-bloc-1>>.

⁹ Disponível em: <<https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-guadalupe>>.

uma influência considerável. Esses e outros aspectos serão desenvolvidos nos capítulos seguintes.

1.2 ASPECTOS IDENTITÁRIOS, LITERÁRIOS E POLÍTICOS

Ainda que a diversidade étnico-racial, linguística e cultural mostre sua resistência na memória coletiva, na fala, nas celebrações, na gastronomia, nos costumes e nas manifestações artísticas e religiosas de forma geral, as produções crítico-literárias das Antilhas Francesas sempre estiveram subjugadas à necessidade de uma legitimação estética francesa, dentro e fora da Europa. Já na França Metropolitana, tanto em relação à organização da sociedade quanto no que tange às produções artísticas e intelectuais, o espaço para expressões identitárias que não pertençam ao padrão cultural predominante é, ainda, escasso. De forma que em ambos os territórios, negras e negros antilhana(o)s – mesmo que sejam, também, francesa(e)s – permanecem majoritariamente à margem. Somente entre as décadas de 1930 e 1950, malgrado esse cenário, os antilhanos passaram a integrar o circuito teórico-literário predominante, notadamente a partir das obras de Aimé Césaire e Frantz Fanon.

1.2.1 Da Negritude à Crioulidade

Movimento literário, cultural e político, a Negritude é associada originalmente às ideias do escritor martinicano Aimé Césaire, do senegalês Léopold Sédar Senghor, do guianense Léon-Gontran Damas e – ainda que frequentemente apagadas – das irmãs Paulette e Jeanne Nardal, também martinicanas. Um dos pioneiros na problematização da imitação da cultura e dos modelos literários europeus por intelectuais caribenhos, Césaire foi um importante defensor do resgate e do enaltecimento do passado ancestral africano como elementos fundamentais para a formação de uma identidade antilhana. Dentre outros aspectos, no que tange à literatura, cabe ressaltar também as críticas do autor à aculturação, à tendência a exotismos e estereotipizações e à celebração da “cor local” e das “ilhas felizes”, assim como à exaltação do sofrimento do povo negro em todos os continentes. Ao revalorizar o ser negro e o ser africano, identificações desprezadas ao longo dos

anos de colonização, e romper com o racionalismo e a lógica ocidental, Césaire teria dado início, portanto, ao sistema literário antilhano (Figueiredo, 1998)¹⁰.

Buscando ampliar as ideias de Césaire e à luz, também, do diagnóstico realizado pelo psiquiatra Frantz Fanon¹¹ em *Peles Negras, Máscaras Brancas* (1956) e do conceito de antilhinidade desenvolvido por Édouard Glissant¹² em *Le discours antillais* (1981), o linguista Jean Bernabé e os escritores Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant, todos martinicanos, colaboraram na criação do documento intitulado *Elogio da Crioulidade* (1989), manifesto no qual propõem pensar a identidade antilhana de forma mais atrelada às especificidades do Caribe francófono, e não apenas do continente africano.

Na concepção de Bernabé, Chamoiseau e Confiant, se, de um lado, a Negritude reivindica a liberdade política e intelectual de afrodescendentes, de outro, agravou o que os autores chamam de “processo de afrancesamento”, uma vez que as contestações cesarianas se deram “à ocidental” e sem apoio na totalidade da realidade antilhana. De certa forma, ao concentrar sua análise na relação entre África e Europa, Césaire teria deixado as Antilhas em suspenso, “fora do solo, distante do povo, distante do público leitor, fora de toda autenticidade, senão de maneira incidente, parcial ou acessória”.

Sendo assim, a Crioulidade se define como um movimento de resgate, reconhecimento e valorização estética da língua, da arte e da cultura crioulas. Compreende, em sua essência, povos caracterizados pelo hibridismo linguístico, pela mestiçagem e pela diversidade, entre outros aspectos. Desse modo, a Crioulidade, diferentemente da Negritude, não se restringe à questão etnico-racial, uma vez que tem a miscigenação como característica de base e visa a multiplicidade ao reivindicar uma identidade crioula criada por meio de diferentes influências, relações e origens. Não se trata de um caminho necessariamente contrário ao pensamento de Césaire, mas complementar, pois ambos os movimentos advém do engajamento no combate anticolonialista e antirracista; a Crioulidade, porém, abarca outras subjetividades, em sua maioria (ainda mais) marginalizadas, até então

¹⁰ Figueiredo (1998) ressalta que a Negritude não se trata de um movimento isolado e ocorre em um mesmo momento de ascensão de movimentos modernistas e negristas na América, bem como do interesse das vanguardas européias pela temática.

¹¹ Entre outros pontos, Fanon aborda a influência dos processos de colonização no comportamento, na linguagem e na percepção da própria existência de pessoas racializadas.

¹² Para Glissant, para além do que vinha propondo a Negritude, a identidade antilhana é formada a partir dos encontros culturais que ocorreram no Caribe ao longo dos últimos séculos, e não apenas do processo de diáspora africana.

deslocadas no tempo e no espaço e subjugadas ao pensamento hegemônico ocidental. Trata-se de um conceito nascido nas Antilhas, mas ampliável a outras realidades. Segundo os signatários do manifesto,

existe portanto uma criouldade antilhana, uma criouldade guianense, uma criouldade brasileira, uma criouldade africana, uma criouldade asiática e uma criouldade polinésia, bastante dessemelhantes entre elas mas oriundas da matriz da mesma tormenta histórica. A Criouldade engloba e finaliza portanto a Americanidade uma vez que ela implica o duplo processo : 1) de adaptação dos Europeus, dos Africanos e dos Asiáticos no Novo Mundo; e 2) de confrontação cultural entre esses povos no seio de um mesmo espaço, chegando à criação de uma cultura sincrética dita crioula (Bernabé; Chamoiseau; Confiant, 1993, p. 8).

1.2.2 Criouldade, língua e literatura

Em *Elogio da Criouldade*, os autores comunicam a inexistência, até então, de uma literatura antilhana, devido principalmente à ausência de leitores e ao não reconhecimento da produção escrita mesmo dentro da sociedade local, que estaria, à época, enxergando o mundo através do filtro dos valores ocidentais. Assim, a região estaria em um “estado de pré-literatura” que teria se desenvolvido a partir de dependências de ordem cultural, política e econômica que se consistiu em uma escrita para o Outro, apoiada nos valores franceses e reforçando a relação de dominação da França em relação às suas antigas colônias. A exemplo do que havia feito Aimé Césaire, predomina no manifesto a crítica a um tipo de literatura que exalta apenas o aspecto exótico e paradisíaco de territórios ultramarinos sem dar conta, portanto, da autenticidade e da totalidade de seus povos. No cerne desse debate, Bernabé, Chamoiseau e Confiant destacam o conflito, em um sentido bastante objetivo, entre o que é exterior e interior, bem como o impasse em que escritoras e escritores se encontram, entre ir em busca da validação do externo (a França) e permanecer dentro dos limites da originalidade interna (as Antilhas Francesas). Nesse segmento, reforça-se a necessidade de estender um olhar à vida “de dentro”, cotidiana, popular, real, de forma a romper com a alienação imposta pela tentativa de padronização oriunda da exterioridade e

dar as costas à inscrição fetichista em uma universalidade regida pelos valores ocidentais, a fim de entrar na minuciosa exploração de

si mesmos, feita de paciências, de acumulações, de repetições, de insistências, de obstinações, onde se mobilizariam todos os gêneros literários (separadamente ou na negação de suas fronteiras) e o manuseio transversal (mas não forçosamente erudito) de todas as ciências humanas (Bernabé; Chamoiseau; Confiant, 1993, p. 5).

Ao defender ideias que “não são do domínio da teoria, nem de princípios eruditos”, mas sim da experiência vivida, os autores incitam a autonomia da escritura antilhana e a criação de enredos a partir da realidade, e não da idealização, reforçando que a autenticidade estético-literária caribenha está diretamente relacionada à identidade crioula. Além disso, o manifesto reivindica o lugar dessa escritura na História, com suas influências africanas e europeias, mas também indígenas, asiáticas e americanas, reforçando a importância de narrativas que se aproximem verdadeiramente da complexidade dos processos de transferência cultural nos quais elas se originam. Para além da mediação entre diferentes subjetividades, regiões e momentos históricos, portanto, o testemunho contribui diretamente à formação identitária do povo, e vice-versa, uma vez que a vivência fomenta a fabulação à mesma medida que a palavra escreve a vida real.

Por isso, sob a perspectiva da Crioulidade, o hibridismo linguístico e, mais especificamente, a língua crioula, se situam no centro da discussão. O reconhecimento de uma língua minoritária que tem, em sua essência, influências de diferentes povos, é um dos pontos essenciais à compreensão do movimento. Por meio da valorização da oralidade e do testemunho, privilegiando pontos de vista socialmente marcados, a Crioulidade encoraja a tomada de palavra por pessoas à margem, dando voz a identidades subalternizadas. Além disso, luta pela evidenciação de uma existência, uma cultura e uma literatura próprias: a crioula. Na prática, isso se mostra pela incorporação do registro da fala crioula em textos literários, integral ou parcialmente, e pela predominância, nas narrativas, de visões de mundo que se fundem a culturas que sobrevivem na oralidade. Também são empregadas as técnicas da “contação crioula” e as histórias familiares que passam de geração em geração como uma maneira de representar a busca, de um lado, pela recuperação do passado, e, por outro, pela continuação de tradições interligadas em um mesmo espaço.

Em contrapartida, é importante mencionar o caráter controverso da Crioulidade, uma teoria defendida por autores que, de certa forma, criticam o meio estético-literário no qual estão inseridos. Diante disso, mais de três décadas após

sua publicação, é notável o caráter essencialista do manifesto, protagonizado por escritores martinicanos, homens, e focado na produção literária de Guadalupe e Martinica.

O apagamento de vozes femininas na recente historiografia literária da região é apontado pela guadalupense Maryse Condé em *La parole des femmes* (1993), salientando que não se trata de algo exclusivo das Antilhas, uma vez que “em todo o mundo, a palavra das mulheres raramente é triunfante”, pois “a condição da mulher é vivida por toda parte como uma condição de exploração e dependência. No entanto, dado o contexto particular das Antilhas, as ansiedades, frustrações e recusas se enunciam de forma diferente” (Condé, 1993, 113)¹³.

Segundo a pensadora, *Claire-Solange, âme africaine* (1924), de Suzanne Lacascade, teria sido a primeira tentativa literária feita por uma mulher negra das Antilhas Francesas, antes mesmo, portanto, do movimento da Negritude. Ela também destaca que Simone Schwarz-Bart foi uma das primeiras a misturar o francês e o crioulo no romance *Pluie et vent sur Télumée Miracle* (1972), obra considerada como um marco na literatura crioula e grande referência para suas sucessoras. Ainda, Condé (1993) aponta que o quadro que emerge da leitura de obras escritas por mulheres antilhanas inclui a coexistência de vários elementos emprestados da vida cotidiana, como pressupõe *Elogio da Crioulidade*, mas também da religião, da magia e de modos distintos de interpretação do mundo, ressaltando que “nas Antilhas, como em outros lugares, um mundo urbano se mistura a um mundo rural, mas não existem barreiras rígidas entre eles”, pois “a mobilidade das classes sociais proíbe isso e há um fluxo de trocas entre os valores emprestados da Europa e os que são preservados pelo povo” (Condé, 1993, p. 57)¹⁴.

Diante disso, é fundamental destacar o papel das escritoras mesmo dentro do recorte proposto por pensadores antilhanos, uma vez que suas contribuições são determinantes para a compreensão da criação literária nas Antilhas, destacando temáticas bastante características, como, por exemplo “a questão da diáspora africana com a sua pulsão inicial, que é do retorno ao país natal, o enraizamento ou

¹³ No original: *Mais cela n'est pas particulier aux Antilles. A travers le monde, la parole des femmes est rarement triomphante. La condition féminine se vit partout comme une condition d'exploitées et de dépendantes. Cependant, étant donné le contexte particulier des Antilles, angoisses, frustrations, refus s'énoncent différemment.*

¹⁴ No original: *Aux Antilles comme ailleurs, un monde urbain côtoie un monde rural, mais il n'y a pas entre eux de barrières rigides. La mobilité des classes sociales l'interdit et il se produit un courant d'échanges entre les valeurs empruntées à l'Europe et celles qui sont préservées par le peuple.*

não enraizamento nas Antilhas, a questão da família antilhana e a recuperação dos contos crioulos (e africanos) e da oralidade tradicional para a escrita romanesca” (Figueiredo, 1998, p. 10).

1.3 O GÊNERO *RÉCIT*

Por fim, acredito que também convém definir o gênero literário – ainda que essa denominação pertença, também, a uma forma de pensar ocidentalizada – da publicação a ser analisada. *Mes quatre femmes* é uma obra categorizada como *récit*. O termo é oriundo do verbo *réciter* (recitar) e, até o momento, inexistente em língua portuguesa. Em língua francesa, a palavra remete ao produto de uma narração, oral ou escrita, de um acontecimento ou de uma história ficcional ou verídica. Em outras palavras, o *récit* é história (Récit, 2002). Mais especificamente no âmbito do teatro, o *récit* é a narração detalhada de um evento importante que não está representado no palco. Em português, seria o equivalente a um monólogo explicativo ou à voz em off. Já no domínio da linguística, se trata de uma declaração, na maioria das vezes em terceira pessoa, no passado ou presente histórico, da qual a(o) falante procura se apagar (Récit, 1980).

O que percebemos, é que o vocábulo abrange muito mais possibilidades de enunciação na língua francesa. Em português, podemos associar *récit* aos conceitos de “narrativa”, “narração” ou “contação” de uma história, pela fala ou pela escrita, geralmente em terceira pessoa. No entanto, essa compreensão parece insuficiente para a definição ou mesmo eventual tradução do livro de Gisèle Pineau no Brasil.

Outro ponto, é que *Mes quatre femmes* apresenta um texto *sui generis*, com elementos (auto)biográficos, documentais, históricos e imaginados. Trata-se de uma narrativa em prosa, escrita em terceira pessoa, porém entrecortada por diversas vozes. Em uma mistura de acontecimentos reais a trechos de ficção, quatro mulheres negras de diferentes gerações, mas pertencentes à mesma família, de Guadalupe, se encontram e compartilham memórias de um passado esquecido. Essas personagens são ancestrais da própria autora, Gisèle Pineau, que resgata lembranças, dores, histórias e segredos passados de geração em geração.

Cada testemunho consiste em um capítulo no qual uma das personagens conta sua história às companheiras que são, também, interlocutoras. Não há cronologia definida ou definições de começo, meio e fim, apenas testemunhos

entrelaçados, de mulheres deslocadas no espaço e no tempo, mas ligadas umas às outras pelos laços hereditários e por diferentes formas de cerceamento de voz e de liberdades.

Esses são alguns dos aspectos que contribuem para a associação de *Mes quatre femmes* a uma tradição literária que advém da Crioulidade. Ainda que a língua francesa padrão seja mais utilizada em detrimento do crioulo, reservado a falas pontuais, provérbios, cantigas e poemas, a problemática do hibridismo linguístico é amplamente explorada com suas consequências sociais e políticas. Nesse sentido, acredito que o gênero *récit* se relaciona à lógica do “contar crioulo”, ao privilegiar a oralidade e a narrativa geracional que, na escrita de Pineau, se encontra com o presente. Além disso, se trata de um importante registro da vida “de dentro”, ainda que atravessada pelos olhares “de fora”, no qual, amalgamando lembranças, registros documentais e reflexões acerca dos contrastes sociais, a autora resgata partes de sua própria formação como indivíduo e escritora, da infância à vida adulta.

2 ENTRE-LINHAS: A VIDA, A ANCESTRALIDADE E A FORMAÇÃO LITERÁRIA DE GISÈLE PINEAU

Gisèle Pineau é romancista, ensaísta e colecionista¹⁵ de histórias e saberes crioulos. Nasceu em Paris, em 1956, descendente de imigrantes guadalupenses. Durante a infância, residiu em diferentes regiões da França Metropolitana e de antigas colônias francesas até o retorno definitivo da família às Antilhas, em 1970. Na maturidade, regressou por conta própria à capital francesa em mais de uma ocasião com o propósito de se dedicar, primeiramente, aos estudos superiores e, em seguida, a atividades profissionais.

Esses e outros trânsitos, bem como os processos de transferência cultural deles decorrentes e as diferentes percepções de seus familiares acerca da França e das Antilhas, oscilando entre a idealização e o não pertencimento, vêm sendo continuamente incorporados às suas produções críticas e literárias. Sinteticamente, de acordo com entrevistas concedidas à Federação Brasileira dos Professores de Francês (2023)¹⁶, à *Alliance Française de Paris* (2022), ao *Centre de la Francophonie des Amériques* (2022) e à rede de transmissão de televisão e rádio *Outre-mer La Première* (2018)¹⁷, a autora esclareceu que seus escritos orbitam constantemente em torno da vida de personagens do passado e do presente que são forçados a deixar uma terra conhecida – tranquilizadora, mas destruída – e seus parentes, amigos e uma cultura, para habitar um outro lugar, onde serão estrangeiros, carregando consigo bagagens, lembranças e silêncios; nesse novo ambiente, enfrentam a necessidade de se adaptar, assimilar, adotar novas práticas, conquistar uma língua, buscar aceitação e combater preconceitos (Pineau, 2023).

Destaco igualmente como temáticas recorrentes em suas obras a história pessoal da escritora e de seus antepassados, a condição de grupos sociais marginalizados e, sobretudo, de mulheres, e o imaginário crioulo. Nesse

¹⁵ Refiro-me aqui ao conceito desenvolvido por Beatriz Sarlo a partir do pensamento de Walter Benjamin, no qual uma coleção se define como um conjunto desregrado de discursos, de comunicações ou de objetos, sempre infundável, que só adquirem sentido quando alguém os organiza de maneira sistemática. Dessa forma, o colecionista, diferentemente do colecionador ou acumulador, é alguém capaz de reflexão crítica e preservação do conteúdo de suas coleções, tornando-se um especialista (Benjamin, 2022).

¹⁶ Esta entrevista foi concedida durante a terceira edição do *Séminaire International de Littératures Caribéennes* e consiste na primeira e, até o momento, única fala de Pineau para o público brasileiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0XxKUjHf1NU>>.

¹⁷ Entrevistas disponíveis, respectivamente, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N3i8MRAPUjQ>>, <<https://youtu.be/ggblyZkELao>> e <<https://youtu.be/09pTTCYuctY>>.

entendimento, penso que a narrativa de Pineau se desenvolve através de um processo fabulativo profundamente influenciado por situações calcadas na realidade, frequentemente relacionadas à vida cotidiana e a momentos históricos. Essas referências ocorrem por meio da incorporação de testemunhos, documentos, artigos jornalísticos, fotografias e cartas.

2.1 DESLOCAMENTOS DOS PINEAU

Embora os textos de Gisèle Pineau abranjam uma grande diversidade de momentos da História do Caribe, os deslocamentos entre Guadalupe e a França são claramente evidenciados. Diante disso e tendo em conta que as histórias de seus antepassados são um ponto de partida para muitas de suas produções (o que nos conduzirá ao termo “transgeracional”, a ser abordado no próximo capítulo), considero relevante explorar mais detalhadamente o período que compreende o primeiro contato de seus pais com o continente europeu, o subsequente retorno da família às Antilhas Francesas e a vida adulta da autora entre esses dois cenários.

Antes, porém, é fundamental mencionar que os personagens homens pertencentes à família da autora não são nomeados na grande maioria dos textos, entrevistas e demais registros consultados para a escrita desta dissertação. Essa particularidade pode ser associada ao “pêndulo narrativo de Pineau, ou seja, sua categórica inclinação para o universo feminino, e o apequenamento do campo masculino” (Araújo, 2023, p. 29). Como alternativa, diferentes alcunhas são atribuídas a esses personagens para designá-los com base no que representam em suas relações com as mulheres: senhores, proprietários e detentores de poder.

Seu pai é chamado de “Maréchal” em referência à sua patente nas Forças Armadas, e também de “*chanceux*” (sortudo), “*Pied-chance*” e “*Pater*”, expressões que remetem à ideia de sorte e à posição exercida no seio familiar. Já seu avô paterno recebeu o prenome “Asdrubal”, mas também é designado como “*bourreau*” (carrasco) ou “*Misyè Pineau*”, expressões que reforçam suas características violentas e dominadoras.

De forma semelhante, “Daisy” também é um nome fictício, utilizado a fim de preservar a verdadeira identidade de sua mãe (Pineau, 2023). Notamos que a questão dos nomes e sobrenomes é um aspecto importante da escrita da autora. Em um trecho de *Mes quatre femmes*, em uma reflexão acerca da origem de

“Pineau”, uma das histórias contadas através das gerações faz referência justamente à forma como famílias de descendentes de escravizados haviam herdado sobrenomes

retirados da mitologia grega, de um dicionário sobressalente, de um almanaque ou de um guia de zoologia. Nomes de rir e chorar. Nomes inventados também no tédio e no escárnio, nos vapores da tafia e no desejo de acabar com esses rebanhos de negros impacientes que esperavam para serem declarados parte do gênero humano, para receberem um novo nascimento, um batismo. Nomes de anagramas, apelidos, bugigangas, verrugas, insultos, blasfêmias. Nomes de astros pendurados no céu, nomes de peixes pescados no mar, nomes bíblicos emprestados dos anjos do Mal. Nomes rebuscados, emaranhados e aleijados, aos quais seria necessário aprender a responder¹⁸ (Pineau, 2007, p. 75).

Em consonância com as escolhas de Gisèle Pineau e visando facilitar a compreensão, mantive os nomes “Maréchal”, “Asdrubal” e “Daisy” tanto neste capítulo quanto nos capítulos subsequentes.

2.1.1 Anos 40 e 50

Maréchal deixou Guadalupe pela primeira vez em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de integrar voluntariamente o movimento de dissidentes antilhanos e guianenses associados às Forças Francesas Livres, sob comando do General de Gaulle, considerado seu modelo. Em 1950, durante uma visita ao arquipélago, casou-se com Daisy, também guadalupense. Ela é apresentada como uma mulher sonhadora, leitora ávida de romances, que sempre quis viver na Europa. Na obra *L'Exil selon Julia* (1996), *récit* que antecede *Mes quatre femmes* no qual Gisèle Pineau rememora sua infância, o encontro dos pais é descrito da seguinte forma:

¹⁸ No original: [...] tirés de la mythologie grecque, d'un dictionnaire de secours, d'un almanach ou d'un précis de zoologie. Des noms à rire et à pleurer. Des noms inventés aussi dans l'ennui et la dérision, dans les vapeurs du tafia et l'envie pressante d'en finir avec ces troupeaux de nègres impatients qui attendaient qu'on les déclare dans le genre humain, qu'on leur donne une nouvelle naissance, un baptême. Des noms anagrammes, sobriquets, colifichets, verrues, injures, blasphèmes. Des noms d'astres dépendus du ciel, des noms de poissons pêchés dans la mer, des noms bibliques empruntés aux anges du Mal. Des noms alambiqués, emberlificotés, estropiés, auxquels il faudrait apprendre à répondre.

Maréchal voltou em 50, inteiro, vitorioso, condecorado, *galonné*. Foi quando ele se apaixonou pela minha mãe, Daisy. Negro de Routhiers, ele tinha como defensora sua boa educação, seu francês lapidado e, para garantir a nobreza e a honra, o uniforme da nação que portava com facilidade. Ele fez sua corte, desafiou o olhar dos pais e acabou se casando com Daisy, a quem havia prometido Paris (Pineau, 1996, p. 21)¹⁹.

A partir dessa passagem, é pertinente refletir sobre como os pais da autora, cada um à sua maneira, percebiam na França e na língua francesa oportunidades de ascensão social e cultural, afastando-se da pobreza, da falta de recursos e do passado colonial antilhano. Mesmo que o vínculo com a região caribenha permaneça preservado no seio familiar, essa perspectiva era ainda mais prevalente na época, noção perceptível em trechos subsequentes da mesma obra²⁰:

... Crianças! Nada, não há nada de bom para vocês no País²¹, diziam os adultos. Antigamente, era uma terra de escravidão que já não traz nada de bom. Não perguntem sobre esse tempo passado! Aproveitem a França! Aproveitem a chance de crescer cá e lá! No País, as crianças falam patuá. Aproveitem para aprender o francês da França... Quantos Negros os invejam, você não têm ideia. Há tanto ciúme... Não é fácil escapar da Miséria, da Maldição e da Bruxaria, essas três sombras do Mal que governam aqui. Os Negros suam nos canaviais e nunca veem um único sol nascer em suas vidas. As crianças vão para a escola sem sapatos. Não conhecemos nem o linho da moda nem as balas de alcaçuz... Mas quanto a desenterrar essas histórias de escravidão, não vale a pena. E deixem os Brancos contarem seus casos! Não se preocupem! Meçam apenas a sua sorte... Não, não há nada de muito bom no País. (PINEAU, 1996, p. 36-37).

¹⁹ No original: *Maréchal s'en revint en 50, entier, victorieux, décoré, galonné. C'est là qu'il s'éprit de ma manman, Daisy. Nègre-noir de Routhiers, il avait como défenseur sa bonne éducation, son français sans coups de roches et, pour garantir la noblesse et l'honneur, l'uniforme de la nation qu'il portait aisément. Il fit sa cour, brava le regard des parents, et finit par épouser Daisy, à qui il avait promis Paris.*

²⁰ No original: *... Enfants ! Rien, il n'y a rien de bon pour vous au Pays, disaient les grandes personnes. Antan, ce fut une terre d'esclavage qui ne porte plus rien de bon. Ne demandez pas après ce temps passé ! Profitez de la France ! Profitez votre chance de grandir ici-là ! Au Pays, la marmaille parle patois. Profitez pour apprendre le français de France... Combien de Nègres vous envient, vous n'en avez pas idée. Y a tant de jalousie... C'est pas facile d'échapper à Misère, Malédiction et Sorcellerie, ces trois engeances du Mal qui gouverne là-bas. Les Nègres suent dans les champs de canne et ne voient jamais un seul soleil se lever sur leur vie. Les enfants s'en vont à l'école sans souliers. On connaît ni linge à la mode ni bonbons-réglisse... Mais quant à déterrer ces histoires d'esclavage, ça vaut pas la peine. Et laissez les Blancs raconter leurs affaires ! Ne vous occupez pas ! Mesurez seulement votre chance... Non, y a rien de bien bon au Pays.*

²¹ Em seus textos, Gisèle se refere frequentemente a Guadalupe como o "País", com letra maiúscula. Essa é uma das estratégias da autora para marcar a diferenciação entre a França e as Antilhas.

Logo após o casamento, o casal mudou-se para a França e passou a viver em um modesto apartamento localizado no 14º arrondissement de Paris, mais especificamente na rua Général-Séré-de-Rivières. Três dos cinco filhos dessa união nasceram na capital francesa, incluindo Gisèle Pineau. Em 1961, após residir por um período em um bairro militar na República do Congo, a família retornou a Guadalupe para uma temporada de férias. Os primeiros contatos com as culturas africana e antilhana, assim como as lembranças desse período, também são explorados pela autora em *L'Exil selon Julia*. Contudo, o enfoque principal da narrativa recai sobre o deslocamento da avó, Julia (também chamada de Man Ya), conduzida à Europa ao final da viagem à revelia e sem nenhum aviso prévio, em uma organização semelhante à de um sequestro.

Pouco antes de reconquistar mais uma vez a França, o destino trouxe Maréchal de volta a Guadalupe. Ele havia conhecido partes do mundo, aprendido a estimar ainda mais a Mãe Pátria. Ele havia visto guerras nascerem ao mesmo tempo que países. Por toda parte, ele havia conhecido homens, armas nas mãos, em busca de paz. Ele havia vivido, amado, odiado, defendido mulheres e crianças na África, na França, na Indochina. Neste ano de 61, já com uma bela família, Maréchal teve a sensação de que o *Bondieu* lhe oferecia uma última chance de salvar sua mãe. Talvez, se esperasse mais, ele não a veria com vida novamente, dizia para si mesmo, e o remorso o dominaria com paixão pelo resto de seus dias. (Pineau, 1996, p. 21-22)²²

Crioulófona, analfabeta e praticante devota do catolicismo, Julia era vítima de violência doméstica, mas acreditava que seu destino, determinado pelo *Bondieu*, era ao lado do marido Asdrubal, também militar, agressor, em sua cabana, rodeada pelo seu *jardin créole* e por animais domésticos.

Embora ela tema seus acessos de raiva e surras, Julia sente compaixão pelo homem que bate no peito e se autoproclama seu mestre. Na verdade, ele está perdido sem ela. [...] Infelizmente, ele não tem ninguém além dela para cuidar dele. Julia cozinha sua comida, lava e passa sua roupa. À noite, ela aquece seu corpo

²² No original: *Juste avant de regagner une nouvelle fois la France, le destin ramena entre-temps Maréchal en Guadeloupe. Il avait connu des parts du monde, appris à chérir davantage encore la Mère-Patrie. Il avait vu naître des guerres en même temps que des pays. Partout, il avait rencontré des hommes, armes à la main, en quête de paix. Il avait vécu, aimé, haï, défendu des femmes et des enfants en Afrique, en France, en Indochine. En cette année 61, paré déjà d'une belle famille, Maréchal avait le sentiment que le Bondieu lui offrait une dernière chance de sauver sa manman. Peut-être que, s'il tardait encore, il ne la reverrait pas en vive, se disait-il, et le remords le prendrait en passion les restant de ses jours.*

quando os fantasmas das trincheiras surgem em pesadelo. E ele grita. Ele grita à morte. Ele treme de frio. Quem mais além dela poderia apoiar esta alma sofredora... Então, ela sente pena do destino de Misyè Pineau²³ (Pineau, 2007).

Em consonância com os fragmentos acima, destaco que o engajamento dos ancestrais da autora nas Forças Armadas Francesas é um importante elemento em suas obras. Entre os Anos 50 e 70, Maréchal também atuou como soldado no Senegal, na Indochina²⁴ e na Polinésia Francesa. Esses momentos foram incorporados às memórias familiares e, conseqüentemente, à literatura de Pineau, trazendo registros significativos acerca da relação da França com suas antigas colônias. Também o avô paterno havia lutado na Primeira Guerra Mundial antes de retornar a Guadalupe ferido na cabeça e atormentado pelas lembranças, cujos efeitos reverberam em sua relação sobretudo com a esposa. Ele é descrito como um homem de pele e olhos claros e modos de um *blanc-pays*²⁵ que se casou com Julia, *négresse noire*, unicamente para fazê-la sofrer. “Não gostavam dele nas plantações. Talvez por causa de sua pele clara, ele acreditava ter direitos sobre os trabalhadores negros ou indianos, e também sobre as mulheres. [...] Contam que ele procurou a negra mais feia para ofender e envergonhar seu pai” (Pineau, 1996, p.132).

Em um trecho de *Mes quatre femmes* dedicado à avó, podemos identificar a problemática dessa relação:

Ela não tem alma viajante, Julia. Suas raízes estão firmemente plantadas na terra da ilha Guadalupe. Seu universo se limita às suas bordas. Não, ela não precisa viajar pelo mundo para preencher sua existência. Será que os homens são melhores sob outros céus? Ela duvida. O que ela ouviu sobre os estragos da guerra, ecos e sirenes, não a faz antever nada de bom para a humanidade. O que ela ouviu sobre os estragos da guerra, ecos e sirenes não é um bom presságio

²³ No original: *Bien qu'elle craigne ses accès de colère et ses coups, Julia éprouve de la compassion pour l'homme qui se frappe le torse et se proclame son maître. En vérité, il est perdu sans elle. [...] Las, il n'a personne d'autre qu'elle pour veiller sur lui. Julia cuit son manger, lave et repasse son linge. La nuit venue, elle réchauffe son corps quand les fantômes des tranchées se lèvent dans un cauchemar. Et il crie. Il hurle à la mort. Il grelotte de froid. Qui d'autre qu'elle pourrait supporter cette âme souffrante... Alors, elle s'apitoie sur le sort de Misyè Pineau.*

²⁴ Região localizada no sudeste da Ásia que foi colônia francesa entre meados do século XIX e meados do século XX e que englobava três países atuais: o Vietnã, o Laos e o Camboja.

²⁵ Em Guadalupe, os *Blancs-Pays* têm uma história diferente daquela da Martinica. Ao contrário desta última, que esteve sob ocupação inglesa, Guadalupe vivenciou a Revolução Francesa e, especialmente, a primeira abolição da escravidão em 1794. A fim de evitar que os colonos entregassem o arquipélago aos ingleses e restabelecessem a escravidão, quase todos os grandes proprietários da região foram guilhotinados pelas tropas revolucionárias trazidas por Victor Hugues. Os descendentes dos colonos de Guadalupe que não foram executados são chamados de *Blancs-Pays*.

para a raça humana. Em toda parte e sempre a mesma selvageria, a mesma barbárie, a mesma loucura habitam os corações dos homens. E Julia sabe muito sobre essas calamidades. O carrasco declarou guerra a ela no início do casamento e ela não vê trégua nem armistício no horizonte. Todos os dias há pancadas, tapas e xingamentos. Todos os dias há ameaças, terrores, torturas e assim por diante. Cem vezes o carrasco prometeu que a mataria. Julia olha para o sortudo. Seu olhar mergulha nos olhos negros de seu filho soldado. Será que este aqui é melhor que seu pai?²⁶ (Pineau, 2007).

Em relação a esse ponto e dando continuidade às ideias apresentadas no capítulo anterior, é importante considerar que, de forma geral, em sociedades patriarcais, a subjugação de mulheres é praticada nos mais variados contextos, independentemente de raça, etnia, religião, classe, orientação sexual, idade ou nacionalidade. No entanto, a partir do conceito de interseccionalidade (Akotirene, 2018), sabemos que algumas vivências, geralmente à margem, estão mais suscetíveis a violências que outras. É o caso das mulheres negras, indígenas e mestiças que integram os processos de colonização do “Novo Mundo”. Sobre isso, hooks (1995, p. 468) nos lembra que

o sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva.

No caso de Martinica e de Guadalupe, para além das diferenças sociais oriundas de questões raciais e econômicas, há estratégias de repressão que incidem com ainda mais força sobre as mulheres, algo presente mesmo nos dias atuais através da cultura de objetificação de corpos femininos negros, da banalização da infidelidade e do abandono parental, dos altos índices de violência doméstica, abusos e incestos, e da desprofissionalização entre as mulheres,

²⁶ No original: *Elle n'a pas l'âme voyageuse, Julia. Ses racines sont plantées solides dans la terre de l'île Guadeloupe. Son univers se limite à ses bords. Non, elle n'a pas besoin de courir le monde pour emplir son existence. Est-ce que les hommes sont meilleurs sous d'autres cieux ? Elle en doute. Ce qu'elle a entendu des ravages de la guerre, échos et sirènes, ne lui fait rien présager de bon pour le genre humain. Partout et toujours la même sauvagerie, la même barbarie, la même folie habitent le cœur des hommes. Et Julia en connaît des longueurs sur ces calamités. Le bourreau lui a déclaré la guerre à l'aube de leur mariage et elle ne voit pointer à l'horizon ni trêve ni armistice. Chaque jour, c'est coups, calottes et jurons. Chaque jour, c'est menaces, terreurs, tortures et compagnie. Cent fois, le bourreau a promis qu'il la tuerait. Julia toise le chanceux. Son regard plonge dans les yeux noirs de son fils soldat. Est-ce que celui-ci est meilleur que son père ?*

conforme desenvolve Vanessa Massoni da Rocha no artigo *Eu tinha pena de mim, de minha, de vó: violência doméstica contra mulheres em Gisèle Pineau e Jarid Arraes* (2023) e, também, conforme ilustram as imagens a seguir, registradas em Martinica, mas que também se aplicam à realidade de Guadalupe.



Foto 1: Em lojas da Martinica, imagens de mulheres negras em posições sexualizadas são vendidas como *souvenirs*. Acervo pessoal, outubro de 2018, Martinica.

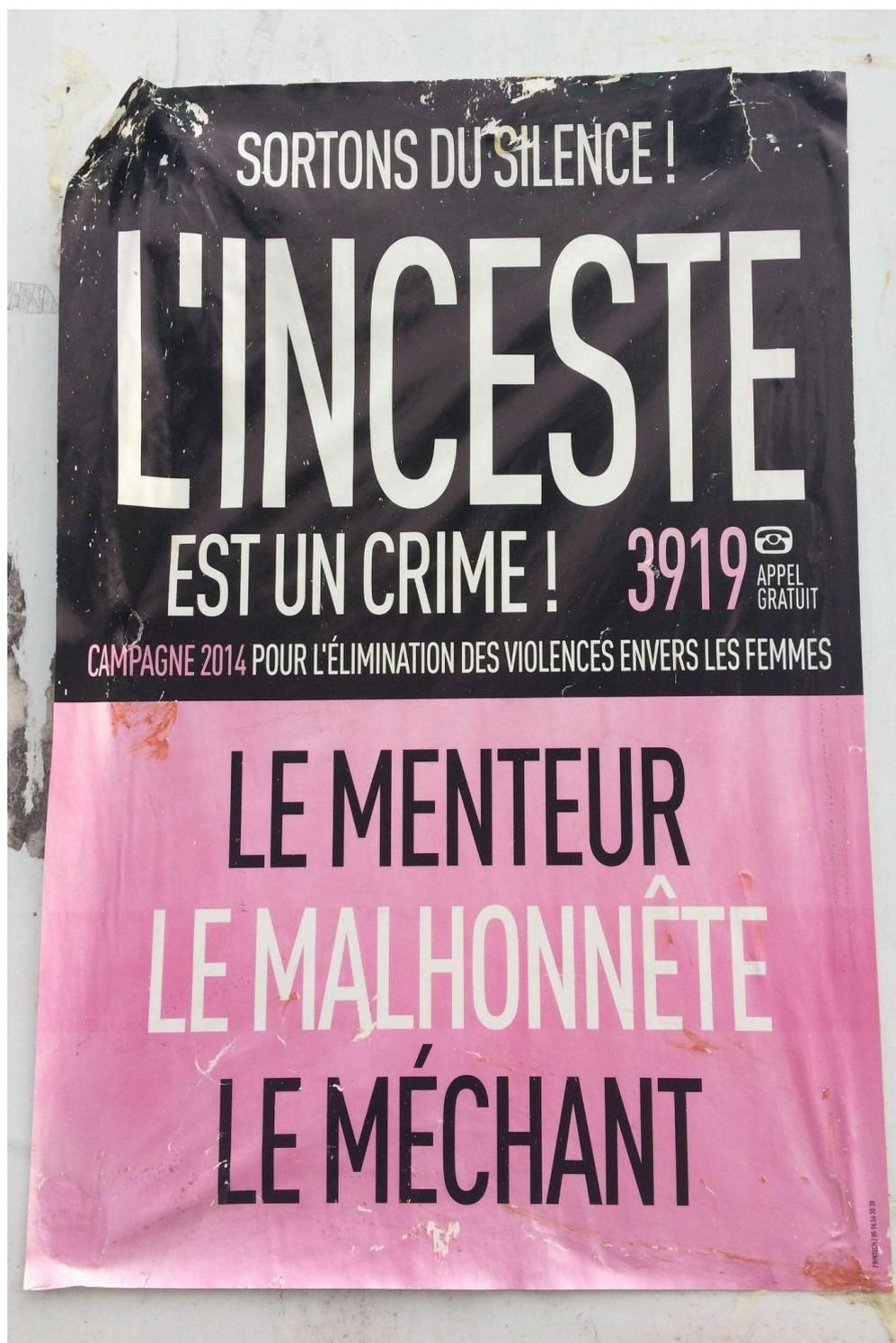


Foto 2: Em um cartaz, lemos a seguinte mensagem: “Saíamos do silêncio! O incesto é um crime! Campanha 2014 pela eliminação das violências contra as mulheres”, seguida por “o mentiroso / o desonesto / o bandido”. Acervo pessoal, dezembro de 2018, Martinica.



Foto 3: Em uma parede no centro de Fort-de-France, manifestação em crioulo faz alusão aos casos de violência doméstica. Acervo pessoal, fevereiro de 2019, Martinica.



Foto 4: Nos muros de uma escola, lemos em destaque a mensagem “não ao assédio!” pintada por alunas e alunos da instituição. Acervo pessoal, fevereiro de 2019, Martinica.

Nesse segmento, convém lembrar que o homem antilhano

está condicionado por uma história pesada. Na época da escravidão, o homem branco, vendo nele um potencial rival, se esforçou para destruí-lo. Ele proibiu a mulher branca, mas também lhe tirou a sua companheira natural, que muitas vezes transformava em um brinquedo, em um objeto sexual. Frustrados, despossuídos, os antilhanos se refugiaram em atitudes de irresponsabilidade que sobreviveram à evolução política das ilhas. As críticas que lhes são feitas devem ser sempre situadas em uma perspectiva mais ampla e à luz da lembrança da condição socioeconômica das Antilhas (Condé, 1993, p. 36)²⁷.

Através de seus textos, as romancistas antilhanas “não deixaram de ecoar uma visão bastante pessimista” dos homens da região; no entanto, elas raramente “os anatematizaram” (Condé, 1993, p. 36). Da mesma forma, embora em Pineau as agressões ganhem “silhuetas mais cruas, limpas, sem gritos, nem corpos estendidos no chão” (Rocha, 2023, p. 536), esse viés da cultura crioula é extensivamente abordado, destacando a condição de mulheres negras em espaços duplamente opressivos: em uma perspectiva mais ampla, são vítimas da “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (Akotirene, 2018, p. 14), e consequentemente, em uma visão mais restrita, são vítimas nas relações diretas que mantêm com seus companheiros, pais e filhos homens. Esse subtema será desenvolvido no capítulo 3, a partir da análise de *Mes quatre femmes*.

2.1.2 Anos 60

Após o resgate forçado de Julia, ao retornar à França, a família Pineau, composta então por nove integrantes, passa a viver inicialmente em Aubigné-Racan, na região do País do Loire, e posteriormente em Kremlin-Bicêtre, uma comuna localizada na periferia de Paris. Sobre essa época, a autora relata²⁸:

²⁷ No original: *l'homme antillais est conditionné par une lourde histoire. A l'époque de l'esclavage, l'homme blanc voyant en lui un rival potentiel s'est acharné à le détruire. Il lui a interdit la femme blanche, mais aussi il lui a enlevé sa compagne naturelle dont il a fait bien souvent un jouet, un objet sexuel. Frustré, dépossédé, l'Antillais s'est réfugié dans des attitudes d'irresponsabilité qui ont survécu à l'évolution politique des îles. Les reproches dont on l'accable, doivent toujours être situées dans une perspective plus large et éclairée du rappel de la condition socioéconomique des Antilles.*

²⁸ No original: *L'hiver est raide cette année-là. À Aubigné-Racan, dans notre vieille maison de pierre, le poêle ne chante ni ne ronronne. Il mange des seaux et des seaux de charbon, mais sa chaleur est piètre. Nous tournons à l'entour avec, dessous nos pull-overs, des épaisseurs de papier journal censées garder la chaleur dans nos corps. Las, toutes les ruses du monde ne viennent pas à bout de*

O inverno foi rigoroso naquele ano. Em Aubigné-Racan, na nossa velha casa de pedra, o fogão não canta nem ronrona. Ele come baldes e mais baldes de carvão, mas seu calor é fraco. Andamos por aí com, por baixo dos suéteres, camadas de jornal que deveriam manter o calor em nossos corpos. Infelizmente, todos os truques do mundo não conseguem superar esse grande frio. À noite, tijolos vermelhos quentes embrulhados no mesmo papel são colocados ao pé das camas (Pineau, 1996, p. 75).

Ainda sobre sua infância na França, ela diz²⁹:

Nós, crianças, somos caolhos, surdos e grandes idiotas nesse tempo. Falamos francês, bela língua. Nós supostamente entendemos a vida. Apesar dos confrontos e dos percalços, queremos acreditar no nosso privilégio de crescer na França, de termos escapado aos canaviais, à língua crioula, à cabana sem televisão, água ou eletricidade, sem sanitário, bidê ou banheira. Queremos acreditar na nossa evolução, na felicidade de viver em um continente. E todas as pessoas instruídas que vêm à casa, oficiais com duas listras, estudiosos com certificados de conclusão de estudos, subservientes ao único francês na França, olham para Man Ya sem vê-la, com um toque de compaixão (Pineau, 1996, p. 104).

Os trechos citados evidenciam o desconforto desses imigrantes, tanto na adaptação à região quanto em questões de ordem social. Mais uma vez, ressalta-se a dicotomia em relação à língua francesa, considerada um “privilégio” por possibilitar a inclusão de seus falantes em um novo ambiente e, simultaneamente, um fator excludente nesse mesmo espaço. Com exceção de alguns conhecidos militares de origem antilhana, os Pineau não tinham amigos (Pineau, 1996). Os raros momentos de socialização entre esses grupos são permeados pela melancolia pós-guerra presente no comportamento dos antigos combatentes antilhanos – que se consideravam, acima de tudo, franceses – e pela resiliência das mulheres, mães de soldados mortos, viúvas, observadoras e sobreviventes dos conflitos em suas casas.

Costumes, comportamentos e diferentes configurações de opressão recorrentes no cotidiano de comunidades à margem da sociedade francesa da

ce grand froid. Le soir, on fourre au pied des lits des briques rouges et chaudes enveloppées dans le même papier.

²⁹ No original: *Nous, les enfants, sommes borgnes, et sourds, et grands couillons en ce temps-là. Nous parlons le français, belle langue. Nous comprenons soi-disant la vie. Malgré les heurts et les accrocs, nous voulons croire en notre privilège de grandir en France, d'avoir échappé aux champs de cannes, au parler créole, à la case sans télévision ni eau ni électricité, sans cabinet de toilette ni bidet ni baignoire. Nous voulons croire à notre évolution, au bonheur de vivre sur un continent. Et tous les gens instruits qui viennent à la maison, gradés à deux galons, savants à certificat de fin d'études, inféodés au seul Français de France, regardent Man Ya sans la voir, avec un brin de compassion.*

década de 1960 também são abordados pela escritora. Na escola e nos lugares onde residiam, Gisèle e os irmãos eram as únicas crianças negras. Na infância, eram diariamente confrontados com comportamentos hostis e insultos racistas que aconteciam de forma normalizada e autorizada, acarretando em exclusão e isolamento (Pineau, 2023). Na passagem a seguir, Pineau sintetiza sua visão do comportamento das pessoas brancas francesas em relação às famílias negras:

Alguns Brancos são assim. Ver preto demais ao mesmo tempo os assusta... Imediatamente, imaginam a África inteira desembarcada em Paris, as aldeias no mato, as inúmeras famílias, tribos sem começo nem fim. Mostre a eles um parente a mais! A sua inteligência desvenda ao mesmo tempo rebanhos de irmãos, irmãs e mulheres polígamos, em tangas coloridas, carregando nas costas pirralhos berrantes, colônias de tios marabus, vendedores de grigris, traficantes de magia negra, tias extirpadas ou infibuladas, primos percussionistas, primos pequenos escarificados. [...] Toda essa gente uma em cima da outra, com cabras, ovelhas e cabritos, num infeliz apartamento pensado para a típica família francesa (Pineau, 1996, p. 108)³⁰.

Essas circunstâncias impulsionaram Gisèle Pineau a desenvolver o hábito da leitura e da escrita, resultando na elaboração de suas primeiras histórias aos 10 anos de idade. Desde então, a fabulação passa a representar, para a autora, um meio de compreender as desigualdades do mundo e enfrentar o sentimento de inferioridade, a solidão e as violências presentes em seu cotidiano. Em entrevista concedida à *Bibliothèque des Amériques*³¹, ela diz:

Parece-me que eu estava presa entre a grande História da França (prestigiosa e dramática) e a pequena história da minha família (cheia de segredos, fingimentos e silêncios). Por exemplo, eu não entendia o apego dos meus pais a essa França que me chamava de n*** e gritava para eu voltar ao meu lugar na África. Eu me

³⁰ No original: *Certains Blancs sont ainsi. Voir trop de noir à la fois les effraie... Aussitôt, ils imaginent l'Afrique dans son entier débarquée à Paris, les villages de la brousse, les familles innombrables, tribus sans commencement ni fin. Montrez-les un parent de trop ! Leur intelligence déballe au même moment des troupeaux de frères polygames, soeurs et femmes en pagne coloré portant sur le dos une marmaille braillarde, colonies d'oncles marabouts, revendeurs de grigris, marchand en magie noire, tantes excisées ou bien infibulées, cousins percussionnistes, petite cousines scarifiées... Tout ce monde les uns sur les autres, avec boucs, moutons et cabris, dans un malheureux appartement conçu pour la Famille Française Type.*

³¹ No original: *Il me semble que j'étais coincée entre la grande Histoire de France (prestigieuse et dramatique) et la petite histoire de ma famille (emplies de secrets, de faux-semblants et de silences). Par exemple, je ne comprenais pas l'attachement de mes parents à cette France qui me traitait de n*** et me hurlait de retourner chez moi en Afrique. Je m'interrogeais sur la posture que l'on m'encourageait à adopter : travailler mieux que les autres (les Blancs), ne pas répondre aux injures et propos racistes, faire profil bas, accepter d'être stigmatisée jusqu'à ce que l'on me tolère.*

questionava sobre a postura que me encorajaram a adotar: trabalhar melhor do que os outros (os Brancos), não responder a insultos e afirmações racistas, ser discreta, aceitar ser estigmatizada até que me tolerassem.

Nessa mesma época, o contato direto com a avó se configuraria como um elemento indissociável da prosa de Pineau. Julia sempre quis voltar para Guadalupe, pois se sentia desorientada tanto na moradia de Aubigné-Racan quanto no pequeno apartamento parisiense, e manifestava constantemente a falta da antiga casa rodeada pela natureza, do sol e das cores, considerando a França como um “país de desolação” (Pineau, 1996, p. 73). Gisèle tentou alfabetizá-la a pedido de seu pai, mas Julia sempre se mostrou resistente à aprendizagem do francês; em contrapartida, ensinou a língua e a cultura crioulas à neta.

O crioulo, idioma associado à vida no interior antilhano, à reminiscência da escravidão, à falta de instrução e à inferioridade, considerado um patuá e censurado fora do ambiente familiar, passa então a representar um elo entre a criança socialmente deslocada e a região originária de sua família. O conflito linguístico, que também se reflete nas relações familiares, passa a desempenhar um papel muito importante no desenvolvimento do estilo de escrita da autora, pois evoca a mestiçagem e os cruzamentos culturais. O uso de ambas as línguas é uma característica marcante de suas obras, uma vez que ambas são complementares na representação do povo antilhano.

Também foi a avó quem a instruiu sobre o passado escravocrata das Antilhas, e as “partes da história de Guadalupe que não poderiam ser encontradas nos livros, nomeando o papel dos combatentes da liberdade, o lugar e as estratégias dos negros quilombolas que enfrentam os senhores, a maldade dos traficantes de escravos” (Pineau, 2022) por meio das histórias crioulas que havia aprendido com as antepassadas, como no seguinte trecho:

Escravidão: selvageria de carne vendida, navios com porões lotados de negros acorrentados, cães dilaceradores, o fogo dos ferros, das lâminas, das varas, do chicote. [...] Questionar-se é perder o equilíbrio nas grandes águas da História do mundo, alternadamente desmanteladas e falsamente adormecidas. Só nos é pedido que vivamos o presente, que deixemos descansar os resíduos do passado, e não que desfaçamos estes sacos surrados nos quais

trancamos a vergonha e a humilhação de sermos descendentes de escravos negros africanos³² (Pineau, 1996, p. 154).

Man Ya seria “uma rocha, uma boia salva-vidas e uma esperança” (Pineau, 2023) e também a principal interlocutora entre a vida parisiense e a cultura antilhana, trazendo à tona mitos, crenças e religiões de Guadalupe. Como personagem, ela simboliza a voz crioula que atravessa todas as narrativas da autora. Gisèle diz que a avó representa todas as pessoas desterritorializadas, independentemente das razões: guerras, ditaduras, ciclones, terremotos, tsunamis, miséria, fome ou a violência dos homens.

Essa relação foi a principal inspiração da autora para a publicação de seu primeiro livro, *Un papillon dans la cité* (1992), romance *jeunesse* narrado em primeira pessoa por Félicie³³, uma menina de 10 anos que parte de Guadalupe e se separa da avó, Man Ya, para viver com a mãe, o padrasto e o irmão na periferia parisiense. Na obra, a personagem relata as dificuldades de adaptação frente a uma sociedade preconceituosa e excludente. Paris é caracterizada pela frieza e pela cor cinza em contraste às lembranças de Guadalupe, terra acolhedora, colorida e alegre, na qual se destacam a gastronomia, a natureza, os sons dos tambores e do *zouk* e o uso do crioulo. Além da cultura franco-antilhana, são exploradas também outras culturas da periferia de Paris, mostrando migrantes de diferentes regiões do Maghreb e das Antilhas em sua convivência com os europeus. Também nessa obra, a menina sempre se refere a Guadalupe, e não à França, como “meu país”, deixando claro que, para a narradora, são dois países diferentes (Pineau, 1992).

Os ancestrais escravos *neg-mawon* também são referenciados. Por exemplo, em uma conversa com o amigo Mohamed, de origem magrebina, sobre os Touaregs, a protagonista relata:

Na minha terra também havia antepassados que não temiam ninguém. Foi durante a escravidão. Eles se revoltavam. Eles quebravam suas correntes. Eles fugiam para a floresta. Quando

³² No original: *L'esclavage: sauvagerie de chair vendue, navires aux cales bondées de Nègres enchaînés, chiens déchirant des jarrets, le feu des fers, les pals, les verges, le fouet. Interroger, c'est lever un embarras. Se questionner, c'est perdre pied dans les grandes eaux de l'Histoire du monde, tour à tour démontée et faussement ensommeillée. On nous demande seulement de vivre au jour présent, laisser reposer la lie du passé, ne pas découdre ces sacs miteux où l'on a enfermé la honte et l'humiliation d'être descendants d'esclaves nègres africains.*

³³ Como será mostrado no capítulo seguinte, Félicie era o nome da avó materna da autora. Consideramos esse detalhe relevante à abordagem deste estudo, pois reforça a influência dos laços familiares na escrita de Pineau.

eram alcançados, eram espancados até que andassem de quatro. E se fizessem isso de novo, uma perna era cortada, e depois outra. Aqueles que escapavam viviam na floresta. À noite, eles atacavam as plantações para libertar seus irmãos³⁴.

Os Pineau regressam às Antilhas Francesas por decisão de Maréchal logo após a renúncia de Charles de Gaulle, no final de 1969. Com então 14 anos, Gisèle continuou seus estudos entre Martinica e Guadalupe. De maneira oposta à da avó, se sentiu pertencente à região, mas também desorientada, devido à sua limitada familiaridade com o crioulo e com a cultura local.

2.1.3 Vida adulta

Em 1975, Gisèle Pineau retornou novamente à França, desta vez sozinha, e ingressou em *Lettres Modernes* na Universidade Paris Nanterre. Impulsionada por sua afinidade com as letras, almejava tornar-se professora de língua francesa. No entanto, precisou interromper o curso devido à precariedade da vida como estudante na capital francesa. Em busca de uma melhor qualidade de vida, dois anos depois, em 1977, ela começou a trabalhar como enfermeira psiquiátrica, profissão que exerceu por 37 anos paralelamente à carreira de escritora.

Esse período de sua vida é relatado na obra *Folie, aller simple: Journée ordinaire d'une infirmière* (2009). Pineau conta, por exemplo, que deixou Guadalupe por conta própria. Em Paris, precisou exercer uma série de empregos precários para, com dificuldade, pagar o aluguel e se sustentar como estudante. O pai, contrariado, não ofereceu suporte, e quem a auxiliava era a irmã mais velha. No seguinte trecho, ela relata³⁵:

³⁴ No original: *Chez moi aussi, y'avait des ancêtres qui ne craignait personne. C'était pendant l'esclavage. Ils se révoltaient. Ils brisaient leurs chaînes. Ils fuyaient dans les bois. Quand on les rattrapait, on les battait jusqu'à les faire marcher à quatre pattes. Et s'ils récidivaient, on leur coupait une jambe, et puis une autre. Ceux qui s'en sortaient vivaient dans les bois. La nuit, ils attaquaient les plantations pour libérer leurs frères.* (p. 61)

³⁵ No original: *Non, il n'y aura pas de professeur de lettres dans la famille. Faudra s'y faire. J'ai de bons arguments à ma disposition. La solitude dans le grand froid. Le mal du pays. La misère... Je pourrais les culpabiliser tous, dire que j'ai dû me débrouiller seule comme une pauvre malheureuse. Et j'ai eu de la chance dans mon malheur, je ne suis pas tombée dans la drogue ou la prostitution. Ce n'était pas facile tous les jours. Je n'aurai qu'à énumérer mes jobs : bonniche pour les petites bourgeoises parisiennes, serveuse de bar, employée de cantine, standardiste, baby-sitter, demoiselle de compagnie pour vieilles dames, hôtesses d'accueil au Salon du tourisme et des voyages, doudou créole souriante et trop fardée à la Foire de Paris.*

Não, não haverá professora de Letras na família. Será necessário se acostumar com isso. Tenho bons argumentos à minha disposição. Solidão no grande frio. Saudades de casa. A miséria... Eu poderia fazer com que todos se sentissem culpados, dizer que tive que me defender sozinha como uma pobre infeliz. E tive sorte no meu infortúnio, não caí nas drogas nem na prostituição. Não foi fácil todos os dias. Só terei que listar meus empregos: empregada doméstica para as pequenas burguesas parisienses, garçõete de bar, funcionária de cantina, telefonista, babá, acompanhante de velhinhas, recepcionista na Feira de Turismo e Viagens, um brinquedo de pelúcia crioulo sorridente e excessivamente pintado na Feira de Paris (Pineau, 2009, p. 16).

Nessa obra, Gisèle discorre sobre o dia a dia em um hospital psiquiátrico e traça perfis de homens e mulheres com doenças psicológicas variadas, explorando a desumanização e o ostracismo que sofrem essas pessoas. Ela também relata a frustração ao ter deixado para trás o sonho de se tornar professora, como a mãe esperava, os preconceitos enfrentados na capital francesa, mas também a decisão de continuar escrevendo, apesar das dificuldades. De certa forma, essas diferentes ocupações se refletem em seus textos, uma vez que, além de explorarem diversas faces de doenças mentais, incorporam a fala e a escrita como espaços de cura, dialogando diretamente com as teorias da psicanálise. Também explora a diferença entre os diagnósticos realizados na França, extremamente científicos, e aqueles da Guadalupe, permeados por crenças ancestrais que envolvem feitiços, bruxarias, inveja ou “mau-olhado”.

Gisèle Pineau retornou às Antilhas na década de 1980 para trabalhar em um hospital psiquiátrico em Guadalupe, onde permaneceu por 20 anos até regressar, mais uma vez, a Paris. À época da publicação de *Mes quatre femmes*, coincidentemente, a autora residia na mesma rua de sua infância, a Général-Séré-de-Rivières, conforme revelado em entrevista concedida ao *Le Monde*³⁶. Ela se aposentou da função de enfermeira em 2013 e continua escrevendo até os dias atuais. Seu romance mais recente, intitulado *La vie privée d'oubli*, foi publicado no início de 2024.

Como principais referências na literatura, a autora cita alguns clássicos franceses, como Balzac e Zola. O destaque, no entanto, é para a escritoras e escritores afro-americanos, como Richard Wright, Maya Angelou e Toni Morrison,

³⁶ Disponível em:

<https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/04/19/gisele-pineau-en-memoire-des-mortes_898254_3260.html>

considerada seu modelo de escrita, e as antecessoras guadalupenses Simone Schwarz-Bart e Maryse Condé.

Em entrevistas e depoimentos, a autora menciona frequentemente os acontecimentos de sua infância e adolescência e a forma como esses momentos influenciam suas obras, sem compartilhar detalhes sobre sua vida pessoal nos últimos anos. Sabe-se que ela se casou, tornou-se mãe e atualmente ela mora em *Marie-Galante*, em Guadalupe (Pineau, 2023). Seus interesses no campo da criação literária parecem estar mais direcionados à compreensão do passado e às raízes de sua família. Um exemplo disso é a revelação de que, por meio de um teste de DNA, a autora identificou que seus descendentes mais remotos têm origens principalmente no Benin, país que visitou em diferentes ocasiões, e na Nigéria (Pineau, 2022).

2.2 O LUGAR DE GISÈLE PINEAU NA LITERATURA CRIOULA

As primeiras publicações³⁷ de Gisèle Pineau datam da década de 1990. Em todas elas, é latente a temática dos deslocamentos, o interesse pela História e a incorporação de elementos de diferentes culturas. Seu primeiro romance para adultos, *La grande drive des esprits* (1993) apresenta Guadalupe dos anos 1920 a 1970, misturando os destinos de homens e mulheres, realidade e fantasia, passado e presente. Nele, a irrupção de fatos inusitados como o aparecimento dos espíritos de ancestrais perturba a vida do herói, Léonce, e de sua família. Com esse livro, a autora ganhou o prêmio *Carbet de la Caraïbe*, em 1993, e o Grande Prêmio dos Leitores da revista *Elle*, em 1994. Além da França Metropolitana e dos DROM-COM, o Haiti também é explorado em suas narrativas, como em *Les Voyages de Merry Sisal* (2015), que conta a história de um imigrante haitiano após o terremoto de 2010, e em *L'odyssée d'Alizée* (2010), que aborda o tema da adoção de uma órfã

³⁷ Além de narrativas curtas e de contribuições em publicações diversas, Gisèle Pineau escreveu: *Un Papillon dans la cité* (1992), *La grande drive des esprits* (1993), *L'Espérance-Macadam* (1995), *L'Exil selon Julia* (1996), *L'Âme prêtée aux oiseaux* (1998), *Le Cyclone Marilyn* (1998), *Femmes des Antilles : traces et voix : cent cinquante ans après l'abolition de l'esclavage* (1998), *Caraïbe sur Seine* (1999), *Case mensonge* (2001), *Chair piment* (2002), *C'est la règle* (2002), *Les Colères du volcan* (2004), *Fleur de barbarie* (2005), *C'est la règle* (2007), *Mes quatre femmes* (2007), *Morne câpresse* (2008), *Folie, aller simple; Journée ordinaire d'une infirmière* (2009), *L'odyssée d'Alizée* (2010), *Cent vies et des poussières* (2012), *Les voyages de Merry Sisal* (2015), *Le parfum des sirènes* (2018), *La couleur de l'agonie* (2021), *Ady, soleil noir* (2021) e *La vie privée d'oubli* (2024).

haitiana por uma família francesa. *Ady, soleil noir* (2021), é uma biografia romanceada da modelo e cantora Adrienne Fidelin.

Para além da biografia e da ficção, Pineau também é autora de compilados de registros orais e documentais, como *Guadeloupe d'antan: la Guadeloupe au début du siècle* (2004), obra que traça a história do arquipélago através de mais de 200 cartões-postais antigos. Também, à época da celebração dos 150 anos da abolição da escravidão em Guadalupe, ela publicou com Marie Abraham *Femmes des Antilles, Traces et voix* (1998), um livro de histórias de vida de mulheres. Em entrevista concedida à *Culture Sud*³⁸, ela comenta sobre a elaboração da obra:

Eu não queria ficar em silêncio. No entanto, não sou historiadora. Imaginei então esta obra: uma câmara de ecos atravessada pelas vozes das mulheres de ontem e daquelas de hoje. Cada uma delas, contando a história de suas vidas, questionando-se, consolando-se, expressando-se. Entrevistei centenas de mulheres daqui e de outros lugares, todas com herança crioula. Procurei nos livros de história vestígios das mulheres de outrora e emprestei-lhes as minhas palavras; passei a palavra também às suas descendentes que contam o que aprenderam com a História, o que se tornaram como mães, filhas, mulheres. [...] Escrever este livro foi uma necessidade para mim. Eu sabia que historiadores de todos os lados iriam abordar o assunto e falar indiscriminadamente sobre “o escravo”. Eu queria abrir novos caminhos de pensamento. Mostrar seres humanos em sua carne e osso. Mostrar os rostos das mulheres. Mostrar os seus sofrimentos como mulheres, suas lutas, sua resistência. Mostrar as mulheres na escravidão.

Ela continua:

Por serem mulheres, elas foram cobiçadas em todas as fases do Tráfico. Estupradas nos barcos de deportação pela tripulação, muitas

³⁸ No original: *Je ne voulais pas rester muette. Cependant, je ne suis pas historienne. J'ai alors imaginé cet ouvrage: une chambre d'échos traversée par les voix des femmes d'hier et celles d'aujourd'hui. Les unes et les autres, faisant le récit de leurs vies, s'interpelleront, se consoleraient, s'exprimeraient. J'ai interviewé des centaines de femmes d'ici et d'ailleurs toutes porteuses d'un héritage créole. J'ai cherché dans les livres d'histoire la trace des femmes d'antan et je leur ai prêté mes mots; j'ai aussi donné la parole à leurs descendentes qui disent ce qu'elles ont retenu de l'Histoire, ce qu'elles sont devenues en tant que mères, filles, femmes. [...] Ecrire ce livre était pour moi une nécessité. Je savais que les historiens de tous bords s'empareraient de l'affaire et parleraient à tort et à travers de « l'esclave ». Je voulais ouvrir de nouvelles pistes de réflexion. Montrer les êtres humains dans leur chair et leur sang. Montrer le visage des femmes. Montrer leurs souffrances de femmes, leurs combats, leurs résistances. Montrer les femmes dans l'esclavage. Parce que femmes, elles ont été convoitées à toutes les étapes de la Traite. Violées sur les bateaux de la déportation par les hommes d'équipage, beaucoup arrivaient engravidées dans les îles; leur valeur n'en était que plus grande. Sur la plantation, elles étaient déchirées entre le monde des Blancs et celui des Noirs, leurs congénères. C'est par le corps des femmes noires qu'est passé tout le métissage aux Antilles. [...] Voilà l'histoire de ce livre.*

chegavam grávidas às ilhas; seu valor era ainda maior. Na plantação, elas estavam divididas entre o mundo dos Brancos e o dos Negros, seus pares. Foi através dos corpos das mulheres negras que toda a miscigenação passou às Antilhas. [...] Esta é a história deste livro.

Embora não se considere uma historiadora, é notório o papel de Pineau no resgate do passado antilhano. Em suas obras, ela propõe relações entre travessias individuais e solitárias e migrações massivas que compõem a história contemporânea (Pineau, 2022). Em Paris, ainda na infância, foi fortemente inspirada, de um lado, pelos episódios de racismo cotidiano e, de outro, pelas histórias contadas principalmente pela avó guadalupense. Cresceu em uma França extremamente racista. Já foi chamada de *négropolitaine*, palavra derivada dos termos *nègre* e *métropolitaine*, que significam, respectivamente, negra(o) e metropolitana. Ambos os termos são pejorativos. Ainda que pertencente a uma nova geração, afastada, portanto, do passado colonial antilhano, esteve em contato com as reminiscências dessas memórias. De forma que sua obra é uma maneira de dar voz aos antepassados e também a si mesma.

Ao basear sua obra no passado das Antilhas Francesas, Gisèle Pineau pode ser lida à luz de precursora(e)s da literatura e do pensamento crítico das Antilhas Francesas, como os anteriormente citados Aimé Césaire, Frantz Fanon, Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant, Maryse Condé e Simone Schwarz-Bart, e também Ina Césaire, Françoise Ega, Joseph Zobel e Suzanne Dracius, entre outros nomes. No entanto, conforme indica Stéphanie Rebeix no artigo *Du fantastique au réalisme merveilleux dans deux romans de Gisèle Pineau*, diferentemente de seus contemporâneos caribenhos, ao se afirmar pertencente a diferentes lugares e destacar suas suas raízes africanas, antilhanas e francesas, Gisèle Pineau compõe uma obra singular.

Nessa mesma lógica, ao concentrar sua narrativa sobretudo nas condições de vida das mulheres – e mais particularmente, das antilhanas – e retratar um sistema de opressão e violência contra as mulheres que ainda atua em Guadalupe, ainda conforme Rebeix (2017), Gisèle dá continuidade ao movimento iniciado por Simone Schwarz-Bart e Maryse Condé, dando visibilidade a vozes femininas minoritárias há muito esquecidas, que se desviam voluntariamente daquelas mais dominantes, de seus colegas homens. A ancestralidade e as histórias que

perpassam gerações, especificamente entre mulheres, estão, por conseguinte, no centro de suas produções.

Também, Pineau aborda o trânsito entre África, América e Europa, expondo a mistura dessas culturas. Suas obras trazem à tona a pluralidade e a diversidade cultural, mas também o sincretismo, o racismo, a intolerância, a violência e a força dos preconceitos mesmo na contemporaneidade. À vista disso, é essencial pensar a relevância do papel da autora na literatura franco-antilhana do ponto de vista identitário, memorialístico e histórico.

Os antilhanos nunca deixaram de questionar sua História. Esta grande História é atormentante como uma ferida incurável coberta com um belo curativo. Isso nos deixa atordoada(o)s pela abominação. Quem somos nós? A maioria de nós vem da escravidão. Nossos ancestrais foram arrancados do solo africano, transportados como mercadorias no porão, vendidos nos mercados de escravos, açoitados, tratados pior do que animais de carga que, reproduzindo-se nos países do exílio, enriqueceram seus senhores³⁹ (Pineau, 2009, p.23).

A partir do que foi mostrado até aqui, considero Gisèle Pineau uma importante voz mediadora entre tempos, espaços, culturas, subjetividades e diferentes sujeitos de enunciação, cuja narrativa transita nos limites entre a documentação e a ficcionalização. Não obstante, penso que sua escritura contribui diretamente para a compreensão identitária do povo antilhano, uma vez que a forma escrita “traduz” a tradição oral, articulando narrativas crioulas (e francesas) e a presentificação, na literatura, de uma memória que é coletiva.

Finalmente, acredito que esta incursão na biografia e nas demais publicações de Pineau nos auxilia a compreender a importância e as singularidades de *Mes quatre femmes*, uma obra que agrega muitas das particularidades narrativas da autora, como a autorreferência, a narração de histórias familiares, o imaginário crioulo, e a associação, em um mesmo texto, de elementos de natureza ficcional, testemunhal e documental.

³⁹ No original: *Les Antillais n'ont jamais cessé de s'interroger sur leur Histoire. Cette grande Histoire est tourmenteuse comme une plaie inguérissable recouverte d'un joli pansement. Elle nous laisse sonnés par l'abomination. Qui sommes-nous ? Pour la plupart, nous venons de l'esclavage. Nos ancêtres ont été arrachés à la terre africaine, transportés comme de la marchandise à fond de cale, vendus sur les marchés de la traite négrière, fouettés, traités pis que bêtes de somme qui, en se reproduisant dans les pays d'exil, enrichissaient leurs maîtres.*

3 O TRANSGERACIONAL EM GISÈLE PINEAU

Mes quatre femmes, décima quinta publicação de Gisèle Pineau, apresenta um texto que mescla ficção e fatos reais e consiste, essencialmente, em um resgate das histórias familiares da autora por meio dos remembramentos de suas antepassadas guadalupenses. Como o próprio nome sugere, são priorizadas as narrações de quatro mulheres: Gisèle⁴⁰, Julia, Daisy e Angélique. Não obstante, é significativo apontar que outras figuras pertencentes à genealogia de Pineau também foram incluídas na obra, como a mãe de Julia, Elvire, e a mãe de Angélique, Rose; além da irmã de Daisy e Gisèle, Maggy, e seus pais Félicie e Émile.

Em consonância com informações desenvolvidas anteriormente, sabemos que alguns desses personagens também aparecem em outras obras da autora. Diante desses entrecruzamentos, percebemos que *Mes quatre femmes* é, de certa forma, uma continuação da narrativa iniciada em *L'Exil selon Julia*, abrangendo, contudo, mais gerações de uma mesma família. Essas e outras relações estão ilustradas na imagem a seguir, de minha autoria, em uma tentativa de representar a árvore genealógica pineauniana⁴¹.

⁴⁰ Convém destacar a homonímia apresentada na narrativa, uma vez que o primeiro nome de Gisèle Pineau é uma homenagem a outra Gisèle, uma irmã de Daisy que sucumbiu à tristeza e morreu prematuramente aos 27 anos.

⁴¹ Para a elaboração da árvore genealógica da autora, recorreremos, antes de tudo, às suas obras e falas. Em um segundo momento, a fim de complementá-la, utilizamos também a plataforma *Geneanet*, um site de genealogia com base de dados colaborativa. Embora não se trate de uma fonte oficial, acreditamos que essas informações contribuem à ampliação dos elos apresentados por Pineau, facilitando a compreensão de seus escritos (ANEXOS B e C). Disponível em: <<https://pt.geneanet.org/>>.

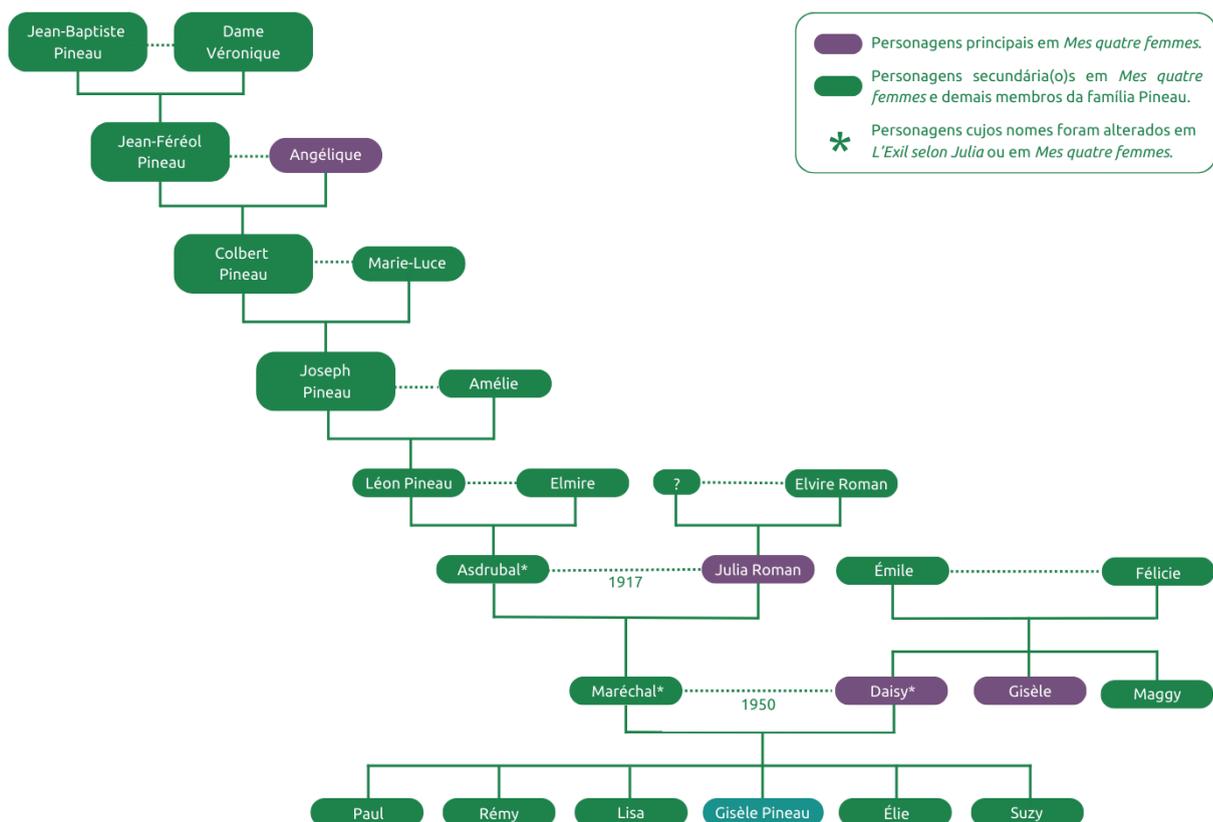


Figura 2: Representação da árvore genealógica dos Pineau com os membros mencionados ou essenciais à compreensão de *Mes quatre femmes*. Acervo pessoal, fevereiro de 2024.

3.1 AS NARRATIVAS FAMILIARES EM GISÈLE PINEAU

Histórias familiares despertam o interesse de autores e leitores desde os primórdios da escrita literária. A partir disso, e considerando as diversas conceituações e abordagens sobre a temática, no artigo *Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual* (2016), Zilá Bernd e Tanira Rodrigues Soares examinam as semelhanças e diferenças entre os seguintes subgêneros romanescos: o romance de filiação, o romance familiar e o romance memorial ou genealógico. Este último, narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, é caracterizado pelos relatos de famílias reais ocorridos em diferentes gerações, amalgamando fatos verídicos e ficcionais.

Nesse sentido, as autoras explicam que o romance memorial está

associado à preservação da memória cultural, à transmissão inter e transgeracional e à postura do sujeito narrador de assumir-se como herdeiro – para dar continuidade ao patrimônio memorial herdado – ou romper com ele. Cabe lembrar que a memória geracional pode ser transmitida de uma geração à outra (intergeracional), podendo ir além dos ancestrais terrenos (pai/mãe, avô/avó), considerando-se também os Patriarcas, ou seja, a liderança espiritual cuja aceitação ou não, em algumas circunstâncias, é fundamental para que haja continuidade ou ruptura. Nesse caso, trata-se de transmissão transgeracional (Bernd; Soares, 2016, p. 408).

Em termos mais simples, a transmissão intergeracional, bem como pressupõe o prefixo “inter-”, refere-se às relações de transferência de saberes, tradições, histórias e vivências entre gerações de uma mesma família, geralmente compartilhadas entre filhos, pais e avós. Já a transgeracional, com o prefixo “trans-”, estende-se, similarmente, às relações de transmissão e transferência que atravessam diferentes gerações, podendo abranger, por exemplo, bisavós, tataravós ou ancestrais mais distantes, e incluir não apenas lembranças e aspectos culturais, mas também traumas, comportamentos e outros elementos que impactam a identidade de uma linhagem ao longo do tempo. Ainda segundo as autoras:

O romance memorial engloba em sua narrativa a memória genealógica e familiar, bem como a geracional, pois um dos fatores primordiais para sua existência e consolidação é a necessidade do (eu) narrador promover a reconstrução de trajetórias vividas por seus ascendentes e através deste processo (re)significar e/ou (re)construir o presente. É necessário o estabelecimento de um jogo dialético entre lembrar e esquecer, entre passado e presente, entre ascendentes e descendentes, entre aceitar ou renegar os vestígios memoriais que emergem (Bernd; Soares, 2016, p. 410).

Nessa perspectiva, cabe também destacar a distinção entre duas formas de genealogia presentes nas narrativas memorialistas: a naturalizada, relacionada ao sangue e à terra, e a simbolizada, constituída a partir de um relato fundador (Bernd; Soares, 2016, p. 410).

Diferentemente da estrutura implicada no romance memorial, *Mes quatre femmes* é um *récit* que não segue uma ordem, seja cronológica ou linear, para o compartilhamento das memórias familiares. No entanto, independentemente dessa distinção entre os gêneros, acredito que uma leitura à luz das ideias de Bernd e Soares, especialmente no que se refere ao modo de transmissão transgeracional,

pode nos ajudar a contemplar o papel da ancestralidade na trama narrativa de Gisèle Pineau.

A seguir, buscarei evidenciar essas percepções por meio de uma interpretação minuciosa da obra, percorrendo as personagens-título na sequência proposta pela autora. Ressalto que se trata de um texto complexo, permeado pela densidade, pela diversidade e pela multiculturalidade características da escrita de Pineau e, conseqüentemente, suscetível a diferentes desdobramentos e abordagens. Dessa forma, o que será apresentado consiste em recortes selecionados com base no tema principal deste trabalho: as vozes narrativas e o entrecruzamento de histórias.

3.2 MES QUATRE FEMMES

O texto inicia com uma apresentação narrada em terceira pessoa, que, em muitos sentidos, estabelece o tom da obra desde as primeiras linhas:

Elas são quatro. Elas são semelhantes às quatro rochas atiradas em um pedaço de terra que não lhe pertence e sobre as quais, antigamente, se colocava uma cabana de madeira e chapa metálica, lá, nas Antilhas. Quatro rochas que gradualmente se fundiam à terra negra. Eram cobertas por um musgo verde e pegajoso, abrigavam vermes. Quatro rochas que eram deixadas para trás sem arrependimento, no momento da partida em direção a um morro, uma encosta de montanha, uma praça da cidade. Elas permaneciam lá, enraizadas na terra, murmurantes com memórias enterradas. [...] Rochas inúteis que já não delimitam nada além do vento, da ausência. Com a chegada da noite, elas contam sob a lua cheia as histórias de um passado que já não interessa nem mesmo aos *soucounans*⁴². Elas têm em memória os dias dos grandes ciclones, os gritos, as lágrimas e as preces dentro da cabana sacudida pelos ventos. Elas se lembram de todos os soluços derramados com a chuva. Cada soluço. E depois também das risadas. As risadas de sinos das crianças, as risadas de címbalos das negras apaixonadas, as risadas *gwo-ka*⁴³ dos homens (Pineau, 2007, p. 9-10)⁴⁴.

⁴² Os *soucounans* são criaturas sobrenaturais das Antilhas, mais precisamente de Guadalupe. Geralmente, são associados a feitiçeiros ou espíritos que podem se metamorfosear em animais.

⁴³ *Gwo-ka* é um tipo de tambor antilhano.

⁴⁴ No original: *Elles sont quatre. Elles sont pareilles aux quatre roches jetées sur un morceau de terre qui ne vous appartient pas et sur lesquelles, autrefois, on déposait sa case de bois et tôle, la-bàs, aux Antilles. Quatre roches qui au fur et à mesure faisaient corps avec la terre noire. Se couvraient d'une mousse verte et poisseuse, abritaient la vermine. Quatre roches qu'on abandonnait sans regret derrière soi, au temps du départ vers un morne, un flanc de montagne, un carré de la ville. Elles restaient là, ensouchées à la terre, toutes bruissantes de souvenirs enfouis. [...] Roches inutiles qui ne délimitent plus rien le vent, l'absence. La nuit venue, elles racontent à la lune pleine les histoires d'un antan qui n'intéresse même plus les soucounans. Elles ont en mémoire les jours des grands*

Pineau suscita a imagem de quatro rochas deixadas para trás “enraizadas na terra, murmurantes com memórias enterradas”, a fim de evocar as lembranças e existências que remontam a muitos anos e foram gradualmente esquecidas. Além disso, observa-se uma mudança sutil, mas significativa (especialmente na versão original, em língua francesa), no tempo verbal, que passa do pretérito imperfeito para o presente no momento em que as personagens se encontram, representando a transição entre o eventos inacabados ocorridos no passado e a sua reflexão, no presente. Na sequência, lemos:

Quatro mulheres trancadas entre as quatro paredes de uma prisão negra. Elas se consolam mutuamente, cuidam de suas feridas. [...] Cada uma fala por sua vez e expõe os véus de sua vida, que ela adorna e borda à sua maneira. Sempre, as palavras secam as poças de água salobra que afogam seus olhos. Sempre, as histórias que elas tecem acabam pousando como um cataplasma em antigas feridas, como um unguento esfregado na dor das cicatrizes. Sempre, as palavras as fazem viajar para longe da prisão obscura. Elas não se cansam de ouvir uma a outra desenrolar sua existência que, dependendo da hora, se colore de ouro, azul, ou verde esperança. Elas sonham com o paraíso, recompõem seus dias, trocam anedotas. Então, elas agradecem a Deus ou ao Diabo por ter lhes dado o conto para suavizar as horas (Pineau, 2007, p. 10-11)⁴⁵.

O resgate e a evocação do passado esquecido emergem por meio da fala, contudo, essa fala só pode ecoar em um lugar criado literariamente: a prisão negra da memória, um espaço fechado e paralisado no tempo que remete à sensação de enclausuramento e silenciamento compartilhado pelas personagens ao longo dos anos. Diferentes momentos da História são explorados, remetendo, de um lado, à vida nas Antilhas Francesas em comparação à vida na Europa, com seus aspectos positivos e negativos; e, de outro, aos sofrimentos infligidos por diferentes tipos de

cyclones, les cris, les pleurs, et les prières dans la case chahutée par les vents. Elles se rappellent tous les sanglots versés avec la pluie. Chaque sanglot. Et puis les rires aussi. Les rires grelots des enfants, les rires cymbales des négresses amoureuses, les rires gwo-ka des hommes.

⁴⁵ No original: *Quatre femmes enfermées entre les quatre murs d'une geôle noire. Elles se consolent l'une l'autre, pansent leurs plaies. [...] Chacune parle à son tour et expose les voilures de sa vie qu'elle enguirlande et brode à sa manière. Toujours, les mots sèchent les mares d'eau saumâtre qui noient leurs yeux. Toujours, les histoires qu'elles tissent finissent par se poser, tel un cataplasme sur les blessures anciennes, tel un onguent frotté sur la douleur des cicatrices. Toujours, les paroles les font voyager loin de la geôle obscure. Elles ne se lassent pas d'écouter une telle débobiner son existence qui, selon l'heure, se colore d'or, d'azur, du vert de l'espérance. Elles rêvent de paradis, recomposent leurs jours, troquent les anecdotes. Alors, elles remercient Dieu ou Diable de leur avoir donné le conte pour attendre les heures.*

catástrofes: desde as naturais, como ciclones, às deliberadas, como a colonização, a escravização e o patriarcalismo.

Nesse mesmo enquadramento, as vozes dessas mulheres são comparadas a costuras que começam individualmente, mas compõem um mesmo tecido, de forma que “as histórias que elas tecem acabam pousando como um cataplasma em antigas feridas, como um unguento esfregado na dor das cicatrizes”. Cabe destacar aqui a ideia do próprio ato de narrar como uma necessidade humana que, coletivamente, atenua o sofrimento. Mais uma vez, as analogias construídas pela autora demonstram como alguns testemunhos só podem existir no âmbito da criação artística. Neste ponto, recorro novamente a Rebeix (2017), a fim de ressaltar que Pineau inscreve seu trabalho narrativo em uma perspectiva que pretende ser realista, mas flerta com o fantástico por meio das referências fomentadas pelas crenças e culturas antilhanas, mantendo uma oscilação constante entre a narração no limiar da vida real e o registro fantástico.

O espaço fechado da prisão rompe parcialmente com o padrão de muitas obras antilhanas, inclusive aquelas de Pineau, nas quais a ampla incorporação da natureza nas histórias é bastante frequente, às vezes, chegando a personificá-la (Condé, 1993). Isso não ocorre em *Mes quatre femmes*, ainda assim, é notável a associação de elementos da natureza à narrativa, como nos trechos apresentados. Dessa forma, embora o ambiente antilhano não seja o cenário principal dos acontecimentos, o imaginário da região perpassa a narrativa por meio de metáforas, de lembranças e dos próprios fios narrativos.

3.2.1 Gisèle (1922-1949)

Personagem envolta em incógnitas e mistérios, Gisèle está no centro de memórias familiares, ora silenciadas, ora sussurradas entre manifestações e amargura e tristeza, sendo recordada como aquela “com quem tudo sempre começa pelo final” (Pineau, 2007). Sua história se inicia com a morte e o sepultamento do marido, supostamente envenenado enquanto estava na cama de uma amante. Esse incidente representa o ápice emocional de uma série de tormentos que conduzem a personagem à completa desestabilização e, pouco tempo depois, à própria morte. Embora não seja minuciosamente explorado, compreendemos que Gisèle foi acometida por um quadro de depressão profunda. Na tentativa de salvá-la, a família

busca a medicina tradicional e as bênçãos de um padre, sem descartar, contudo, a possibilidade de ela ser vítima de feitiços, mau-olhado ou da inveja da vizinhança⁴⁶.

Gisèle havia se casado por amor, nos moldes de um verdadeiro conto de fadas, porém à moda antilhana, o que leva as pessoas próximas a acreditarem nas histórias sobre a mulher que adoeceu e morreu de tristeza devido ao falecimento do companheiro. No desenrolar da narrativa, porém, sabemos que sua melancolia mostrava sinais antes mesmo da morte do esposo e remetiam, na verdade, às responsabilidades cotidianas do casamento e ao nascimento de seus filhos. Em determinados momentos, evidencia-se que a personagem se sentia sobrecarregada com as obrigações domésticas e os cuidados direcionados às crianças:

Ultrapassada. Gisèle é ultrapassada pelos acontecimentos. Ela queria incorporar a perfeição. Fazer bem. Domesticar suas emoções. Dominar o curso louco da vida. Domar a pressa do tempo. Mas tudo está indo mal. Tudo lhe escapa. Sempre, com as mãos trêmulas, ela se encontra desamparada, sobrecarregada, ultrapassada... Sempre, à beira da náusea, ela deve admitir que a vida não é como ela havia sonhado. Sim, ela estava iludida. [...] Sempre com a garganta apertada, Gisèle contempla a falência de seu casamento, seus sonhos desfeitos, dispersos, jogados no lixo, como as peças raras de seu lindo conjunto de porcelana fina. Que demônio enviaram em seu encalço? (Pineau, 2007, p. 39.)⁴⁷.

Outro aspecto, também associado à maternidade, refere-se às transformações no corpo de Gisèle, que passa a se perceber cada vez menos atraente e sem os encantos que possuía no início do casamento. O acúmulo de frustrações, combinado ao temperamento do marido, incide diretamente sobre a relação do casal, que, anteriormente amorosa, torna-se distante e marcada por episódios de brutalidade. Na passagem a seguir, uma das mais marcantes do texto, é latente a humilhação sofrida pela personagem:

⁴⁶ Esta personagem foi longamente abordada sob a perspectiva do desamor na fala de Rocha (2023) na mesa-redonda intitulada *Gisèle Pineau: breve fortuna crítica brasileira*, durante a terceira edição do *Séminaire International de Littératures Caribéennes*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hNTZ9N-960I>>.

⁴⁷ No original: *Dépassée. Gisèle est dépassée par les événements. Elle voulait incarner la perfection. Bien faire. Domesticquer ses états d'âme. Maîtriser le courant fou de la vie. Dompter le temps pressé. Mais tout va de travers. Tout lui échappe. Toujours, les mains tremblantes, elle se retrouve désemparée, débordée, dépassée... Toujours, au bord de la nausée, elle doit convenir que la vie n'est pas telle qu'elle l'avait rêvée. [...] Toujours, la gorge serrée, Gisèle contemple la faillite de son mariage, ses rêves brisés, épars, jetés aux ordures, telles les pièces rares de son si beau service de porcelaine fine. Quel démon a-t-on envoyé à ses trousses ?*

Ela fecha os olhos. E as palavras de seu marido ecoam em sua cabeça. Você é minha esposa... Você é minha esposa... Você é minha esposa... Ressoam cada vez mais fracamente. Você é minha esposa... Você é minha esposa... Você é minha esposa... E versos amargos substituem este. Você é minha escrava... Você é minha propriedade... Você me pertence... Você é minha égua... Você é minha mula... Você é minha cadela... Você é meu traje de domingo... Você é meu colete... Você é minha gravata... Você é meu par de sapatos envernizados... (Pineau, 2007, p. 42)⁴⁸.

Diante disso, percebemos que a reapropriação ou mesmo recriação de lembranças se configura como um elemento crucial na construção da identidade de Gisèle, representando uma forma de preencher as lacunas de sua história. Nos seus últimos momentos de vida, a personagem permaneceu afásica e imóvel em uma *berceuse*, um tipo de cadeira de balanço antilhana, sendo assistida por Félicie, sua mãe, e por Daisy, sua irmã.

Após seu falecimento, que, assim como a doença, foi repleto de incompreensões, Gisèle se torna um mistério não apenas familiar, mas também comunitário:

No dia de sua morte, a lenda da mulher sentada em sua *berceuse* para morrer de tristeza começou a percorrer o campo, a borboletear de cabana em cabana, durante anos. Diziam que ela não tinha verdadeiramente partido. [...] Asseguravam que ela velava por seus filhos, soprava sobre seus machucados, sussurrava palavras doces no meio de um pesadelo. À noite, jurava a vizinhança, uma mulher de chapéu andava de um lado para o outro em frente à cabana. Ninguém nunca viu seu rosto, mas todos podiam testemunhar que era ela, Gisèle, filha de Man Félicie (Pineau, 2007, p. 49)⁴⁹.

Ao final desta parte, a narradora desabafa: “ela ainda está lá, na minha cabeça, balançando-se na sua *berceuse*” (Pineau, 2007, p. 58)⁵⁰. À parte do título, este é o único trecho em que Gisèle Pineau, a autora, se insere na narrativa em

⁴⁸ No original: *Elle ferme les yeux. Et les paroles de son mari font l'écho dans sa tête. Tu es ma femme... Tu es ma femme... Tu es ma femme... Résonnent de plus en plus faiblement. Tu es ma femme... Tu es ma femme... Tu es ma femme... Et des couplets amers se substituent à celui-là. Tu es mon esclave... Tu es ma propriété... Tu m'appartiens... Tu es ma jument... Tu es ma bourrique... Tu es ma chienne... Tu es mon costume du dimanche... Tu es mon gilet... Tu es ma lavallière... Tu es ma paire de souliers vernis...*

⁴⁹ No original: *Au jour de sa mort, la légende de la femme assise dans sa berceuse pour mourir de chagrin commença à courir les campagnes, à papillonner de case en case, des années durant. On disait qu'elle n'était pas vraiment partie. [...] On assurait qu'elle veillait sur sa marmaille, soufflait sur leurs bobos, murmurait des mots doux au mitan d'un cauchemar. La nuit, jurait le voisinage, une femme à chapeau faisait les cent pas devant la case. Personne ne vit jamais son visage, mais chacun pouvait témoigner que c'était bien elle, Gisèle, la fille de Man Félicie.*

⁵⁰ No original: *Elle est toujours là, dans ma tête, à se balancer sur sa berceuse.*

primeira pessoa. Em entrevistas, ela diz que sempre sentiu um grande peso devido à herança do nome da tia morta de tristeza, acreditando, por muitos anos, que não seria capaz de sobreviver a ele (Pineau, 2022).

3.2.2 Julia (1898-1976)

Anteriormente introduzida em *Un papillon dans la cité* e também em *L'exil...*, Julia Roman é novamente retratada em *Mes quatre femmes*, com destaque para as lembranças da infância da personagem em Guadalupe, com a mãe e a avó, de volta à terra e à natureza evocadas tantas vezes em outras obras de Pineau. Julia conta que cresceu em uma época na qual “a fatalidade era a ordem do cotidiano” (Pineau, 2007) e aprendeu com suas ancestrais a solidão e a submissão ao *Dieu Travail*, vivendo distanciada da escola, das letras e de qualquer possibilidade de socialização com o mundo exterior.

Julia lembra... Uma *négrillonne*⁵¹, ela passa o tempo com a avó enquanto sua mãe, Elvire, está ocupada costurando para outras pessoas. Com apenas seis anos, Julia aprende a cozinhar, colher os grãos de café e ralar mandioca. Não se pode brincar. Apenas trabalhar. A velha ameaça. Ela jura que se Julia fizer alguma besteira, a escravidão voltará, só para ela, Julia Roman. O que era a escravidão? pergunta a menina. Foi a época em que os negros não eram da raça humana, diz a avó. Tempo amaldiçoado. A época em que os cães eram treinados para morder nossa carne. Époque do chicote, perna fatiada, pimenta malagueta e flor de lis (Pineau, 2007, p. 69-70)⁵².

O trecho acima é uma amostragem da transmissão transgeracional através das ancestrais de Pineau, uma vez que os ensinamentos acerca do passado escravocrata que Julia compartilhara com a pequena Gisèle no apartamento parisiense foram, por sua vez, aprendidos com a própria avó. Nesse contexto, é relevante mencionar que a ameaça do retorno da escravidão, presente na

⁵¹ Termo pejorativo diminutivo de “nègre” equivalente, em português, à palavra “negrinha”.

⁵² No original: *Julia se souvient... Négrillonne, elle passe du temps auprès de sa grand-mère pendant que sa mère, Elvire, est occupée à coudre pour les autres. À peine six ans et Julia apprend déjà à cuire le manger, à cueillir les grains de café et à grager le manioc. Faut pas jouer. Seulement travailler. La vieille femme la menace. Elle jure que, si Julia fait des bêtises, l'esclavage reviendra, juste pour elle, Julia Roman. C'était quoi l'esclavage ? demande la fillette. C'était le temps où les nègres n'étaient pas du genre humain, jette la grand-mère. Le temps maudit. Le temps où les chiens étaient dressés pour mordre dans notre chair. Le temps du fouet, des jarrets tranchés, de la pimentade et de la fleur de lys.*

passagem, origina-se do fato de Guadalupe ter vivenciado uma primeira abolição em 1794, posteriormente revogada, e uma segunda, em 1848, de caráter definitivo. Dessa maneira, por muitos anos persistiu na população a crença de que, a qualquer momento, a escravidão poderia ser restabelecida.

Em outra parte da narrativa, emergem as recordações da adolescência de Julia, período em que trabalhava nos canaviais remanescentes na região, quando conheceu o ex-combatente recém-dispensado Asdrubal, com quem se casaria. Há segmentos nos quais a personagem fala sobre a relação conflituosa com o marido e também entre este e seu filho Maréchal. Em determinado trecho, por exemplo, acompanhamos seu lamento pela impossibilidade de comparecer ao casamento do filho com Daisy devido à proibição imposta pelo marido:

Ela obedeceu sem hesitar. [...] Ela é casada. Está sob a autoridade dele. Ela assinou. Assim que se veem, pai e filho procuram briga. Por que todas essas disputas? Se Julia nunca reclama, o sortudo defende a sua mãe ultrajada. Ele acusa o carrasco de ser um criminoso, um torturador da pior espécie, um escravagista, um nazista... (Pineau, 2007, p. 100)⁵³.

Conforme mencionado anteriormente, Julia é forçosamente levada pelo filho para viver na França, onde reside durante sete anos em uma experiência traumática marcada por desalento e proibições. Como observaremos na sequência, Maréchal, que inicialmente se assemelha a um herói detentor de bravura e coragem, acaba por reproduzir o comportamento violento do pai não apenas com a própria mãe, mas também com a esposa e os filhos. Julia não é indiferente à questão, mas permanece em silêncio a maior parte do tempo, trazendo o assunto à tona somente no encontro ocasionado em *Mes quatre femmes*. Novamente, percebemos que o entrelaçamento de narrativas é crucial para que esses e outros eventos possam ser finalmente elaborados e acolhidos entre as mulheres da família.

Ainda que tenha conhecido outro continente, a visão de mundo de Julia nunca se estendeu verdadeiramente para além de Guadalupe, como percebemos neste pequeno trecho: “Eu amei este país marcado pela grande História, contaminado pela bruxaria, destruído mil vezes por ciclones e terremotos. No continente Guadalupe”

⁵³ No original: *Elle a obéi sans broncher. [...] Elle est mariée. Elle est sous son autorité. Elle a signé. Dès qu'ils se voient, père et fils se cherchent querelle. Pourquoi toutes ces disputes ? Si Julia ne se plaint jamais, le chanceux prend la défense de sa mère outragée. Il reproche au bourreau d'être un scélérat, un tortionnaire de la pire engeance, un esclavagiste, un nazi...*

(Pineau, 2007)⁵⁴. No final do capítulo, ao abordar o tempo em que a avó viveu na França, a autora se inclui mais uma vez na narrativa, mas desta vez em terceira pessoa:

Ao seu lado, uma pequena de Daisy também está ajoelhada, com as mãos postas em oração. O nome dela é Gisèle. Ela nasceu na França. Ela viveu no Congo. Ela mal se lembra da escala em Guadalupe. Ela tinha apenas cinco anos em 1961. Ela tem dez agora. Ela é fã de Sheila e Joséphine Baker. Ela dança o *jerk* e o *twist*. Ela canta desafinada e escreve histórias. À noite, ela reza com Julia para que retorne à terra de Guadalupe que ela conhecia tão pouco⁵⁵ (Pineau, 2007, p. 104).

3.2.3 Daisy

Daisy é a única personagem viva no momento da narrativa. Antítese de Julia, ela é apresentada como uma guadalupense que sempre quis morar na França Metropolitana e se adaptou sem dificuldade à vida na Europa. O capítulo começa com uma citação recorrente na obra, um trecho da canção *Adieu Foulard, Adieu Madras*, composta em 1770 por Marquis de Boullié. Originalmente escrita em crioulo, a canção resgata a vestimenta tradicional antilhana e trata da separação de dois amantes: uma guadalupense e o próprio Marquis de Boullié, que parte rumo à França (Araújo, 2023).

Essa canção pode denotar tanto a separação como a sentimentalidade da personagem, cuja visão de mundo é permeada pelos sonhos de viagens e pelas histórias de amor que acompanha nos livros. Daisy lê a própria vida através dos romances e acredita que as histórias sempre terminam bem (Pineau, 1996). Na lembrança da festa de casamento da irmã Gisèle surgem as primeiras imagens de Daisy, ainda na infância:

Senhorita honrada, ela se vê conseguindo um noivo entre os rapazes convidados para a festa. Nesse tempo, ela já sonha com um cavaleiro dedicado desmontado de seu cavalo. Um que se ajoelharia aos seus pés, pedindo sua mão com grande cortesia. Um amante

⁵⁴ No original: *J'ai aimé ce pays meurtri par la grande Histoire, entaché de sorcellerie, brisé mille fois par les cyclones et les tremblements de terre. Sur le continent Guadeloupe.*

⁵⁵ No original: *À ses côtés, une petite de Daisy est agenouillée aussi, les mains jointes en prière. Elle s'appelle Gisèle. Elle est née en France. Elle a vécu au Congo. Elle ne se souvient guère de l'escale guadeloupéenne. Elle avait cinq ans à peine en 1961. Elle en a dix à présent. Elle est fan de Sheila et de Joséphine Baker. Elle danse le jerk et le twist. Elle chante faux et elle écrit des histoires. Le soir, elle prie avec Julia pour retourner sur la terre de Guadeloupe qu'elle a si peu connue.*

que a sequestraria, a levaria para longe da habitação, mostraria a ela o país. Ela descobriu o mundo à água de rosas por fotonovelas, em preto e branco, que vêm da França e servem de embrulho para as bananas exportadas. Em suas leituras apaixonadas, as almas solitárias inevitavelmente encontram sua metade. As histórias de amor sempre terminam bem, com casamento, filhos e viagens à vista (Pineau, 2007, p. 24)⁵⁶.

Conforme apresentado anteriormente, a personagem enxerga esse ideal personificado em Maréchal, com quem acabará se casando. Quando casaram, ele tinha um filho de dois anos que dizia ser, na verdade, de um amigo soldado, a quem Daisy acaba adotando. Na França, ela se torna dona de casa e leva uma vida cosmopolita e moderna, bastante distanciada daquelas das outras mulheres. O capítulo se detém, no entanto, sobretudo nos momentos difíceis pelos quais Daisy passa na capital francesa, com destaque para os conflitos de seu casamento.

Dia após dia, ela aprende sobre a vida de mulher enquanto o marido viaja pelo mundo, fazendo breves paradas em Paris e vagando da África para a Ásia nas guerras coloniais. Chegou a hora da independência, o império agoniza, mas o sortudo, promovido a subtenente, não se cansa de servir a Pátria. Da Indochina, um dia ele retorna. Ele traz de volta algumas medalhas chamativas, um monte de anedotas, mudanças de humor e depois uma mulher com os olhos puxados. Ela tem nos braços um bebê. Ele está segurando um garotinho pela mão. Da guerra na Indochina, ele trouxe dois filhos e uma segunda esposa, sem aliança de casamento. [...] Dois filhos... Ele os instala em um quarto, na rua do General Séré-de-Rivières. Ele vai mandá-los para Guadalupe, para a casa de uma tia. Não há nada para discutir. Não há espaço para se ofender. É assim que se constrói uma descendência... (Pineau, 2007, p. 106)⁵⁷.

⁵⁶ No original: *Demoiselle d'honneur, elle se voit bien décrocher un fiancé parmi les garçonnets conviés à la fête. En ce temps, elle rêve déjà d'un chevalier servant descendu de son cheval. Un qui viendrait s'agenouiller à ses pieds, lui mander sa main avec force courtoisie. Un amoureux qui l'enlèverait, l'emporterait loin de l'habitation, lui ferait voir du pays. Elle a découvert le monde à l'eau de rose par des romans-photos, en noir et blanc, qui viennent de France et servent de papier d'emballage aux bananes de l'exportation. Dans ses lectures passionnées, les âmes seules trouvent immanquablement leur moitié. Les histoires d'amour finissent toujours bien, avec mariage, marmaille et voyages en perspective.*

⁵⁷ No original: *Jour après jour, elle apprend sa vie de femme tandis que son mari sillonne le monde, fait de brèves escales à Paris et dérive de l'Afrique à l'Asie dans les guerres coloniales. L'heure des indépendances a sonné, l'empire agonise, mais le chanceux, promu adjudant-chef, ne se lasse pas de servir la Patrie. De l'Indochine, il revient un jour. Il rapporte quelques médailles clinquantes, des anecdotes par charretées, des sautes d'humeur et puis une femme aux yeux bridés. Elle serre dans ses bras un bébé. Il tient par la main un garçonnet. De sa guerre d'Indochine, il ramène deux enfants et une seconde épouse, sans alliance. [...] Deux fils... Il les installe dans une chambre, rue du Général-Séré-de-Rivières. Il va les envoyer en Guadeloupe, chez une tante. Il n'y a pas à discuter. Pas lieu de s'offusquer. C'est ainsi qu'on bâtit une descendance...*

A mulher indochinesa, que não fala francês e se comunica com Daisy principalmente por meio de gestos, tenta explicar que, da sua parte, tampouco sabia que Maréchal era casado e foi com ele à França por acreditar que ele se casaria com ela. Na narrativa, há um tipo de espelhamento entre as duas mulheres, que não são rivais, mas, sim, vítimas do mesmo homem, “um grande planejador, um organizador, um comandante”, de forma que “elas não têm nada a fazer senão obedecer às ordens, andar em linha reta, curvar-se sob a lógica despótica” (Pineau, 2007, p. 106-107)⁵⁸. A estrangeira acaba retornando à sua região como o bebê, enquanto o filho mais velho é confiado a um amigo militar, desencadeando a revolta em Maréchal, que se torna cada vez mais violento. “À noite, ele toma posse de seu corpo enquanto Daisy chora, aguenta e pensa na indochinesa” (Pineau, 2007, p. 107)⁵⁹. Maréchal é descrito como um homem instável, cujo comportamento oscila entre afetuoso e violento:

Aos sábados, durante a assinatura dos boletins, *Pied-chance* desenrolava seu longo cinto de couro e decorava as costas de Rémi e Élie com serpentinas de 14 de julho. Mas todas as ocasiões eram propícias para fazer a festa, e ele não precisava esperar pelo sábado para distribuir as surras. Xixis na cama, gritos e brigas sempre terminavam em tumulto sob os golpes do cinto. As meninas enfrentavam o mesmo sofrimento? Sim, especialmente Lisa (Pineau, 2007)⁶⁰.

Daisy, no entanto, permanece relativamente otimista, vivendo uma existência sonhada e encontrando nos livros uma forma de suportar os maus-tratos do marido.

Daisy conhece a vida graças aos romances. Em nenhum outro lugar ela conheceu pessoas tão bonitas. Sua existência nunca lhe permitiu viver aventuras tão grandes. E ainda assim, ela viu um pouco do país. Ela atravessou mares. Ela não consegue contar quantas vezes

⁵⁸ No original: *L'homme qu'elles se partagent est un grand planificateur, un organisateur, un commandeur. Elles n'ont rien d'autre à faire qu'à obéir aux ordres, marcher droit, plier dessous la logique despotique.*

⁵⁹ No original: *La nuit, il prend possession de son corps pendant que Daisy pleure, encaisse et songe à l'Indochinoise.*

⁶⁰ No original: *Les samedis de signature des carnets de notes, Pied-chance déroulait sa longue ceinture de cuir et décorait les dos de Rémi et d'Élie de serpentins de 14 juillet. Mais toutes les occasions étaient bonnes pour faire la fête et il n'avait pas besoin d'attendre le samedi pour dispenser les rossées. Pipis au lit, cris et chamailleries se terminaient toujours en tamouré dessous les coups de ceinture. Est-ce que les filles étaient soumises au même calvaire ? Oui, surtout Lisa.*

embarcou em um avião e, com o nariz encostado na janela, seguiu o caminho das nuvens (Pineau, 2007)⁶¹.

3.2.4 Angélique (1792-1852)

A mais antiga das ancestrais da autora, Angélique é apresentada como uma mulher escravizada durante a maior parte da vida, pois só obteve sua liberdade aos 39 anos. Nesse último capítulo, a violência colonial é enfatizada desde as primeiras páginas. Logo no início, a personagem diz às companheiras da prisão negra que ela também poderia ter viajado pelo mundo, porém nasceu em um época “em que os negros só tinham direito a um tipo de viagem. Uma viagem para o inferno. Uma viagem ao país de onde não se volta. Uma viagem para a escravidão” (Pineau, 2007, p. 143)⁶².

Angélique e sua mãe, Rose, eram escravas domésticas na habitação de Jean-Baptiste Pineau e de sua esposa, Dame Véronique, uma *mulâtresse libre de couleur* autoritária e impiedosa. “Nos seus descendentes certamente havia escravos, negros recém-chegados da África, mas ela achava normal possuir escravos. Era assim. Não havia nada a contestar. Ela estava no seu direito. Do lado dos proprietários, com o seu marido, o Senhor Jean-Baptiste Pineau” (Pineau, 2007, p. 145)⁶³. Durante a infância, Angélique conta que se fazia “invisível” a pedido de Rose: “Se Dame Véronique decidir te mandar com os negros dos campos, não poderei impedir! [...] Dame Véronique é a senhora. Estamos aqui por sua boa vontade... Então, Angélique, não se destaque, não seja muito vista...” (Pineau, 2007, p. 148-149)⁶⁴.

A relação entre as duas mulheres negras e a senhora, mestiça e também descendente de africanos, é um dos pontos mais interessantes dessa parte, pois

⁶¹ No original: *Daisy connaît la vie grâce aux romans. Nulle part ailleurs, elle n'a rencontré de si belles personnes. Jamais son existence ne lui a fait vivre d'aussi grandes aventures. Et pourtant, elle en a vu, du pays. Elle en a traversé, des mers. Elle ne peut compter le nombre de fois où elle est montée dans un avion et, le nez collé à son hublot, elle a suivi la course des nuages*

⁶² No original: *[...] un temps où les nègres avaient droit qu'à un seul genre de voyage. Un voyage pour l'enfer. Un voyage pour le pays d'où l'on ne revient pas. Un voyage pour l'esclavage.*

⁶³ No original: *Dans ses ascendants, y avait assurément eu des esclaves, des bossales, des nègres d'Afrique, mais elle trouvait normal de posséder des esclaves. C'était ainsi. Y avait rien à redire. Elle était dans son bon droit. Du côté des possédants avec son époux, le Sieur Jean-Baptiste Pineau.*

⁶⁴ No original: *Si Dame Véronique décide de t'envoyer avec les nègres des champs, je pourrai pas l'en empêcher ! chuchote Rose. Dame Véronique, c'est la maîtresse. On est là par son bon vouloir... Alors, Angélique, te fais pas remarquer, te fais pas trop voir...*

mostra a apropriação dos modos brancos pela mulher negra liberta, como no trecho a seguir:

Angélique se lembra... Ela tem 12 anos. Dame Véronique toma chá na companhia de suas amigas mulatas, duas mulheres de sua casta. Ela conta que teve que se apresentar ao prefeito colonial para mostrar seus documentos, títulos e patente atestando sua condição de mulher de cor livre. Não se sente ofendida nem humilhada. Ela repete que a ordem retornará a este país assim que todos recuperarem sua posição e seu lugar exato. Ela diz que seus negros são tratados com muita humanidade. Ela diz que é uma boa cristã e uma senhora atenciosa com o bem-estar dos seus trabalhadores. Ela chama minha mãe, Rose, para testemunhar, que balança a cabeça e mantém a cabeça baixa, como se seu pescoço estivesse quebrado para sempre. (Pineau, 2007, p. 161-162)⁶⁵.

Na sequência, temos mais um trecho relevante:

Ela olha para mim como se me visse pela primeira vez. Ela quer dizer algo, mas muda de ideia. Ela pega sua xícara de chá e tosse. A xícara escapa de suas mãos e se quebra em três pedaços no piso de parquet polido. O chá quente esvoaçou e manchou seu vestido branco. Ela solta um grito. Um único grito, como uma sirene. Minha mãe já está aos seus pés, servil, catando os cacos, limpando o chão, enxugando as manchas âmbar na renda branca de algodão. Dame Véronique esqueceu suas amigas. Ela não presta atenção à minha mãe. Ela olha para minha camisola de lona crua. Não está manchado, nem furado, nem roubado... E seus lábios tremem enquanto seu olhar pesa sobre meus dois mamilos duros. Eu li em seus olhos. Ela vê uma mulher em mim. Ela pensa imediatamente em Sieur Jean-Féréol, seu filho? Eu não posso dizer... (Pineau, 2007, p. 162)⁶⁶.

⁶⁵ No original: *Angélique se souvient...Elle a douze ans.Dame Véronique boit le thé en compagnie de ses amies mulâtresses, deux femmes de sa caste. Elle raconte qu'elle a dû se présenter au préfet colonial pour montrer ses papiers et titres et patente attestant de sa qualité de femme libre de couleur. N'en est pas offusquée non plus humiliée. Elle répète que l'ordre reviendra en ce pays dès lors que chacun aura retrouvé son rang et sa place exacte. Elle dit que ses nègres sont traités avec grande humanité. Elle dit qu'elle est une bonne chrétienne et une maîtresse attentionnée au bien-être de ses travailleurs. Elle prend à témoin ma mère, Rose, qui opine et garde la tête baissée, à croire que son cou s'est cassé pour toujours.*

⁶⁶ No original: *Elle me toise comme si elle me voyait pour la première fois. Elle veut dire quelque chose mais elle se ravise. Elle saisit sa tasse de thé, toussoie. La tasse lui échappe et se brise en trois morceaux sur le parquet ciré. Le thé brûlant a voltigé et maculé sa robe blanche. Elle pousse un cri. Un seul cri, pareil à une sirène. Ma mère est déjà à ses pieds, servile, ramassant les morceaux, essuyant le parquet, épongeant les taches d'ambre sur les dentelles de coton blanc. Dame Véronique a oublié ses amies. Elle ne prête aucune attention à ma mère. Elle fixe mon caraco de toile écrue. Il est pas taché ni troué, non plus volé... Et ses lèvres tremblent tandis que son regard soupèse mes deux tétons durs. Je lis dans ses yeux. Elle voit en moi une femme. Est-ce qu'elle songe tout de suite au Sieur Jean-Féréol, son fils ? Je peux pas dire...*

Aos 14 anos, a personagem é estuprada pelo filho dos proprietários da habitação, Jean-Féréol Pineau. Em uma passagem longamente e minuciosamente descrita, Angélique começa narrando o trabalho das mulheres para a preparação de uma festa, a diversão dos convidados e, finalmente, os desdobramentos, um dia depois:

No dia seguinte, Rose partiu com Dame Véronique e Sieur Jean-Baptiste. Havia o funeral de um parente em Grande-Terre. Eles foram os três na diligência. E Rose me deixou lá. Com o Sieur Jean-Féréol que não quis sobremesa na véspera. Ela me deixou lá com o Sieur Jean-Féréol que não havia se fartado de açúcar na véspera... Ele havia recusado a linda salada de frutas de sobremesa. “Não estou mais com fome, estou saciado”, sussurrou ele quando lhe apresentei a xícara decorada com pedaços selecionados de todas as frutas do pomar. Eu havia passado horas descascando mangas, abacaxis, bananas, laranjas e companhia. Horas fazendo cubos e dados e rodela com essas frutas. E, no final, misturei tudo. E havia acrescentado o suco de cinco limões e três conchas cheias de açúcar de cana, bem limpas de seu pó. E Rose havia colocado as especiarias: canela, baunilha, noz-moscada, essência de amêndoa amarga... “Não estou mais com fome, estou satisfeito, não quero sobremesa”, disse ele, pesando o olhar nas minhas tetos que estavam ao alcance de suas mãos... À noite, ele empurra a porta do alpendre onde costumo dormir com Rose. Mas Rose não está lá. Ela partiu para Grande-Terre com Dame Véronique. Ela me deixou em Trois-Rivières. Sozinho com o Sieur Jean-Féréol Pineau. Ele fica de pé no batente da porta. Ele diz que veio buscar a sobremesa que não queria no dia anterior⁶⁷ (Pineau, 2007, p. 163-164).

Angélique, grávida de sua primeira filha, é ofendida pela senhora da habitação, que a acusa de recorrer à magia negra para se apoderar do espírito de Jean-Féréol. Eles são expulsos por Dame Véronique, enquanto Rose mantém um silêncio submisso. Os dois passam a viver em uma propriedade afastada, onde

⁶⁷ No original: *Le lendemain, Rose est partie avec Dame Véronique et Sieur Jean-Baptiste. Y avait l'enterrement d'un parent en Grande-Terre. Ils sont montés à trois dans la diligence. Et Rose m'a laissée là. Avec le Sieur Jean-Féréol qui avait pas voulu de dessert la veille. Elle m'a laissée là avec le Sieur Jean-Féréol qui avait pas eu son content de sucre la veille... Il avait dit non à la belle salade de fruits du dessert. « J'ai plus faim, je suis rassasié », qu'il a soufflé quand je lui ai présenté la coupe garnie des morceaux choisis de tous les fruits du verger. J'avais passé des heures à éplucher les mangos, les ananas, les bananes, les oranges et compagnie. Des heures à faire cubes et dés et rondelles avec ces fruits. Et, à la fin, je les avais tous mélangés. Et j'avais ajouté le jus de cinq citrons verts et trois louches pleines de sucre de canne bien nettoyé de ses poussières. Et Rose avait dosé les épices : cannelle, vanille, muscade, essence d'amande amère... « J'ai plus faim, je suis rassasié, je veux pas de dessert », qu'il a dit en soupesant du regard mes deux tétés qu'étaient à portée de “tétés qu'étaient à portée de ses mains... Le soir, il pousse la porte de l'appentis où je dors d'ordinaire avec Rose. Mais Rose n'est pas là. Elle est partie en Grande-Terre avec Dame Véronique. Elle m'a laissée aux Trois-Rivières. Seule avec le Sieur Jean-Féréol Pineau. Il se tient debout sous le chambranle. Il dit qu'il est venu chercher son dessert qu'il a pas voulu la veille.*

vivem “como marido e mulher”, ainda que Angélique e seus filhos ainda sejam escravos pertencentes à família Pineau.

Ela [Véronique] estava com vergonha. Vergonha por ela e por seu filho. Vergonha diante das mulatas da sua laia. Vergonha por sua raça. No entanto, ela o havia educado de tal maneira que ele preferiria o leite ao carvão, a cera ao ébano, o creme ao morcela. Infelizmente, ela queria que seus descendentes se tornassem brancos e teve que se despedir das planejadas alianças familiares com o mulato... Ela teve que se despedir de todos os lindos sonhos de filhos de pele clara e cabelos lisos... (Pineau, 2007)⁶⁸.

Somente após a morte de Véronique, eles podem retornar à habitação. Angélique passa a ser a senhora da propriedade, no entanto, não consegue se adaptar a essa realidade.

Nunca mais a vi, Dame Véronique... Desde o dia em que tinha quatorze anos, quando embarquei na carroça que nos levou ao barco para as Ilhas Saintes. Nunca mais a vi, viva ou morta. E tomei o lugar dela na casa grande de Trois-Rivières. Sim, tomei todo o espaço e me tornei amante, mesmo ainda sendo uma escrava em teoria segundo os artigos do *Code Noir*⁶⁹ (Pineau 2007)⁷⁰.

3.3 PAÍS, LÍNGUA, NOME E SOBRENOME

Grande parte das menções, informações e descrições pontuais incorporadas à prosa de *Mes quatre femmes* derivam de fotografias, documentos impressos e outros elementos do acervo da família, reforçando a relevância do registro documental na elaboração da obra. Essa relação também se mostra por meio dos objetos que cada uma das quatro personagens carrega consigo ao entrar na prisão negra da memória: Gisèle usa um chapéu, Julia, tem nas mãos ramo de goiabeira,

⁶⁸ No original: *Elle avait honte. Honte pour elle et son fils. Honte devant les mulâtresses de son acabit. Honte pour sa race. Elle l'avait pourtant éduqué de telle manière qu'il préfère le lait au charbon, la cire à l'ébène, la crème anglaise au boudin noir. Las, elle voulait que sa descendance blanchisse et fallait dire adieu aux alliances familiales projetées avec la mulâtraille... Fallait dire adieu à tous les beaux rêves d'une progéniture au teint clair et aux cheveux pas grainés...*

⁶⁹ O *Code noir* (Código Negro, na tradução literal) foi um conjunto de leis instituídas na França para regulamentar a prática da escravidão nas colônias francesas. Promulgado em 1685, o código desempenhou um papel essencial na gestão da escravidão e na economia colonial. Esse tema será desenvolvido no capítulo seguinte.

⁷⁰ No original: *Je l'ai jamais revue, Dame Véronique... Depuis le jour de mes quatorze ans où j'ai embarqué dans la carriole qui nous mena au bateau pour les îles des Saintes. Je l'ai jamais revue ni vivante ni morte. Et j'ai pris sa place dans la grande maison de Trois-Rivières. Oui, j'ai pris toute la place et je suis devenue la maîtresse, même si j'étais toujours esclave en théorie dessous les articles du Code noir.*

Daisy, um livro, e Angélique, uma página de jornal. No decorrer da narrativa, percebe-se que esses apetrechos, representativos da materialidade factual de suas histórias, também se tornam emblemas da subjetividade e do legado dessas mulheres, como indicaremos a seguir.

Angélique dobra e redobra a página amarelada do seu jornal. Julia chupa o galho que arrancou de uma goiabeira antes de partir. Daisy acaricia seu livro, apertando-o contra o coração como um pote de papelão e papel. Todas elas foram autorizadas a trazer algo para a prisão. Um objeto que tem importância e que lhes fará companhia. Cada uma, claro, zomba do troféu da vizinha. O chapéu ridículo de Gisèle, o galho inútil de Julia, a página enrugada de Angélique, o livro insignificante de Daisy. Nenhuma delas, porém, pensa em se apropriar da propriedade das outras. Elas sabem que esses tesouros mantêm vivo o tempo exterior e reavivam as cores da memória (Pineau, 2007)⁷¹.

O chapéu de palha de Gisèle cobre metade de seu rosto, conferindo-lhe uma aparência enigmática. Essa imagem pertence ao único retrato conhecido da personagem, mencionado na obra e pela própria autora (Pineau, 2022). Em vida, Gisèle utilizava o chapéu como um forma de se resguardar dos olhares e dos comentários maldosos de pessoas que a chamavam de “aristocrata” devido à sua vida economicamente estável ao lado do marido funcionário público. Ocasionalmente também o usava como uma maneira de esconder a própria felicidade (Pineau, 2007).

No dia de seu casamento, ela ganhou dos sogros um conjunto de porcelana de Limoges, detalhadamente descrito, do número de pratos, pires e xícaras à “variedade de flores francesas pintadas a mão” (Pineau, 2007). Os objetos são tão raros, que não chegam a ser utilizados: Gisèle morre antes que uma ocasião à altura dos objetos se presente. Em um trecho da obra, a narradora questiona:

Quem herdou seu serviço de porcelana? Casada em 17 de setembro de 1942, em plena guerra. Em que navio milagroso havia ele viajado? Em qual loja de La Pointe ele havia sido colocado à venda? [...] E a que preço! Mas talvez ele tivesse chegado bem antes da

⁷¹ No original: *Angélique plie et replie la page jaunie de son journal. Julia suçote la branche qu'elle a arrachée à un goyavier avant de partir. Daisy caresse son livre, le serre sur son cœur à la manière d'une popote de carton et papier. Elles ont toutes été autorisées à rapporter quelque chose dans la geôle. Un objet qui compte et leur tiendra compagnie. Chacune, bien sûr, se moque du trophée de sa voisine. Le chapeau ridicule de Gisèle, la branche inutile de Julia, la page racornie d'Angélique, le livre insignifiant de Daisy. Aucune, cependant, ne songe à s'emparer du bien des autres. Elles savent que ces trésors gardent vivant le temps du dehors et ravivent les couleurs de la mémoire.*

guerra, muito antes do bloqueio americano. É certo, deve ter valido uma fortuna...⁷² (Pineau, 2007).

Em outro trecho, lemos:

No segredo de seus pensamentos, elas dizem a si mesmas que Gisèle era sem dúvida mais frágil que a peça mais frágil do seu belo serviço de porcelana fina. Uma pequena xícara lascada muito rapidamente, tão fácil de quebrar. Uma xícara trincada por sabe-se lá que choque. Uma xícara despedaçada em mil e um pedaços...⁷³ (Pineau, 2007).

Acredito que esse objetos, bem como a *berceuse* ou o conjunto de louça francesa, contribuem para a construção imagética de uma mulher bela e elegante, porém frágil, quebradiça, oscilante como o vaivém da cadeira de balanço e introvertida, que prefere se ocultar para evitar confrontos.

Julia leva consigo um ramo de goiabeira, uma das árvores mais emblemáticas da flora antilhana. Dentro da prisão, ela tenta plantá-lo sem êxito e, em determinado momento, utiliza-o para desenhar as borboletas-símbolo do arquipélago nas paredes do espaço fechado. É a única personagem a portar algo alusivo à natureza, o único lugar onde sabemos que ela se sentia realmente confortável, sendo também a antepassada que simboliza o enraizamento à terra em todas as obras de Gisèle Pineau. Além disso, é interessante considerar a ação de desenhar, especialmente para uma pessoa analfabeta, como uma forma de ensinamento e transmissão de conhecimentos. Em muitos sentidos, e a partir dos diversos trechos analisados, acredito que Julia personifica a própria essência da terra de Guadalupe.

Já o livro de Daisy, por outro lado, é talvez o objeto mais prontamente associável, pois simboliza o apego da personagem aos romances que ela lê diariamente e à romantização da vida como um todo. Assim como o chapéu, o livro representa uma forma de escapismo da realidade e, conseqüentemente, das adversidades de seu entorno. Diante disso, percebemos em Daisy uma

⁷² No original: *Qui a hérité de son service en porcelaine ? Mariée le 17 septembre de l'année 1942, au beau mitan de la guerre. Sur quel bateau miraculeux avait-il voyagé ? Dans quel magasin de La Pointe avait-il été mis en vente ? [...] Et à quel prix ! Mais peut-être était-il arrivé bien avant la guerre, longtemps avant le blocus des Américains. C'est sûr, il avait dû valoir une fortune...*

⁷³ No original: *Dans le secret de leurs pensées, elles se disent que Gisèle était sans doute plus fragile que la plus fragile des pièces de son beau service de porcelaine fine. Une petite tasse trop vite ébréchée, si facile à casser. Une tasse fêlée par on ne sait quel choc. Une tasse brisée en mille et un morceaux...*

representação da literatura em si, paixão herdada por Gisèle Pineau. Essa conexão já havia sido explorada em *L'Exil selon Julia*, através do olhar da criança:

À tarde, mamãe tricota ou lê romances. Ela sorri para as linhas alinhadas. No final, às vezes, derrama lágrimas. As letras reunidas têm, de uma certa maneira, poder sobre ela. E mesmo quando fechado, o livro nunca é um objeto como outro qualquer. Ela pensa nele com emoção. Perturbada em sua leitura, o seu olhar nos atravessa como se ela perseguisse mundos onde o viver e o morrer transportam e desesperam de uma forma exaltante⁷⁴ (Pineau, 1996, p. 78).

Angélique carrega consigo uma página do *Gazette officille de la Guadeloupe* de 31 de maio de 1831, na qual seu nome figura ao lado dos nomes dos cinco filhos, todos recentemente libertos da escravidão por meio de um decreto datado de 17 de maio de 1831, ocasião da partida do procurador-geral do rei para a França. Como a personagem também é analfabeta, é Daisy quem realiza a leitura da página do jornal. No total, são mencionados 30 nomes, juntamente com as idades e as especificações relacionadas à libertação de cada pessoa.

De repente, eles estão lá, vivos, com elas na prisão sem janelas. Trinta homens, mulheres e crianças, maravilhados por terem conseguido passar os anos com tanta facilidade. Sem certidão de nascimento ou documentos autenticados, as quatro mulheres os conhecem por meio de sua parentela. Quer queira quer não, elas herdaram esta história danificada. Um ou outro dos seus antepassados viveu o comércio, o porão do navio negreiro, a venda nos mercados, a escravidão... São seus descendentes⁷⁵ (Pineau, 2007).

Na sequência, as pessoas mencionadas emergem e passam a interagir com as quatro mulheres na prisão negra, como espíritos que também têm voz. Depois, desaparecem. O documento em questão é real e compõe o acervo utilizado por Gisèle Pineau para a elaboração da obra. Segundo entrevista da autora ao *Le*

⁷⁴ No original: *Les après-midi, manman tricote ou bien lit des romans. Elle sourit aux lignes alignées. À la fin, elle verse parfois des larmes. Les lettres réunies d'une certaine façon ont un pouvoir sur elle. Et même refermé, le livre n'est jamais un objet comme un autre. Elle y songe avec émoi. Dérangée dans sa lecture, son regard nous traverse comme si elle poursuivait des mondes où vivre et mourir transporte et désespère d'une manière exaltante.*

⁷⁵ No original: *D'un coup, ils sont là, vivants, avec elles dans la geôle sans fenêtre. Trente hommes, femmes et enfants, étonnés d'avoir pu traverser si aisément les ans. Sans acte de naissance ni papiers notariés, les quatre femmes les savent de leur parentèle. Bon gré mal gré, elles ont hérité de cette histoire meurtrie. L'un ou l'autre de leurs ancêtres a connu la traite, la cale du bateau négrier, la vente sur les marchés, l'esclavage... Elles sont leurs descendantes.*

Monde (2007), a descoberta e as pesquisas acerca da ancestral Angélique se desenvolveram ao longo de 15 anos. Dessa forma, se, por um lado, Angélique é a personagem mais ficcionalizada, sendo a mais distante temporalmente das demais, por outro, ela também é aquela que traz uma narrativa mais impregnada de pesquisa, referência e associação com episódios verídicos.

No início da obra, Pineau introduz suas quatro mulheres afirmando que uma delas lhe desenhou o país, uma legou o nome, uma estabeleceu a língua e a quarta lhe cedeu o prenome⁷⁶. Considerado o caráter colecionista da autora mencionado anteriormente e minha reflexão acerca desses objetos, compreendo que Julia teria desenhado o país, tal qual as borboletas desenhadas nas paredes da prisão, conferindo-lhe uma nacionalidade e uma terra, Guadalupe. Angélique teria legado o sobrenome, representado, na narrativa, a ascendência e os laços familiares. A Daisy, a mãe, atribui-se a língua, o francês, que entendo também como a palavra e a literatura, enquanto Gisèle, a tia, foi quem concedeu o primeiro nome.

Nesse sentido, retomo a reflexão iniciada a partir de Bernd e Soares (2016), uma vez que, segundo as autoras, “a transmissão e preservação das memórias ancestrais se torna essencial para o autoconhecimento e a reapropriação, pelo indivíduo que escreve, da própria identidade”. De forma que a importância da prática do transmitir e do receber é crucial “para a sobrevivência da comunidade com base no estabelecimento de um *continuum* que não é fundamentalmente religioso nem biológico, mas verbal e cultural” (p. 411).

Desde a infância, Gisèle Pineau revelava um gosto particular pelos contos e relatos compartilhados oralmente, sobretudo por pessoas de mais idade, uma prática arraigada nas tradições das Antilhas e personificada na avó Julia, que podemos associar às memórias intergeracionais e naturalizadas. Em *Mes quatre femmes*, ao estender seu olhar para além da família nuclear e chegar às gerações mais distantes, são evocadas também memórias transgeracionais e simbolizadas, personificadas, no texto, pela personagem Angélique, detentora do relato fundador. Da mesma forma, bem como sugere a premissa de Bernd e Soares, a narrativa vai além dos aspectos culturais e abordam experiências traumáticas que incidem sobre as mulheres da família ao longo de três séculos.

⁷⁶ No original: *Celle-là a dessiné le pays. Celle-ci a légué le nom. La troisième a posé la langue. La quatrième a cédé le prénom.*

Segundo a própria Pineau, é interessante notar que, quando uma pessoa idosa conta uma história, isso geralmente não ocorre de forma linear ou cronológica, mas sim em meio à desordem. De forma semelhante, ela diz que escreve seus romances sem planos pré-definidos e sem saber exatamente como o enredo vai terminar (Pineau, 2022). Destacamos que o narrar por meio da fluência memorialística espontânea da tradição oral é uma das principais características de *Mes quatre femmes*, pois, ainda que dividida em partes nomeadas a partir de cada uma das quatro mulheres que dão nome à obra, as histórias não se organizam seguindo a forma capitular e não se restringem a essas personagens. Essa forma de escrita mais fluida também se expressa através da liberdade em relação à pontuação, sem padronização nas falas, que, por vezes, são marcadas por aspas ou travessões e, às vezes, apenas inseridas nos textos. Paralelamente, a inserção de poematos e cantigas, e a utilização e recorrência de repetições de frases e expressões, desempenham, de certa forma, o papel da pontuação “padrão”, pois definem o tom das pausas e continuidades do texto.

Finalmente, acredito que essa obra também significa, portanto, um processo de libertação e autoconhecimento para a própria Gisèle Pineau, tanto no sentido estético quanto pessoal. À ocasião de seu lançamento, ela disse: “Nunca fui porta-estandarte, mas pela primeira vez falo em meu próprio nome por uma coletividade. Digo ‘nós’ porque cada indivíduo herda pequenas histórias esmagadas pela Grande História” (Le Monde, 2007).

4. HISTÓRIA E HISTÓRIAS

Até este ponto, creio que temos amostras suficientemente abrangentes da escrita pineauniana para demonstrar como as relações e lembranças transmitidas através das gerações vêm influenciando sua produção literária. Diante disso, inicio o último capítulo retomando, mais uma vez, a noção de transgeracionalidade, a fim de destacar que uma das características primordiais da narração memorial, associada neste estudo do *écrit Mes quatre femmes*, é a evocação

da memória cultural, uma vez que a narrativa está centrada em informações familiares que fogem à esfera oficial, apelando para os vestígios (rastros) memoriais que resgatam as sensibilidades do convívio privado familiar, negligenciados dos discursos oficiais (Bernd; Soares, 2016, p. 417).

Baseando-me nessas definições e a partir dos conceitos de Walter Benjamin em *As Teses sobre o Conceito de História* (1985), bem como em sua reflexão sobre a natureza da história, o papel do historiador e as implicações da tradição histórica, busco considerar as vozes e temporalidades presentes na narrativa de Pineau como um conjunto de realidades e pequenas histórias silenciadas e suspensas no tempo. Penso que essa aproximação é pertinente porque, ao se distanciar do esquematismo e do modelo de cronologia linear ocidental, *Mes quatre femmes* nos apresenta importantes pontos de reflexão acerca da História, ou, nas palavras de Bernd e Soares, dos “rastros memoriais” que foram apagados nos discursos oficiais.

Em suas *Teses*, entre outros aspectos, Benjamin associa a História a uma sequência de catástrofes, injustiças e sofrimentos acumulados ao longo do tempo, em que a ascensão de alguns se deu à custa da subjugação de outros. Diante disso, cabe pensar que o passado não segue uma linha lógica e contínua, mas, sim, é marcado por interrupções, rupturas e potenciais de mudança. Também, e considerando que a historicidade traz o relato dos vencidos e não dá conta da totalidade e das histórias ausentes, Benjamin (1985) estabelece uma importante distinção entre a história dos opressores e a história dos oprimidos.

Ainda segundo o autor, a História é construída a partir de grandes eventos narrados pelos vencedores e é legitimada pela identificação afetiva que, de forma geral, estabelecemos com esses eventos, e não a partir dos pequenos instantes que resistem à dominação. Nesse sentido, a rememoração pode ser entendida como

uma interrupção da lógica dominante ou, até mesmo, como uma possibilidade de redenção histórica, na qual as lutas dos oprimidos do passado são reconhecidas e redimidas por uma intervenção radical no presente.

Assim sendo, a função do historiador seria romper com a tradição historicista e adotar uma abordagem mais crítica, em vez de apenas reiterar narrativas preestabelecidas (Benjamin, 1985). Para tanto, é fundamental que se dê ênfase a narrativas que revelem relatos, memórias e subjetividades significativas de histórias individuais ou coletivas que têm sido continuamente suprimidas ou marginalizadas ao longo do tempo, pois grupos sociais que não conseguem preservar suas memórias e contar suas próprias histórias correm o risco de perder sua identidade.

No texto de Pineau, é evidente a constante inserção de elementos históricos tradicionais, especialmente do Caribe e da França, oriundos de um extenso processo de pesquisa e estudo da autora. Esses elementos adquirem força e riqueza de detalhes, no entanto, à medida que são enriquecidos pelo coro de vozes “não oficiais” de suas personagens ancestrais. Nesse contexto, *Mes quatre femmes* propõe reflexões de caráter não apenas estético e documental, mas também social, uma vez que evidencia, por um lado, a subjugação concreta e factual presente nos testemunhos que compõem a narrativa e, por outro, a violência decorrente da eliminação de sujeitos políticos e históricos.

4.1 AS PEQUENAS HISTÓRIAS EM *MES QUATRE FEMMES*

Conforme apresentado previamente, questionamentos e problematizações acerca de temas que perpassam recortes de raça, gênero e classe, bem como as ressonâncias da violência colonialista e das travessias atlânticas, sobretudo compulsórias, permeiam toda a produção literária de Gisèle Pineau. Adicionalmente, é relevante destacar as diversas menções a experiências à margem durante conflitos armados entre a França e outras nações, incluindo antigas colônias, principalmente durante as grandes guerras. Esse aspecto se relaciona diretamente ao engajamento de antepassados homens da autora nas Forças Armadas Francesas, mas incide, literariamente, especialmente sobre as mulheres.

Ademais, sob a perspectiva histórica, *Mes quatre femmes* também contém importantes depoimentos sobre tragédias climáticas ocorridas em Guadalupe, como o terremoto de 1837 e o ciclone de 1928, além da transformação do arquipélago em

departamento ultramarino, em 1946. Eventos marcantes para movimentos negros antilhanos e globais, como a independência da República Democrática do Congo em 1960, e as repercussões dos assassinatos de Malcolm X em Nova York em 1965, e de Martin Luther King em Memphis em 1968, também são mencionados.

São diversos os vestígios memorialísticos individuais, mas também coletivos e culturais, integrados à obra. Com o objetivo de evidenciar a associação proposta neste estudo, proponho uma breve análise de alguns trechos, com foco em dois momentos específicos: o processo de colonização e escravização nas Antilhas; e as vivências dos antilhanos durante as Guerras Mundiais.

4.1.1 Sistema colonial-escravista nas Antilhas

Os franceses tomaram posse da região antilhana em 1635 e nela estabeleceram um modelo econômico exploratório semelhante ao adotado no Brasil, baseado no cultivo de cana-de-açúcar e na utilização de mão de obra escrava. Entre as particularidades desse sistema, destaca-se a implementação do *Code Noir*, uma legislação composta por 60 artigos, elaborada pelo então ministro Jean-Baptiste Colbert e promulgada por Luís XIV, que vigorou de 1685 a 1848 em todas as colônias francesas. Durante todo o século XVIII, o *Code Noir* permaneceu em vigor sem enfrentar oposição significativa, mesmo entre os pensadores mais libertários (Figueiredo, 1998).

No final do século XVII, das 40 mil pessoas que viviam nas Antilhas Francesas, mais de 26 mil eram negros, cerca de nove mil eram brancos, e os demais eram mestiços ou, em número bastante reduzido, descendentes de grupos indígenas remanescentes. Conforme apontado anteriormente, as memórias desse período constituem um dos aspectos mais significativos da obra de Gisèle Pineau, pois refletem a transmissão contínua de lembranças, traumas e temores que atravessaram gerações. Esses elementos vêm à tona principalmente nas palavras da personagem Angélique, como no seguinte trecho:

Angélique conheceu a escravidão. Ela sabe que os homens dominadores sabem usar o chicote, mas não têm medo de colocar as mãos nas meninas púberes. Angélique tinha 14 anos quando o Sieur Jean-Féréol Pineau penetrou em sua carne pela primeira vez. Ele já

tinha 28 anos. Ela era apenas uma criança (Pineau, 2007, p. 114)⁷⁷.

À luz dos ideais libertários da Revolução Francesa, a escravidão foi inicialmente abolida em Guadalupe em fevereiro de 1794. No entanto, essa abolição foi restabelecida pouco tempo depois, em 1802 por Napoleão Bonaparte. No texto de Pineau, encontramos importantes registros sobre a experiência vivida pelos escravizados durante esse período:

Embragados por sua liberdade, os negros acreditaram nela de todo o coração. Eles fugiram das habitações e correram loucamente, sempre em frente. Alguns até sonharam com um retorno à terra dos ancestrais. A África... a África de onde foram arrancados. Eles se aglomeravam ao longo da costa. Passavam dias lá, observando o mar, como se esperassem por um barco. Infelizmente, as velas deslizavam no horizonte e não se importavam com suas ilusões⁷⁸ (Pineau, 2007, p.70).

Em seguida, a narração continua:

Durante esse tempo, os senhores não ficaram de braços cruzados. Eles moviam céus e terras e clamavam que viam os quatro olhos da miséria em suas propriedades sem negros. Diziam que essa nova lei não era cristã e que estavam sendo destroçados ao serem privados de seus gados. Havia todos esses campos de cana abandonados, toda essa riqueza perdida. [...] Eles choraram muito, jurando que os negros eram uma raça selvagem que só entendia a linguagem do chicote. Bestas selvagens que precisavam ser domesticadas... Então, na França, muito, muito longe, do outro lado do mar, homens poderosos os ouviram. Eles ordenaram o restabelecimento da escravidão⁷⁹ (Pineau, 2007, p.70-71).

⁷⁷ No original: *Angélique a connu l'esclavage. Elle sait que les hommes dominateurs savent user du fouet mais ne craignent pas de poser leurs mains sur les filles pubères. Angélique avait quatorze ans quand le Sieur Jean-Féréol Pineau pénétra sa chair pour la première fois. Il avait déjà vingt-huit ans. Elle n'était qu'une enfant.*

⁷⁸ No original: *Ivres de leur liberté, les nègres y avaient cru de toute leur âme. Ils avaient fui les habitations et couru fous, droit devant eux. Certains avaient même rêvé d'un retour au pays des ancêtres. L'Afrique... l'Afrique d'où on les avait arrachés. Ils s'étiolaient par grappe le long du rivage. Passaient des jours là, scrutant la mer, à croire qu'ils espéraient un bateau. Las, les voiles filaient à l'horizon et n'avaient que faire de leurs illusions.*

⁷⁹ No original: *Pendant ce temps, les maîtres étaient pas restés bras croisés. Ils remuaient ciel et terre et criaient qu'ils voyaient les quatre yeux de la misère sur leurs habitations sans nègres. Ils disaient que cette nouvelle loi était pas chrétienne et qu'on les étripait en les privant de leurs cheptels. Il y avait tous ces champs de canne laissés en friche, toute cette richesse perdue. [...] Ils ont pleuré tant et plus, jurant que les nègres étaient d'une race sauvage qui ne comprenait que la langue du fouet. Des bêtes féroces qu'il fallait domestiquer... Alors, en France, loin, loin, de l'autre côté de la mer, des hommes puissants les ont entendus. Ils ont ordonné le rétablissement de l'esclavage. Aujourd'hui, les nègres hélent à tous les vents qu'ils sont gens libres depuis 1848.*

À época, os escravizados que resistiam aos colonizadores e à opressão e escapavam com o objetivo de formar comunidades livres, bem como os recém liberados se revoltaram, eram chamados de *Nègres marrons* ou, em crioulo, *Nèg mawon*. Das comunidades *marrons*, surgiam ataques às plantações, cujo objetivo era libertar outros escravos e resistir ao sistema escravista. Alguns fragmentos desse período, com destaque para a insubmissão de escravizados, também são explorados no texto de Pineau:

A escravidão é oficialmente reestabelecida. Mas os negros se recusam a voltar aos ferros. Eles lutarão pela liberdade. Mesmo que essa liberdade seja mesquinha, eles a desejam de todo o coração. Eles a valorizam e não querem perdê-la novamente. Então as revoltas ressoam e aumentam nos lares. Para onde quer que se olhe, altas chamas vermelhas e colunas de fumaça negra sobem. As casas dos colonos são saqueadas e devastadas. Os mestres são caçados e estripados como animais selvagens. Sem piedade. Não, não há clemência para estes rejeitados da raça humana que colocam os seus irmãos em servidão... Não há lágrimas para esta espécie que só sabe chicotear, marcar com ferro, cortar tendões... Não há castigo para estas criaturas que rezam para Deus e o comercializam com o Diabo... Infelizmente, os negros fugitivos das plantações, rebeldes e *marrons*, não declararão vitória por muito tempo diante do espetáculo das plantações de cana queimadas. Eles ainda não sabem, mas estão testemunhando os choques finais de sua liberdade. E é a esperança que morre diante dos seus olhos⁸⁰ (Pineau, 2007, p. 151).

Somente em 1848, as Antilhas Francesas testemunham a abolição definitiva por intervenção do francês Victor Schœlcher. Este marco representou a libertação de 87 mil pessoas escravizadas em Guadalupe (Figueiredo, 1998). Podemos observar que o processo formativo das Antilhas foi muito semelhante ao americano, especialmente no que se refere à mercantilização de seres humanos, à dependência da mão de obra africana e às muitas violências da colonização. Também convém lembrar que, no âmbito literário, a escravidão foi silenciada na maioria das obras que

⁸⁰ No original: *L'esclavage est officiellement rétabli. Mais les nègres refusent de retourner dans les fers. Ils vont se battre pour la liberté. Même si cette liberté est pingre et boscotte, ils la désirent de toute leur âme. Ils la chérissent et ne veulent plus la perdre. Alors les révoltes grondent et enflent sur les habitations. Partout où porte le regard, s'élèvent de hautes flammes rouges et des colonnes de fumée noire. Les demeures des colons sont pillées, dévastées. Les maîtres sont pourchassés et étripés comme des bêtes fauves. Sans pitié. Non, pas de clémence pour ces rebuts du genre humain qui mettent leurs frères en servitude... Pas de larmes pour cette espèce qui ne sait que fouetter, marquer au fer, trancher jarrets... Pas de peine pour ces créatures qui prient Dieu et commercent avec le Diable... Las, les nègres échappés des plantations, rebelles et marrons, ne crieront pas longtemps victoire au spectacle des cannaies incendiées. Ils ne le savent pas encore, mais ils assistent aux ultimes soubresauts de leur liberté. Et c'est l'espoir qui agonise sous leurs yeux.*

se inserem na tradição literária canônica. Neste enquadramento, é expressivo refletir a forma como a grande literatura colabora com a obliteração da violência do processo colonizador ao, de um lado, mostrar o contato entre colonizadores e colonizados de forma apaziguadora; e, de outro, deixar de fora personagens subalternizadas, indígenas, negras, mestiças.

Nessa continuidade, é relevante observar que as palavras de Gisèle Pineau abrangem também importantes aspectos da condição feminina da época ao delinear personagens tiranos não apenas de pessoas escravizadas, mas também de mulheres. Dessa forma, ela cria espaços para a subjetividade feminina no registro de um momento histórico em que mulheres eram, na extensa maioria das vezes, objetos da escrita de homens. Em uma tradição literária que se criou a partir da exclusão de identidades e de manifestações feministas, anti-escravistas e abolicionistas, abrir espaço para narrativas como a aqui apresentada se trata, portanto, de um movimento necessário.

4.1.2 Primeira e Segunda Guerras Mundiais

Outro ponto que chama a nossa atenção faz referência ao olhar das personagens para os eventos vivenciados durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Essas disputas, embora protagonizadas na História oficial pelos revolucionários europeus, também foram marcadas pela resistência dos povos antilhanos. Uma vez integrados à França, muitos guadalupenses passaram a integrar o serviço militar, participando de diversos conflitos, nos quais eram usados como “*chair à canon*”, expressão de origem francesa para se referir a pessoas que são consideradas descartáveis em um conflito bélico (Pineau, 2007).

Durante a Primeira Guerra Mundial, 52 mil antilhanos partiram em direção à Europa a fim de integrar as forças francesas que lutavam contra os alemães. Destes, 30 mil perderam a vida no conflito. Embora este conflito não receba tanto destaque na obra, selecionamos o trecho a seguir, no qual Julia reflete a situação de seu esposo, ex-combatente no conflito:

Quantos jovens antilhanos partiram com ele? Nesta Primeira Guerra Mundial, estimamos o número de 25.000... 25.000 crioulos incorporados nos exércitos da República e desembarcados na Europa para retomar a Alsácia e a Lorena dos alemães. Tal como as

numerosas tropas dos quatro cantos do império colonial, eles participaram em todas as batalhas, em cada ofensiva... Nós os vimos, valentes soldados, na Batalha do Marne em 1914. Nós os vimos em Artois, em Champagne e nos Dardanelos durante todo o ano de 1915. Nós os vimos, bandos de conquistadores negros do Velho Mundo, atravessando o Somme em 1917. Nós os vimos cair em Verdun em 18. Caindo como moscas. Mortos em posturas odiosas, esquartejados, desmembrados, desfigurados... Tão longe de suas ilhas e sem asas para retornar. E aqueles que, na lama, despiram os cadáveres, perguntando-se o que a guerra tinha feito às suas almas, tiraram dos bolsos desses moribundos cartas de amor e postais das Antilhas, fotos retocadas de mulheres negras, lenços brancos perfumados, pentáculos e orações, cruzes douradas e ervas para proteção⁸¹ (Pineau, 2007, p. 83).

Também no primeiro ano da Segunda Guerra, homens das colônias da França e da Grã-Bretanha, sobretudo africanas, foram convocados a lutarem pelos Aliados. Muitos foram capturados pelo exército nazista, separados dos demais e usados para o propósito das pesquisas a fim da identificação da “raça superior”. De 1940 a 1943, o arquipélago de Guadalupe foi colocado sob o governo do Governador Constant Sorin, associado ao governo liderado pelo Marechal Philippe Pétain e representante da administração de Vichy, colaboracionista nazista, estabelecida na França após a ocupação alemã em 1940. Contrários à administração de Vichy, muitos guadalupenses e martinicanos dissidentes juntaram-se à resistência e às Forças Francesas Livres por meio das ilhas vizinhas de língua inglesa, como seria o caso do pai de Gisèle Pineau.

Nas Antilhas, ele [de Gaulle] é apelidado de General Micro e o ouvimos com paixão porque ele encarna a resistência, a liberdade e a dignidade do Homem. General Micro, ele é um grande negro marron, sussurram as famílias reunidas. [...] Em Guadalupe, os tempos são difíceis e os negros se tornam novamente negros aos olhos dos brancos. Adeus, igualdade dos homens defendida pelos valores republicanos. Trabalho, Família, Pátria são as novas palavras de ordem. Qualquer manifestação de apoio ao General de Gaulle é punível com internamento, prisão no Forte Napoléon ou rejeição

⁸¹ No original: *L'esclavage est officiellement rétabli. Mais les nègres refusent de retourner dans les fers. Ils vont se battre pour la liberté. Même si cette liberté est pingre et boscotte, ils la désirent de toute leur âme. Ils la chérissent et ne veulent plus la perdre. Alors les révoltes grondent et enflent sur les habitations. Partout où porte le regard, s'élèvent de hautes flammes rouges et des colonnes de fumée noire. Les demeures des colons sont pillées, dévastées. Les maîtres sont pourchassés et étripés comme des bêtes fauves. Sans pitié. Non, pas de clémence pour ces rebuts du genre humain qui mettent leurs frères en servitude... Pas de larmes pour cette espèce qui ne sait que fouetter, marquer au fer, trancher jarrets... Pas de peine pour ces créatures qui prient Dieu et commercent avec le Diable... Las, les nègres échappés des plantations, rebelles et marrons, ne crieront pas longtemps victoire au spectacle des cannaies incendiées. Ils ne le savent pas encore, mais ils assistent aux ultimes soubresauts de leur liberté. Et c'est l'espoir qui agonise sous leurs yeux.*

para a Ilha do Diabo, ao largo da costa da Guiana, nesta colônia penal da qual não há retorno. As Antilhas Francesas vivem na época de Vichy. Racionamento, repressão, ressentimento e resignação são o pão de cada dia. A partir de outubro de 1940, os americanos impuseram um bloqueio às antigas colônias. Passadas para o inimigo, situadas nas rotas marítimas que conduzem ao Canal do Panamá, Guadalupe e Martinica ocupam de fato um lugar estratégico no tabuleiro de xadrez da guerra. Os navios da metrópole não chegam mais. As plataformas estão vazias. Não há mais mercadorias. Não há mais alimentos vindos da França. Não há mais gás. Não há mais farinha de trigo. Em dois tempos, nos pontões desertos, vemos os estivadores se arrastando, esperando um barco da Venezuela, um esquife da Dominica, um navio com bandeira holandesa ou chinesa. Cansados de esperar, eles retornam rapidamente ao campo, abandonando a cidade em seu vale faminto. Nestes tempos de escassez, o sal vale ouro e a cana-de-açúcar não adoça os dias⁸² (Pineau, 2007, p. 89-91).

Em um outro trecho sobre o casamento de Gisèle, lemos a seguinte descrição, também fazendo referência a Constant Sorin:

Neste 17 de setembro de 1942, o sol brilha no horizonte. Não há lágrimas nem coroas fúnebres. Apenas rendas brancas e flores para onde quer que você olhe. Quem poderia dizer que as bombas caem sobre a velha Europa e que o Governador Sorin, capanga coroado do Marechal Pétain, faz reinar o terror em Guadalupe? Quem pensaria que os tempos são restritivos?⁸³ (Pineau, 2007, p. 22).

No trecho, Pineau aborda o contraste entre a atmosfera festiva e as realidades sombrias associadas ao governo de Vichy. Na sequência, lemos:

⁸² No original: *Aux Antilles, on le surnomme Général Micro et on l'écoute passionnément parce qu'il incarne la résistance, la liberté, la dignité de l'Homme. Général Micro, c'est un grand nègre marron, chuchotent les familles assemblées autour des postes à galène. [...] En Guadeloupe, les temps sont rudes et les nègres redeviennent des nègres dans le regard des Blancs. Adieu, l'égalité des hommes prônée par les valeurs républicaines. Travail, Famille, Patrie sont les nouveaux mots d'ordre. Toute manifestation de soutien au général de Gaulle est passible d'internement, d'emprisonnement au fort Napoléon ou de relégation à l'île du Diable, au large de la Guyane, en ce bagne d'où l'on ne revient pas. [...] Les Antilles françaises vivent à l'heure vichyssoise. Rationnement, répression, ressentiment et résignation font le pain quotidien. Dès le mois d'octobre 1940, les Américains imposent un blocus aux vieilles colonies. Passées à l'ennemi, situées sur les routes maritimes qui mènent au canal de Panama, Guadeloupe et Martinique occupent en effet une place stratégique sur l'échiquier de la guerre. Les navires de la métropole n'arrivent plus. Les quais sont vides. Plus de marchandises. Plus de denrées venues de France. Plus d'essence. Plus de farine de froment. Un deux temps, sur les pontons désertés, on voit traîner les dockers, espérant un bateau du Venezuela, une yole de Dominique, un navire battant pavillon hollandais ou chinois. Las d'attendre, ils s'en retournent bien vite dans leurs campagnes, abandonnant la ville à sa faim-vale. En ces temps de disette, le sel vaut de l'or et le sucre de canne n'adoucit pas les jours.*

⁸³ No original: *En ce 17 septembre de l'année 1942, le soleil brille à l'horizon. Il n'y a ni pleurs ni couronnes mortuaires. Seulement des dentelles blanches et des fleurs partout où porte le regard. Qui pourrait dire que les bombes pleuvent sur la vieille Europe et que le gouverneur Sorin, sacré suppôt du maréchal Pétain, fait régner la terreur en Guadeloupe ? Qui oserait penser que les temps sont à la restriction ?*

Eu lembro, sussurra Gisèle, que quando a música parou, os convidados nos cumprimentaram rapidamente. Eu lembro... Eles estavam com medo. Era como se estivessem acordando de um sonho bonito demais, imaginando o que estavam fazendo ali, naquele salão de baile, enquanto o mundo estava em guerra e o futuro era incerto. Vejo novamente os rostos preocupados, os sorrisos desaparecidos, os olhares de pânico e as bocas trêmulas pronunciando palavras de cabeça para baixo. Tínhamos que voltar sem demora para não cruzar com os *gendarmes* e os cães de Sorin. [...] Em certo momento, não sei por que, visões de negros *marrons* passaram pela minha mente. Pensei em uma história que *Bonne-Maman* nos contou. Essa história de escravidão, da época em que *Compère Lapin* trabalhava nos canaviais. Vi nossos ancestrais sendo perseguidos por cães com mandíbulas babando. Vi negros dançando sob a mordida do chicote. Vi outros pendurados em árvores, fazendo caretas enquanto suas vidas se acabavam⁸⁴ (Pineau, 2007, p. 23).

Neste ponto, nos deparamos com a convergência de diferentes momentos registrados na memória cultural antilhana: na memória recente da personagem, as dificuldades enfrentadas durante a guerra, com toque de recolher e força policial militarizada, em seu passado, as memórias da escravidão que eram contadas por *Bonne-Maman*. Nesse sentido, é interessante pensar sobre como o cerceamento de liberdade e a opressão vinculam ambas as memórias, transformando-as em matéria para o texto de Gisèle Pineau, no futuro.

Esses são alguns exemplos da inserção de testemunhos na obra. Também achamos pertinente mencionar que as próprias personagens tensionam a existência de uma grande História e de pequenas histórias, individuais, familiares, comunitárias, trazendo, em seus rememorações, reflexões que dialogam com perspectiva benjaminiana, como no seguinte trecho:

À grande História, elas preferem as histórias de vida costuradas com os fios brancos do destino, os fios vermelhos do amor e dos sonhos. Mais cedo, Daisy teve uma conversa muito séria com Angélique.

⁸⁴ No original: *Je me souviens, murmure Gisèle, quand la musique s'est éteinte, les invités nous ont salués vitelement. Je me souviens... Ils avaient peur. On aurait dit qu'ils se réveillaient d'un trop beau rêve, se demandant ce qu'ils fichaient là, dans cette salle de bal, alors que le monde était en guerre et les lendemains incertains. Je revois les visages inquiets, les sourires disparus, les regards affolés et les bouches molles portant des paroles sens dessus dessous. Fallait rentrer sans tarder pour ne pas croiser les gendarmes et les chiens de Sorin. [...] À un moment, je ne sais pourquoi, des visions de nègres marrons m'ont traversé l'esprit. J'ai pensé à un conte que nous disait Bonne-Maman. Ce conte de l'esclavage, du temps où Compère Lapin travaillait dans les champs de canne. J'ai vu nos aïeux poursuivis par des molosses aux mandibules baveuses. J'ai vu des nègres sauter la gigue sous la morsure du fouet. J'en ai vu d'autres pendus aux arbres, grimaçant la vie envolée.*

Esta última sustentou firmemente que as duas estavam intimamente ligadas. A grande História e a pequena história. Seria até impossível dissociá-las. Cada um aqui embaixo estava sujeito à primeira. Cada um nesta terra, durante seu tempo, arrastava correntes e sofria com a grande História combinada lá em cima por um bando de espíritos malignos⁸⁵ (Pineau, 2007, p. 152).

4.2 MEMÓRIA, TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA

Considerando que, ao abordarmos a questão da memória, estamos tratando de um aspecto fundamentalmente emocional, é importante ter em mente que ela não recupera os fatos ocorridos no passado, mas sim uma representação que busca preencher lacunas por meio daquilo de mais forte que ficou desses fatos. Esse processo se realiza por meio da imaginação e de reflexões que só podem ser geradas no presente, ainda que de forma fragmentária e extremamente frágil. Não obstante, a memória narrada também pode se tornar uma expressão política, opondo-se ao esquecimento ou mesmo ao apagamento do passado.

À vista disso, é pertinente considerar o domínio literário, assim como as artes de maneira geral, como meios para conceber e instigar outras formas de existência e resistência, reivindicando identidades que não necessariamente estão vinculadas aos discursos dominantes. Segundo Benjamin (1985, p. 223)

o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos todos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.

Nessa continuidade, podemos associar as memórias transgeracionais da obra de Gisèle Pineau à redenção histórica proposta por Walter Benjamin. Isso ocorre à medida que as palavras da escritora intervêm no presente, promovendo o reconhecimento de dores, lutas e reivindicações do passado. Nesse sentido, a escrita representa um ponto de ruptura com a linearidade tradicionalmente

⁸⁵ No original: *À la grande Histoire, elles préfèrent les histoires de vie cousues des fils blancs du destin, des fils rouges de l'amour et des rêves. Tantôt, Daisy a eu une conversation très sérieuse avec Angélique. Cette dernière soutenait mordicus que les deux étaient intimement liées. La grande Histoire et la petite histoire. Qu'il était même impossible de les dissocier. Chacun, ici-bas, était assujetti à la première. Chacun, sur cette terre, durant son temps, traînait des chaînes et pâtissait de la grande Histoire combinée là-haut par une bande de mauvais esprits.*

estabelecida e assume o papel de continuidade da vida, ao imortalizar experiências que, sem esse registro, permaneceriam ocultas na Grande História.

Para desenvolver esse pensamento, retomamos os apontamentos de Walter Benjamin (1985) e recorreremos, também, às ideias de Márcio Seligmann-Silva no artigo *Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes* (2008), relativamente à construção individual da narrativa do trauma e de sua componente coletiva, uma vez que, especialmente nas catástrofes históricas, “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (Seligmann-Silva, 2008, p.103).

Convém mencionar que Benjamin redigiu suas *Teses* durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto tentava escapar da perseguição nazista. Por sua vez, Seligmann-Silva fundamenta sua argumentação com base notadamente nos estudos de Levi (1988) e Laub (1995), também voltado a narrativas do Holocausto, embora alguns trechos façam referência a situações de genocídio na Ásia e na África e aos efeitos das ditaduras na América Latina. Ambos os autores, homens e brancos, abordam principalmente catástrofes vinculadas a um mesmo período histórico. No entanto, e considerando as diferenças que cada contexto apresenta em sua singularidade, sugerimos uma aproximação, visando os pontos que os textos aqui apresentados têm em comum: trauma, memória e narrativa literária.

4.2.1 Testemunho e trauma

Primordialmente, é relevante reconhecer, no testemunho do trauma: 1) uma ação intrínseca ao processo terapêutico de cura, no âmbito da psicanálise; e 2) uma necessidade às condições de sobrevivência e à sobrevivência de grupos sociais perpassados por diferentes formas de violência. Também, compreendê-lo, na perspectiva benjaminiana, como uma maneira de atribuir materialidade verbal a indivíduos, situações e acontecimentos que foram silenciados tanto pela experiência traumática quanto pelo transcurso usual da História, atribuindo temporalidade a realidades interrompidas ou suspensas no tempo.

Seligmann-Silva (2008) salienta que o testemunho do trauma é, sempre, uma performance testemunhal marcada pelo tempo presente. Nesse sentido,

o ato de testemunhar tem o seu valor em si, para além do valor documental ou comunicativo deste evento. A cena do testemunho, se o testemunho de fato acontece, é sempre e paradoxalmente externa e interna ao evento narrado. Interna porque em certo sentido não existe um “depois” absoluto da cena traumática, já que esta justamente é caracterizada por uma perenidade insuperável. Por outro lado, o testemunho é externo àquela cena traumática na medida em que ele cria um local meta-reflexivo. Ele exige um certo distanciamento. (Seligmann-Silva, 2008, p.103).

Existe, portanto, uma relação subjetivamente cronológica entre a internalização e a externalização do trauma, por meio da qual o testemunho, ao transformar o trauma em memória, torna-se um meio de aproximação entre sobreviventes e a “outridade” composta pela parcela da humanidade alheia parcial ou inteiramente ao acontecimento traumático original. Nessa lógica, compete frequentemente aos sobreviventes o engendramento ulterior do testemunho daqueles que sofreram situações de violência e, seja por não estarem suficientemente “distantes” do evento, seja por terem sucumbido ao mesmo, não conseguem narrá-lo em sua completude.

Nessa mesma perspectiva, ao criticar a postura dos historiadores tradicionais, Benjamin defende o conceito de uma “universalidade da História” que visa a integração de vozes, olhares e acontecimentos grandes e pequenos que foram suprimidos. Para o autor, a História não é definitiva e, longe disso, ainda está aberta, uma vez que “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (Benjamin, 1985, p. 224).

Seligmann-Silva complementa esse pensamento ao afirmar que a narração do trauma “tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (Seligmann-Silva, 2008, p. 102). Consoantemente, poderíamos atribuir como segundo sentido o de entendimento e de elaboração do mundo visando a universalidade da História proposta por Benjamin, ou seja, uma abertura para que vítimas de violência possam se transformar em sujeitos de suas próprias vivências. Às artes, e mais especificamente à literatura, enquanto linguagem distanciada do momento exato do evento traumático, caberia, portanto, a construção de pontes entre a subjetividade do inenarrável e a necessidade de seu evidenciamento. Nessa lógica, a imaginação e a fabulação se destacam como um meio para a narração, de modo que “a literatura é convocada diante do trauma para prestar-lhe serviço” (Seligmann-Silva, 2008, p.106).

Ambos os autores também exploram a existência de políticas da memória que, frequentemente acompanhadas pelo negacionismo e pelo enaltecimento dos considerados vitoriosos, consistem em tentativas – geralmente bem-sucedidas – de eliminação do ponto de vista dos vitimados, os derrotados. Esse movimento é constante, contínuo, ininterrupto e cada vez mais normalizado nas narrativas do terror, uma vez que “os algozes sempre procuram também apagar as marcas do seu crime” (Seligmann-Silva, 2008, p.111).

No âmbito jurídico, por exemplo, há esforços para a conciliação entre os indivíduos traumatizados por violências e a sociedade; no entanto, essas iniciativas não garantem uma efetiva reintegração do passado à vida presente. Assim sendo, Seligmann-Silva (2008) reforça que mesmo o Direito não está isento de parcialidades. E mais,

enquanto um modo de pensar falocêntrico calcado no discurso da comprovação e da atestação, ou seja, do testemunho como *testis*, o terceiro em uma cena de litígio, e não como *superstes*, discurso de um sobrevivente, o direito tende a não garantir espaço para a fala muitas vezes fragmentada e plena de reticências do testemunho do trauma (Seligmann-Silva, 2008, p.114).

À vista disso, e considerando também as características emocionais, fragmentárias, errantes, fraturadas e incompletas desses testemunhos, o autor reforça que “é na literatura e nas artes onde esta voz poderia ter melhor acolhida”, não necessariamente como “dispositivo testemunhal em massa para populações como as sobreviventes de genocídios ou de ditaduras violentas”, mas como um caminho possível para o reconhecimento de histórias individuais e coletivas, uma História universalizada (Seligmann-Silva, 2008, p.114).

4.2.2 Os testemunhos na narrativa de Pineau

Ainda de acordo com Seligmann-Silva (2008), “assim como falamos de narrativa testemunhal, também deve-se pensar em uma arte testemunhal, ou seja, em práticas imagéticas do testemunho” (Seligmann-Silva, 2008, p.110). Há, portanto, um teor de irrealidade característico da percepção da memória do trauma que entra em conflito com a realidade do restante do mundo, perceptível na obra de Pineau,

especialmente nos trechos fictícios em que a performance testemunhal está associada à incompreensão e à irrealidade dos fatos vividos.

Ainda, em *Mes quatre femmes*, a relação afetiva da autora com suas personagens-testemunhas interfere na narrativização da memória, diferenciando-a do testemunho “cru” e amalgamando diferentes discursos e linguagens. Gisèle Pineau reproduz o caráter emocional da memória ao optar por uma narrativa caleidoscópica, frágil e fragmentada, perpassada por ficções que, em certa medida, preenchem as lacunas inerentes ao esquecimento. Por isso, o testemunho narrado surge como forma de resistência às diversas políticas de esquecimento e apagamento que reverberam em sociedades diferentes, mas codependentes entre si. Por meio da ancestralidade e da escrita literária, essas mulheres têm suas vozes e seus espaços reivindicados. Não se trata, portanto, apenas de um olhar externo, pois a obra traz reminiscências da vida da autora por meio da genealogia e, também, das reverberações dos eventos narrados na contemporaneidade. Pineau não é apenas ouvinte e relatora dos testemunhos; é, também, e ainda que em dimensões diferentes, sujeito constitutivo dessas narrativas.

À vista disso, é importante sublinhar de um lado, no relato dessas sobreviventes, componentes constitutivos da história antilhana com suas respectivas questões sociais, culturais e identitárias; e, por outro, o papel da autora como articuladora entre as narrativas passadas e a presentificação, em sua literatura, de uma memória que também é coletiva. Desse modo, trata-se de uma obra que representa uma comunidade na mesma medida em que reconhece sujeitos de autoria de mulheres negras como protagonistas em um mundo indiscutivelmente masculinizado e embranquecido.

Nesse contexto, a palavra escrita desponta como forma de documentação, de resistência à historicidade tradicional e de continuidade de muitas pequenas histórias, na mesma medida em que a literatura é, também, uma forma de instauração e reivindicação de existências e identidades que não estão necessariamente vinculadas àquilo que é, de fato, documental. Sobre isso, Benjamin reforça que “nunca existiu um monumento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um monumento da barbárie” (2008, p. 225). De certa forma, podemos concluir que Gisèle Pineau unifica em suas quatro mulheres barbáries que foram descontinuadas por uma série de processos históricos excludentes:

Ao vê-las, diriam que elas temem ser queimadas, perfuradas, cortadas por alguma arma afiada, cutelo, facção, alabarda de uma época passada. Assustadas com os ruídos vindos de fora, elas amarram as mãos e todos os membros juntos. Formam uma única criatura trêmula, acidentada, abominável, provida de quatro cabeças, embaraçada por múltiplos braços e pernas emaranhadas, asas e pétalas amassadas⁸⁶ (Pineau, 2007, p.11).

4.2.3 As muitas mulheres de Gisèle Pineau

Neste trabalho, buscamos mostrar que a História se cria a partir de grandes eventos que são narrados, sempre, pelos dominadores; e não por meio dos pequenos instantes que resistiram à dominação. Recuperar esses instantes no âmbito das artes é uma forma de contribuir com a visibilidade das narrativas consideradas minoritárias. Nessa lógica, é importante lembrar que pessoas marginalizadas se mantêm à margem devido à deficiência do sistema capitalista que, dentre outros problemas, privilegia apenas alguns grupos da sociedade.

Neste enquadramento, além de representar uma voz significativa entre as mulheres escritoras, negras, antilhanas, Gisèle Pineau também coloca a mulher como centro de suas narrativas. Sua produção é um amplificador de outras vozes, pois ao relatar vivências de suas antepassadas, a autora assume seu compromisso com memórias individuais e coletivas, expondo acontecimentos que não podem, nem devem, ser esquecidos. Em relação a esse ponto, Kilomba (2019) indaga:

O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca selada? E o que o sujeito branco teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se a/o colonizada/o falar, a/o colonizadora/or terá que ouvir e seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o “Outro”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas e mantidas guardadas, como segredos. [...] Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (p. 41).

Muitas de suas obras retratam mulheres comuns das Antilhas lutando contra violência estruturais, acentuando crises existenciais e questionamentos. Pensar a significância dessas narrativas não apenas como forma de documentação histórica,

⁸⁶ No original: *À les voir, on dirait qu'elles craignent d'être brûlées, transpercées, pourfendues par quelque arme tranchante, coutelas, machette, hallebarde d'une époque révolue. Apeurées par les bruits qui montent du dehors, elles nouent leurs mains et tous leurs membres ensemble. Ne forment plus qu'une seule créature tremblante, bosselée, abominable, pourvue de quatre têtes, embarrassée de multiples bras et jambes emmêlés, ailes et pétales froissés.*

mas também como reivindicação de identidades que foram suprimidas e deslocadas é fundamental. Noção esta que perpassa o reconhecimento coletivo de que vêm sendo negados às minorias – em geral, toda existência que não seja masculina, branca, heterossexual, ocidental e das elites – seu papel na construção de subjetividades, inclusive literárias.

As quatro mulheres apresentadas em *Mes quatre femmes* passaram por diferentes formas de violência, como: abusos sexuais e psicológicos, objetificação, animalização, maternidade compulsória e privação do direito reprodutivo. Além disso, todas representam a violência imposta historicamente às mulheres negras, consideradas sempre como trabalhadoras e reprodutoras. Nesse sentido, o matrimônio representa, para essas mulheres, uma segunda forma de escravização, uma vez que suas vidas são restritas ao ambiente doméstico, às tarefas da casa e à criação dos filhos, sendo oprimidas por seus companheiros, os “mestres” do lar.

No tocante às mulheres, predominou por muitos anos nas literaturas um modelo que reitera, em muitos sentidos, o enclausuramento e a criação de papéis pré-determinados, mantendo-as sempre afastadas da vida intelectual e das decisões práticas em uma sociedade criada por homens. Dessa forma, tanto na realidade quanto na ficção, até muito recentemente, mulheres pertenciam a um contexto outro de experiências, geralmente limitado aos espaços privados, à vida doméstica e à maternidade. Nessa perspectiva, identifico na escrita de Gisèle Pineau um ponto de ruptura crucial em uma lógica que incide com ainda mais violência na subjetividade de mulheres negras antilhanas, integrando, dessa forma, muitas outras mulheres.

Nesse contexto, mesmo nos tempos atuais, é notório que a vida de pessoas negras está constantemente subjugada à de pessoas brancas, assim como a vida das mulheres está, quase sempre, subjugada à dos homens. No âmbito literário, via de regra, as mulheres são frequentemente associadas a um objeto de representação masculina, e não a sujeitos de seu próprio processo representativo. Por isso, é essencial pensar criticamente a relação entre sociedade e literatura, e entre a literatura e as representações de ordem identitária, cultural, espacial e política, enquanto recurso, também, de legitimação de discursos. E, ainda, pensar a palavra escrita como um meio para que muitos desses discursos sejam presentificados, reconhecidos, lidos, ouvidos e ampliados, não apenas de forma individualizante e centrada em uma única voz, por vezes isolada, mas principalmente coletiva, diversa e plural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha imersão nas Antilhas Francesas teve início em 2018 e, desde então, tem me proporcionado um processo contínuo de desconstrução e aprendizado, que de forma alguma considero finalizado. A redação deste trabalho permitiu-me retornar a uma região que conheci sem pretensões acadêmicas e, simultaneamente, descobrir uma parte dessa mesma região que me era desconhecida: Guadalupe.

Em uma de suas falas recentes, Gisèle Pineau relatou que, após uma conversa significativa com o escritor Édouard Glissant, passou a olhar para a sua “falta de nacionalidade” não mais como uma fraqueza, mas como uma riqueza, considerando que cada pessoa que se desloca carrega consigo experiências únicas e, dessa forma, enriquece as culturas ao seu redor⁸⁷. Em sintonia com Glissant e com Pineau, acredito que as narrativas da autora se desenvolvem por meio de uma profusão de espaços, referências e percepções que engrandece não apenas a história de seus antepassados e de seus próprios caminhos, mas também a de um tipo específico de literatura, a antilhana.

À medida que avançava na elaboração deste trabalho e após muitas horas lendo e ouvindo a própria Gisèle Pineau, com sua cadência crioula distintiva, passei a perceber e reconhecer nela a representação mais autêntica e genuína de uma mulher antilhana e, como ela mesma se define, guadalupense. Seu texto literário e sua voz foram minhas principais referências para a elaboração da pesquisa aqui apresentada. Não apenas pela qualidade e precisão factual de sua prosa, mas também por se tratar, ela mesma, de uma importante porta-voz da história caribenha e de suas reverberações até os dias atuais, percepção esta que espero ter mostrado ao longo destas páginas.

Conforme desenvolvido desde a introdução desta dissertação, as sociedades antilhanas são resultado da mescla de influências africanas, indígenas, asiáticas e europeias. Além dos horrores destacados, essas regiões também foram exploradas em seu potencial produtivo e serviram como destino para europeus indesejados. Além disso, as estruturas econômicas, políticas e intelectuais mantêm uma interdependência com a França Metropolitana, resultando na prescrição direta e indireta por uma visão de mundo eurocêntrica. De forma que, de maneira geral, a

⁸⁷ Trata-se, neste caso, da entrevista ao *Centre de la Francophonie des Amériques* (2022) previamente mencionada.

literatura desses territórios é considerada à margem da tradição predominante. Nesse contexto, também busquei abordar um recorte específico de gênero, uma vez que a intelectualidade feminina antilhana enfrenta desafios para ser reconhecida em um ambiente predominantemente europeu, branco e masculino.

Uma vez que a humanidade está em constante transformação, acredito que essas mudanças se refletem na nossa forma de pensar e, também, de enunciar. Vivemos um momento de ebulição de movimentos sociais que reivindicam, legitimamente, novas formas de enxergar o mundo. É essencial à diversidade a compreensão de que diferentes sujeitos produzem diferentes discursos mesmo quando pertencem a um mesmo grupo identitário. À vista disso, enxergo nas obras de Gisèle Pineau elementos integradores de subjetividades que, por muito tempo, não pertenciam verdadeiramente aos registros oficiais.

Seguindo essa mesma linha, encontrei em sua literatura uma abordagem de pensamento que considero bastante benjaminiana, na qual a escuta atenta de pequenas histórias se revela fundamental para a compreensão de uma Grande História. Nesse sentido, convém mencionar que

o falar e o silenciar emergem como um projeto análogo. O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutoras/es. [...] Ouvir é, neste sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que “pertencem”. E aquela/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que “não pertencem” (Kilomba, 2019, p. 42-43).

Nessa lógica, espero ter problematizado, à luz sobretudo da percepção empírica de Pineau e da conceitualização de Benjamin, que nossa História reproduz diferentes formas de inferiorização, discriminação e repressão que, a longo prazo, resultam em políticas de esquecimento e silenciamento. A formação tradicional do transcurso histórico, bem como literário, se desdobrou por meio de uma perspectiva dominante que silenciou vozes e relegou existências à margem.

É preciso compreender e investigar a significância dessas vozes não apenas como forma de documentação histórica, mas também como reivindicação de identidades, subjetividades e memórias que foram suprimidas e deslocadas no tempo e no espaço. Para tanto, a criação e manutenção de espaços para a difusão

de produções realizadas por mulheres – sem que sejam desconsiderados, no entanto, aspectos e circunstâncias que independem do gênero – é fundamental.

Após anos de investigação, ao concluir este ciclo, percebo que as complexidades e dicotomias das Antilhas Francesas derivam de lacunas históricas, linguísticas e epistemológicas que estão gradualmente sendo preenchidas pelas pesquisas realizadas nesse campo. Espero, de forma direta e indireta, portanto, ter mostrado a relevância dos estudos nesse domínio e, quem sabe, contribuído com temáticas que possam inspirar novas aproximações entre as culturas brasileira e franco-antilhana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Karolyne Porpino de. **As tessituras do exílio e do imaginário crioulo em L'Exil selon Julia, de Gisèle Pineau**. 2023.

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: _____. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **El coleccionismo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : EGodot, Argentina, 2022. 118 p. Traducción de: María Tellechea ; Martina Fernández Polcuch.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. **Éloge de la créolité**. Paris: Gallimard, 1993. Tradução: Magdala França Vianna. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cdrom/chamoiseau/index.htm>>. Acesso em: 2 maio 2022.

BERND, Zilá; SOARES, Tanira Rodrigues. Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual. In: **Alea: Estudos Neolatinos**, vol. 18, núm. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016, pp. 405-421. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v18n3/1517-106X-alea-18-3-0405.pdf>>.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme: suivi de Discours sur la Négritude**. Paris: Présence Africaine, 2004.

CONDÉ, Maryse. **La parole des femmes**. Paris: Éditions l'Harmattan, 1993.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EDUFF, 1998.

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. In: **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: **Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe e Ásia**. Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 23 maio 2017. Semestral.

PINEAU, Gisèle. **Folie, aller simple: Journée ordinaire d'une infirmière**. Paris: Philippe Rey, 2009.

_____. **L'Exil selon Julia**. Paris: Stock, 1996.

_____. **Mes quatre femmes**. Paris: Philippe Rey, 2007.

____. **Un papillon dans la cité**. Paris: Éditions Sépia, 1992.

Cultures Sud : L'engagement au féminin. Paris: Cultures Sud, v. 172, 01 mar. 2009.

REBEIX, Stéphanie. Du fantastique au réalisme merveilleux dans deux romans de Gisèle Pineau : Chair Piment et Cent vies et des poussières. In: MAHY, Fanny (comp.). **Les Cahiers du GRELCEF : fantastique, étrange et merveilleux dans les productions francophones**. 9. ed. London: Grelcef, 2017. Cap. 11. p. 159-178.

ROCHA, Vanessa Massoni da. Eu tinha pena de mim, de mainha, de vó: violência doméstica contra mulheres em Gisèle Pineau e Jarid Arraes. In: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana Persice (org.). **Literaturas Francófonas VII: debates interdisciplinares e comparatistas**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2023. p. 519-545.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes**. In: Gragoatá. Niterói, n. 24, p. 101-117, 1. sem. 2008.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Centro e margens: notas sobre a historiografia literária**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea – n. 32, pp. 127-141, jul./dez. 2008.

REFERÊNCIAS ON-LINE

ALLIANCE FRANÇAISE DE PARIS. **En français dans le texte avec Gisèle Pineau**. YouTube, 22 de outubro de 2022. 1h11min45s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N3i8MRAPUJQ>>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

BIBLIOTHÈQUE DES AMÉRIQUES. **10 questions à Gisèle Pineau**. Disponível em: <https://www.bibliothequedesameriques.com/actualites-litteraires/portraits-dauteurs/10-questions-gisele-pineau?fbclid=IwAR1FcSUFJQWri1miCnaBN_V6TcPjMGUuszJyyT385egGMAeMgTzocckN6yv>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CFAMERIQUES. **Noires Amériques 2e édition 2 fev 2022 Gisèle Pineau**. YouTube, 12 de abril de 2023. 1h06min19s. Disponível em: <<https://youtu.be/ggblyZkELao>>. Acesso em 19 de agosto de 2023.

FÉDÉRATION BRÉSILIEENNE DES PROFESSEURS DE FRANÇAIS. **Conversation avec l'écrivaine Gisèle Pineau**. YouTube, 16 de maio de 2023. 1h55min15s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0XxKUjHf1NU>>. Acesso em 19 de agosto de 2023.

FÉDÉRATION BRÉSILIEENNE DES PROFESSEURS DE FRANÇAIS. **Mesa 01: Gisèle Pineau: breve fortuna crítica brasileira**. YouTube, 16 de maio de 2023. 1h50min07s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hNTZ9N-960I>>. Acesso em 19 de agosto de 2023.

GENEANET. **Joseph Dit Léo PINAU**. Disponível em: <<https://gw.geneanet.org/dmonlouis?lang=pt&pz=luc+dit+coco&nz=nocandy&p=joseph+dit+leo&n=pinau>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GENEANET. **Paul François Louis PINAU**. Disponível em: <<https://gw.geneanet.org/dmonlouis?lang=pt&n=pinau&nz=nocandy&oc=5&p=paul+francois+louis&pz=luc+dit+coco>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

LAMESLÉE, Valérie Marin. Gisèle Pineau : en mémoire des mortes. La romancière renoue par l'écriture le lien avec ses ancêtres. **Le Monde**. Paris. 19 abr. 2007. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/04/19/gisele-pineau-en-memoire-des-mortes_898254_3260.html>. Acesso em: 13 jan. 2024.

TOSON, Gabrielle. Francesa, Antilhana, Africana. **Parêntese**. Porto Alegre. 3 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/ensaios-fotograficos/gabrielle-toson-martinica/>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

1ÈRE OUTRE-MER. **FRANCOSPHERE : Gisèle Pineau**. YouTube, 21 de setembro de 2018. 26min38s Disponível em: <<https://youtu.be/09pTTcYuctY>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

VERBETES

GEÔLE. In DICTIONNAIRE de l'Académie Française. Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9G0565>>. Paris: 1980.

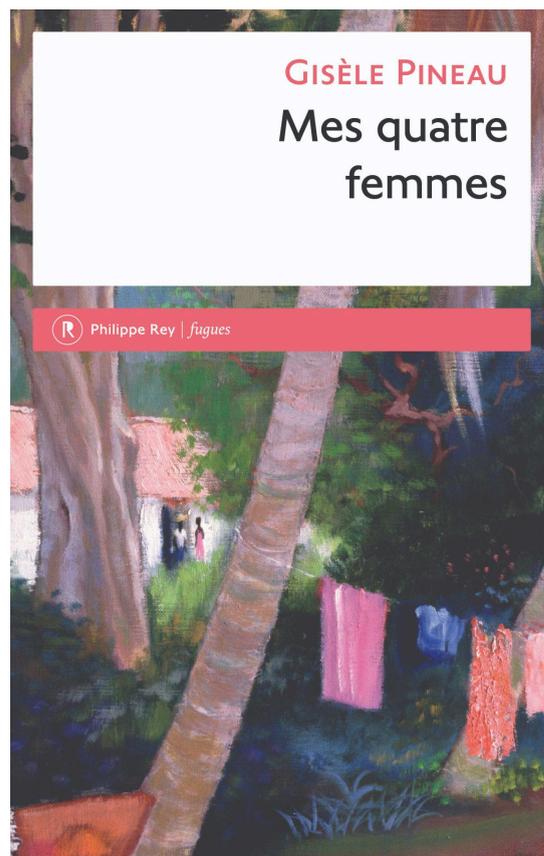
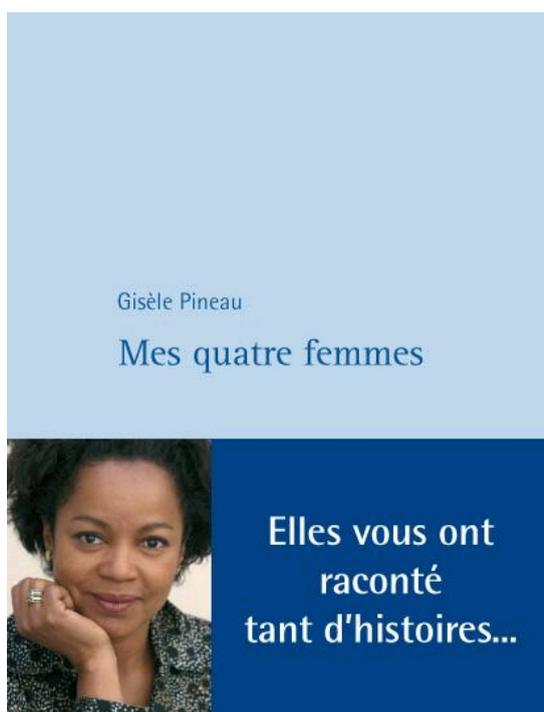
OUTRE-MER. In DICTIONNAIRE de l'Académie Française. Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9O0999>>. Paris: 1980.

RÉCIT. In DICTIONNAIRE de l'Académie Française. Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9R0887>>. Paris: 1980.

RÉCIT. In DICTIONNAIRE du Littéraire. Paris: 2002.

ANEXO A - DOCUMENTO ELETRÔNICO

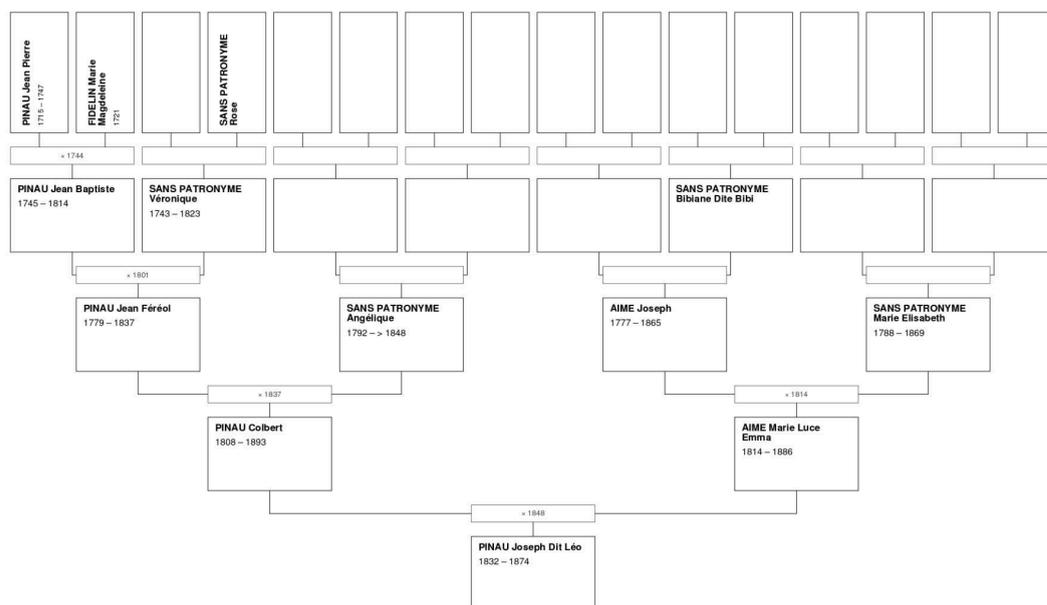
À esquerda, a capa da primeira publicação de *Mes quatre femmes*, de 2007, na qual lemos “elas contaram tantas histórias a você(s)...”. À direita, a capa da reedição de 2021. Philippe Rey, fevereiro de 2024.



ANEXO B - DOCUMENTO ELETRÔNICO

Árvore genealógica de Joseph Pinau, filho de Colbert Pinau e Marie-Luce Aimé, gerada na plataforma Geneanet. Destacamos que os sobrenomes Pinaut, Pinault, Pinau e Pineau aparecem em diferentes registros fazendo referência a uma mesma linhagem familiar, indicando mudanças nas grafias utilizadas ao longo dos anos. Por isso, à parte da mudança na escrita do sobrenome, acreditamos se tratarem dos personagens citados em *Mes quatre femmes*.

Árvore genealógica de Joseph Dit Léo PINAU



ANEXO C - DOCUMENTO ELETRÔNICO

Árvore genealógica de Paul François Louis Pinau, descendente de Joseph Pinau, gerada na plataforma Geneanet. Embora não conste na imagem, o site indica o casamento de Paul com Julia Roman, chamada de “Man Ya”. Destacamos que os sobrenomes Pinaut, Pinault, Pinau e Pineau aparecem em diferentes registros fazendo referência a uma mesma linhagem familiar, indicando mudanças nas grafias utilizadas ao longo dos anos. Por isso, à parte da mudança na escrita do sobrenome, acreditamos se tratarem dos personagens citados em *Mes quatre femmes*.

Árvore genealógica de Paul François Louis PINAU

